

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O CASO SAMARCO NO JORNAL NACIONAL:
narrativa e personagens do maior desastre socioambiental do Brasil**

Douglas Elias Carvalho

Porto Alegre, 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**O CASO SAMARCO NO JORNAL NACIONAL:
narrativa e personagens do maior desastre socioambiental do Brasil**

Douglas Elias Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello

Porto Alegre, 2018

Douglas Elias Carvalho

**O CASO SAMARCO NO JORNAL NACIONAL:
narrativa e personagens do maior desastre socioambiental do Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Finger Costa – PUCRS

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello – UFRGS (orientador)

Prof. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi – UFRGS

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto – UFRGS

Às vítimas do caso Samarco

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e, em especial, aos meus pais (Silvana e Elias), pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador, Professor Doutor Flávio Antônio Camargo Porcello, pela acolhida no PPGCOM e pelos inúmeros ensinamentos, que foram fundamentais em meu mestrado.

Aos Professores Doutores Cristiane Finger Costa, Ilza Maria Tourinho Girardi e Luiz Artur Ferraretto, pelas valiosas contribuições a esta pesquisa e pelo aprendizado que me proporcionaram nos últimos dois anos.

Aos colegas do PPGCOM, pelas proveitosas trocas de ideias e pelo compartilhamento de sonhos e realizações.

Aos estudantes da disciplina Fundamentos da Entrevista Jornalística, na qual realizei estágio docência em 2017/2, por me ensinarem tanto.

Aos colegas da Assessoria de Comunicação Social da Corsan, pelo incentivo constante e por compreenderem minhas ausências.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, me ajudaram nesta caminhada.

Entre a paisagem
o rio fluía
como uma espada de líquido espesso.
Como um cão
humilde e espesso.

Entre a paisagem
(fluía)
de homens plantados na lama;
de casas de lama
plantadas em ilhas
coaguladas na lama;
paisagem de anfíbios
de lama e lama.

Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado.

Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz.
É quando de um pássaro
suas raízes no ar.
É quando a alguma coisa
roem tão fundo
até o que não tem).

(João Cabral de Melo Neto, O cão sem plumas)

RESUMO

Esta dissertação analisa a narrativa do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, sobre o caso Samarco. Iniciado com o rompimento de uma barragem de mineração localizada no município de Mariana, em Minas Gerais, o acontecimento é o maior desastre socioambiental do Brasil. A partir da premissa de que uma narrativa se desenvolve por meio das ações de seus personagens, o trabalho visa investigar que sentidos emergem da construção de personagens e papéis na cobertura do telejornal sobre o assunto. A fundamentação teórica da pesquisa aborda o processo de transformação de um acontecimento em notícia, a cobertura jornalística de desastres socioambientais e as características da narrativa do telejornalismo. Em complemento à abordagem do tema, é apresentado ainda um breve histórico do caso Samarco. Por meio de Análise de Conteúdo, são examinadas reportagens do programa à luz de referenciais sobre narrativa e dramaturgia do telejornalismo, com ênfase nas formas pelas quais personagens e papéis são acionados e construídos. Conclui-se que o telejornal conferiu às vítimas o protagonismo da história narrada e outorgou o papel de principal vilã à Samarco, preservando as suas controladoras (Vale e BHP Billiton). Também se constata que o *JN* apresentou informações superficiais e descontextualizadas sobre o caso, em uma abordagem não comprometida com o interesse público.

Palavras-chave: Caso Samarco; Desastre Socioambiental; Narrativa; Personagens; Telejornalismo; Jornal Nacional.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the narrative of *Jornal Nacional* (Rede Globo) about Samarco case, the biggest socio-environmental disaster in Brazil, that started from the burst of a mining dam in Mariana, Minas Gerais. Based on the premise that a narrative is developed through the actions of its characters, the research intends to investigate which meanings emerge from the construction of characters and roles in television news about that subject. The theoretical foundation is about the process of transforming an event into news, the journalistic coverage about socio-environmental disasters and the characteristics of the telejournalistic narrative. As a complement, a brief history of Samarco case is presented. Through Content Analysis, news reports are examined based on references about narrative and dramaturgy of the telejournalism, with a focus on how characters and roles are activated and built. The dissertation concludes that the program gave the leading roles to the victims and the main villain's one to Samarco, preserving its controllers (Vale and BHP Billiton). Besides that, the coverage presented superficial and decontextualized information, which demonstrates lack of commitment to the public interest.

Keywords: Samarco Case; Socio-environmental Disaster; Narrative; Characters; Telejournalism; Jornal Nacional.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantitativo de conteúdos do <i>Jornal Nacional</i> sobre o caso Samarco	50
Tabela 2 – <i>Corpus</i> de análise	54
Tabela 3 – Ficha de transcrição da 1ª reportagem	56
Tabela 4 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 1ª reportagem	59
Tabela 5 – Ficha de transcrição da 2ª reportagem	66
Tabela 6 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 2ª reportagem	70
Tabela 7 – Ficha de transcrição da 3ª reportagem	77
Tabela 8 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 3ª reportagem	80
Tabela 9 – Ficha de transcrição da 4ª reportagem	87
Tabela 10 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 4ª reportagem	89
Tabela 11 – Ficha de transcrição da 5ª reportagem	94
Tabela 12 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 5ª reportagem	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DO ACONTECIMENTO À NOTÍCIA	16
3 A COBERTURA DE DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS	23
4 A NARRATIVA DO TELEJORNALISMO	30
5 BREVE HISTÓRICO DO CASO SAMARCO	39
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
7 ANÁLISE DAS REPORTAGENS	56
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
9 REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE	115
ANEXO	116

1 INTRODUÇÃO

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.
(Manoel de Barros, *O livro sobre nada*)

Com a singular capacidade que a poesia tem de traduzir o imponderável, o verso acima foi escrito por um mato-grossense que amava a natureza e conhecia o valor da vida. Tal autor partiu em novembro de 2014, um ano antes da eclosão daquele que seria o maior desastre socioambiental da história de seu país. Um acontecimento tão real, triste e complexo que até parece ficção.

A tarefa de contar uma história com tamanha magnitude representa um desafio significativo para o Jornalismo. Estruturar relatos que façam sentido e que contemplem os múltiplos aspectos de uma tragédia demanda uma série de escolhas e estratégias. A presente dissertação busca compreender de que maneira o telejornalismo narra um desastre socioambiental. Para tanto, a pesquisa dedica-se a analisar reportagens do *Jornal Nacional (JN)*, da Rede Globo.

O interesse pelo assunto surgiu a partir de experiência profissional do pesquisador, que atua, há seis anos, na assessoria de comunicação da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan). Devido ao contato com a temática da água e da sustentabilidade no ambiente de trabalho, pensou-se em desenvolver, em nível de pós-graduação, uma pesquisa que abordasse a relação entre o Jornalismo e questões ambientais. A ideia do tema surgiu durante a entrevista de seleção para o mestrado, por sugestão dos Professores Doutores Ilza Girardi e Flávio Porcello, que viria a ser o orientador da pesquisa. Tal inquirição ocorreu em 24 de novembro de 2015, 19 dias após o início do caso Samarco. O assunto apareceu em meio à conversa e motivou, a partir daquele momento, a realização deste trabalho.

Cabe destacar que o desastre será referido, ao longo da dissertação, como “caso Samarco”. Optou-se por essa alcunha, em vez de “tragédia de Mariana” ou outra eventual denominação, por dois motivos principais: aludir ao desastre como sendo “de Mariana” reduz a sua grandiosidade, uma vez que a lama extravasou os limites da cidade mineira, atravessou dois estados brasileiros, percorrendo centenas de quilômetros, e chegou ao mar. A outra razão é o fato de que o uso da expressão “caso Samarco” visa explicitar o nome da empresa responsável pela barragem rompida.

Como será exposto posteriormente, trata-se de uma tragédia (não) anunciada, ou seja, os seus riscos eram sabidos pelos órgãos fiscalizadores, porém nunca foram noticiados pela imprensa antes do rompimento da barragem. Além disso, o desastre está longe de seu fim. Estimativas oficiais indicam que a recuperação dos danos ambientais levará cerca de uma década. Por essa e outras razões que serão elencadas no decorrer da pesquisa, o tema tem atualidade e merece pautar reflexões tanto na Academia como fora dela. Ao se inserir nesse debate, o presente trabalho espera fornecer subsídios válidos para se pensar os desastres e a sua cobertura jornalística.

Partindo da premissa de que uma narrativa se desenvolve por meio das ações de seus personagens, pretende-se direcionar o foco da dissertação aos atores que compõem a cobertura do *JN* acerca do maior desastre socioambiental do Brasil. Assim, este trabalho buscará responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneira os personagens e seus papéis contribuem para a construção da narrativa do telejornal sobre o caso Samarco?

O objetivo geral é investigar que sentidos emergem por meio da construção narrativa de personagens e papéis na cobertura do *JN* sobre o caso Samarco. A fim de operacionalizar esse propósito, foram estabelecidos três objetivos específicos: identificar que personagens a cobertura aciona e constrói; evidenciar os papéis desempenhados pelos personagens; e compreender que recursos dramaturgicos são empregados pela cobertura ao ancorar sua narrativa em personagens e papéis.

O referencial teórico da pesquisa está dividido em três eixos principais. O primeiro trata do processo pelo qual um acontecimento é transformado em notícia. No âmbito dessa temática, busca-se refletir sobre o conceito de acontecimento, os valores-notícia e as rotinas de produção jornalística, sob a perspectiva de que a narrativa noticiosa resulta de processos e construções. Nesse percurso bibliográfico, o trabalho aciona autores como Alsina (2009), Charaudeau (2007), Meditsch (1997; 2010), Rodrigues (2016) e Traquina (2002; 2016).

A segunda parte da fundamentação dedica-se a discutir a cobertura jornalística de desastres socioambientais. Inseridos no contexto da Sociedade de Risco (BECK, 2010), o conceito de desastre e o silenciamento do Jornalismo acerca de riscos socioambientais são problematizados, respectivamente, a partir de contribuições de Gilbert (1998) e Belmonte, Camana e Loose (2016). Também é enfocado, com base em Girardi, Loose e Camana (2015), o arcabouço de princípios que devem reger a prática do Jornalismo Ambiental.

As revisões teóricas da dissertação encerram-se com capítulo voltado à narrativa do telejornalismo, no qual se abordam o laço social da televisão (WOLTON, 1996) e a força

visual do veículo, vinculada aqui à noção de imagens-sintoma (CHARAUDEAU, 2009). No tocante à construção do relato telejornalístico, empregam-se reflexões acerca de narrativa (MOTTA, 2010; 2013) e da dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2012). Na sequência, desenvolve-se uma contextualização sobre o *JN* e a Rede Globo, concluindo o capítulo – o qual é sucedido por um breve histórico do caso Samarco.

Após a apresentação dos referenciais que visam embasar as considerações analíticas, efetua-se a aplicação dos procedimentos metodológicos. Por meio da Análise de Conteúdo sistematizada por Bardin (2011), são examinadas cinco reportagens do *JN*, que foram ao ar no período entre a saída da lama de Mariana até a sua chegada ao oceano. Tal investigação fundamenta-se, principalmente, em reflexões de Coutinho (2012) acerca da presença de personagens e papéis na narrativa telejornalística. As conclusões obtidas a partir desse estudo narrativo são expostas nas considerações finais da dissertação.

A fim de se mapear a produção científica que pudesse contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa, foi averiguada a existência de eventuais teses e dissertações que verssem sobre o caso Samarco. Como fontes de pesquisa¹, foram consultados o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Realizaram-se buscas pelos termos “Samarco”, “desastre(s) (socio)ambiental(is)” e “Jornal Nacional”.

No *site* da Capes, que retornou o maior número global de registros entre os bancos consultados, foram encontrados 123 trabalhos cujo objeto envolve, sob algum aspecto, a mineradora Samarco – a maior parte anterior à tragédia e relacionada aos campos da Engenharia e das Geociências. Nesse portal verificou-se também alto índice de pesquisas acerca de desastres socioambientais (184, cuja maioria vincula-se às áreas de Direito, Engenharia e Ciências Ambientais) e sobre o *JN* (231). As expressões “Samarco”, “desastre(s) (socio)ambiental(is)” e “Jornal Nacional” apresentaram, na BDTD, 71, 113 e 169 resultados, respectivamente.

Até o fechamento desta dissertação (janeiro de 2018), foram concluídos 12 trabalhos finais de pós-graduação centrados no caso Samarco². Desse conjunto, três foram desenvolvidos em programas de pós-graduação em Comunicação e outros dois utilizam o discurso produzido pelo Jornalismo como objeto para pesquisas filiadas a outras searas de

¹ Disponíveis em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/>> (Capes) e <<http://bdtb.ibict.br/vufind/>> (BDTD). Acesso em: 5 jan. 2018.

² Os 12 trabalhos dividem-se em 11 dissertações e somente uma tese. Tal desproporção se explica pelo fato de que o desastre completou dois anos em novembro passado e um doutorado costuma durar aproximadamente quatro anos, o dobro do tempo habitual de um mestrado.

conhecimento – o que totaliza cinco trabalhos, que serão relacionados a seguir. As demais pesquisas que abordaram o tema pertencem às áreas de Administração (em dois casos), Ciências Contábeis, Economia, Engenharia Ambiental, Psicologia Social e Serviço Social.

No mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), Bárbara Miano apresentou, em 2017, a dissertação “Comunicação organizacional e efeitos pathêmicos do discurso. Caso Samarco: um mar de lama ou de emoções?”. Na pesquisa, a autora analisou o discurso institucional da mineradora em sua ação de comunicação “É sempre bom olhar para todos os lados”, enfocando os modos pelos quais a referida campanha acionou aspectos emocionais do desastre como estratégia de recuperação da imagem da empresa. Também defendido no ano passado, o trabalho “Os desafios para a relação das organizações com a sociedade conectada: um estudo dos comentários no Facebook da Samarco após o acidente em Mariana (Minas Gerais, Brasil)” é de autoria de Mariana Carareto Alves, que obteve o título de mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). A fim de discutir os desafios do mundo corporativo frente à possibilidade, ampliada pelas mídias sociais, de o público responder às atitudes organizacionais, a dissertação examina comentários postados em publicações da página da Samarco no Facebook.

A terceira pesquisa produzida sobre o caso em programas de Comunicação intitula-se “Jornalismo em processo: dinâmicas da cobertura socioambiental na imprensa brasileira”. Trata-se de tese elaborada por Janaina Sarah Pedrotti, no doutorado em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Defendido em 2016, o trabalho reflete sobre o fazer jornalístico sob a ótica dos Estudos Processuais. Nesse sentido, investiga os processos de criação de jornalistas envolvidos na produção de reportagens de temática socioambiental, bem como as inter-relações entre esses profissionais – para tanto, são analisadas as coberturas dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Folha do Estado (MT) acerca do caso Samarco e de demarcações de terras indígenas no Mato Grosso.

Duas pesquisas externas ao campo da Comunicação também trataram do tema. Ana Paula Campos Fernandes graduou-se mestre em Gestão Integrada do Território, na Universidade Vale do Rio Doce (Univale), com o trabalho “Vertentes territoriais do Rio Doce: o rompimento da barragem de Fundão e a cobertura jornalística do Diário do Rio Doce”. Apresentada em 2017, a dissertação buscou compreender, à luz dos Estudos Territoriais, de que modo as matérias do veículo apresentam o manancial como território. A segunda produção é do mestrado em Estudos de Linguagens, do Centro Federal de Educação

Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG). Por meio da pesquisa “Ciberjornalismo: a retextualização da notícia instantânea no Estado de Minas”, defendida em 2016, Flávio Ernani da Costa discutiu de que modo as práticas de publicação e atualização de notícias no *site* do jornal acionaram estratégias para retextualizar – ou seja, gerar novos textos a partir de um discurso-base – as informações sobre a tragédia.

Deve-se mencionar ainda que, no tocante à cobertura de desastres socioambientais, um dos trabalhos encontrados oferece à presente dissertação proveitosos pontos de diálogo. Apresentada em 2014, no mestrado em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a dissertação “Do desastre para o risco: qualidade na cobertura em revistas semanais de informação”, de Juliana Frandalozo Alves dos Santos, analisa o tratamento dado pelas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* a tragédias socioambientais ocorridas em 2008 e 2011, em Santa Catarina e na região serrana do Rio de Janeiro, respectivamente. Tais desastres foram ocasionados por altos volumes de chuvas com consequentes deslizamentos de terra e enchentes. Embora conclua que as matérias factuais desenvolvidas sobre esses temas tenham cumprido satisfatoriamente seu papel, a pesquisadora destaca que a abordagem jornalística sobre catástrofes tende a ser apenas reativa. Ao encontro de perspectiva defendida nesta dissertação, Santos (2014) afirma que, ao não tratar de desastres sob a ótica de sua prevenção, o Jornalismo falha à medida que silencia sobre a gestão e a redução de riscos socioambientais.

A realização do estado da arte demonstrou que, no âmbito de programas de pós-graduação em Comunicação, foram concluídos três trabalhos sobre o caso Samarco. Deve-se creditar esse baixo número à recência do assunto. Entre o trio de produções encontradas, duas vinculam-se aos estudos de Comunicação Organizacional e a terceira analisa processos de trabalho de jornais impressos. À medida que se soma a esse pequeno grupo, a presente pesquisa deverá ser uma das primeiras a tratar de quatro aspectos do caso Samarco: a) a *narrativa* sobre esse desastre; b) produzida pelo *telejornalismo*, c) por meio do *JN*, d) com análise sobre os *personagens* dessa cobertura.

2 DO ACONTECIMENTO À NOTÍCIA

Acontecimento é ruptura. Para que algo possa acontecer, deve surgir da tessitura da normalidade como uma eclosão, qual uma barragem se rompendo. Previsto ou não, o acontecimento tem a capacidade de agregar um novo sentido à realidade e necessita estar inserido em um contexto espaciotemporal determinado. Constitui-se, para Adriano Duarte Rodrigues (2016, p. 51), em “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”.

Em meio à infinidade de acontecimentos possíveis, nem todos contêm pertinência jornalística. Rodrigues (2016) estabelece uma relação direta entre a previsibilidade de um fato e a sua probabilidade de ser noticiado. De acordo com o autor, quanto mais imprevisível for uma ocorrência, maiores são as chances de se transformar em notícia. Em razão de tal especificidade, o acontecimento classificado como jornalístico integra, no entendimento de Rodrigues (2016), um grupo limitado dentro de um conjunto amplamente maior. Na perspectiva defendida pelo pesquisador, cabe ao Jornalismo a tarefa de organizar o fluxo inconstante e desordenado de situações ocorridas no mundo, à semelhança do papel exercido pelo pensamento mítico nas sociedades tradicionais. Posto que o racional está vinculado ao previsível, a notícia recorta, traduz e racionaliza as incongruências da contemporaneidade.

Na visão de Patrick Charaudeau (2007), a seleção e a construção das notícias são realizadas pela mídia a partir de três características potenciais do acontecimento: a atualidade, a socialidade e a imprevisibilidade. A primeira remete ao que é imediato e/ou contemporâneo, no sentido de que o surgimento do fato e a sua transmissão não se distanciem no tempo; a segunda está relacionada ao conhecimento que o público tem acerca do teor de uma notícia, que deve se inscrever em um conjunto de saberes comuns; e a terceira diz respeito ao que não se espera, ao surpreendente.

A transformação do mundo em relato é, para Charaudeau (2007, p. 94), um processo que envolve um “universo de discurso”, o qual abarca um fato referencial, a sua reconstrução no âmbito da linguagem e a ressignificação gradual do seu sentido. O pesquisador assinala que os sujeitos praticam um ato de “tematização” ao recortar um aspecto da realidade para explorá-lo semanticamente. Destaca também que um fenômeno em estado bruto faz parte do “mundo a comentar” e que tal ocorrência, a partir do momento em que se torna inteligível por meio de um discurso, passa a compor o “mundo comentado” – e este, por sua vez, se submete

ao olhar e à interpretação de seu receptor, em uma dinâmica de construção contínua (CHARAUDEAU, 2007, p. 94).

Partindo da premissa de que o acontecimento configura sempre uma construção, Charaudeau (2007, p. 99) chama de “processo evenemencial” o conjunto de fatores que levam um fato do mundo a receber um sentido linguístico e social. Esse processo, na avaliação do autor, é formado por três etapas: uma *modificação* no estado das coisas, em que uma ruptura desequilibra o andamento de um sistema; a *percepção* dessa saliência por um sujeito, que precisa não apenas detectá-la, mas também compreendê-la como uma mudança; e a *significação* dessa ocorrência por tal sujeito, com o intuito de inseri-la em um contexto de significados coletivos.

Na produção de uma notícia, a busca pela verdade deve passar necessariamente pelo filtro interpretativo do jornalista. Conforme Daniel Cornu (1999, p. 327), o tratamento das informações que se pretenda objetivo não deve visar à neutralidade, uma vez que “a própria realidade é brutal, excessiva, conflitual”. Ressaltando a complexidade da prática jornalística, Cornu (1999, p. 337) considera que a abordagem sobre um acontecimento deve conjugar “as três ordens da informação: a observação, a interpretação e a narração”. Em uma comparação entre os profissionais de Jornalismo e de História, o pesquisador constata que a principal distinção entre ambos reside no objeto de trabalho: a atualidade para o primeiro, o passado para o segundo.

O jornalista tem como tarefa a observação do notável num mundo em perpétua mudança. Tenta compreendê-lo e explicá-lo. Move-se por definição no provisório e, mesmo sem que o procure, pode acontecer que a sua informação tenha por efeito influir no curso dos acontecimentos. (CORNU, 1999, ps. 331-332).

Ao identificar as razões pelas quais o Jornalismo constitui uma forma de conhecimento, Eduardo Meditsch (1997) resgata as importantes contribuições de Peter Berger e Thomas Luckmann (1966) acerca da construção social da realidade. Nesse contexto, o autor assinala, a partir de reflexões dos pensadores europeus, que o senso comum é o conhecimento compartilhado entre os homens em seu cotidiano. Corresponde ao “campo lógico da realidade dominante”, que circunscreve outras realidades – como a científica, por exemplo –, denominadas “campos finitos de significação” (MEDITSCH, 1997, p. 7). O conhecimento jornalístico é processado, de acordo com Meditsch (1997), no âmbito da realidade dominante. Representa-a por meio de noções pré-teóricas, o que o torna menos rigoroso do que a ciência.

Entretanto, o pesquisador considera que as práticas jornalísticas não devem visar ao método e à exatidão científicos. Tais práticas detêm, por exemplo, condições de mostrar elementos da realidade que fogem à percepção das ciências, ainda que a natureza do Jornalismo evite um aprofundamento na essência dos fenômenos e privilegie uma abordagem limitada aos aspectos manifestos do mundo.

Na investigação que desenvolvem acerca do Jornalismo como discurso sobre o real, Jean Charron e Jean de Bonville (2016) defendem que o campo jornalístico reúne uma série de propriedades que o diferenciam de outros discursos realistas. Entre elas, destacam-se o seu caráter institucional, a periodicidade e a especificidade do seu objeto. Para os autores, o senso comum é a matéria-prima do real jornalisticamente construído. Embora ressaltem a existência de gêneros que se distinguem pelo fato de proporem uma complexificação maior dos acontecimentos, como o jornalismo investigativo e o *new journalism* estadunidense, os pesquisadores postulam que o foco nas aparências caracteriza o objeto da prática jornalística.

Meditsch (1997) adverte que, pelo fato de estar intrinsecamente atrelado ao senso comum, o Jornalismo vincula-se sempre a um contexto, o qual confere sentido ao discurso. Argumenta que a ciência, ao separar o texto do seu contexto, facilita a acumulação e a sistematização dos conteúdos. Porém, o conhecimento jornalístico, na visão do autor, “é mais sintético e mais holístico” do que o científico (MEDITSCH, 1997, p. 9), no sentido de que deposita um enfoque e um interesse mais amplos e gerais sobre a realidade.

Também a partir da obra de Berger e Luckmann (1966), Meditsch (2010) discute, em outro trabalho acadêmico, o modo pelo qual o Jornalismo colabora para a interiorização da realidade junto ao público. Considerando a premissa de que, normalmente, o ciclo de vida do homem inclui as socializações primária (quando a criança descobre o mundo por si mesma e por meio da relação com seus entes mais próximos) e secundária (processo de integração da pessoa às instituições sociais), o autor entende que o Jornalismo desempenha um nível terciário de socialização, na medida em que exerce as funções de conservar e atualizar as realidades anteriormente internalizadas. O campo jornalístico, assim, é um dos vetores que influenciam o processo humano de percepção e compreensão do mundo. De acordo com Meditsch (2010), o Jornalismo participa da “produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, mas nunca isoladamente, porém em diálogo permanente com os demais atores sociais” (MEDITSCH, 2010, ps. 40 e 41).

Louis Quéré (2005), em análise sobre o poder hermenêutico do acontecimento, afirma que este pode ser compreendido como fim, se levada em conta a sua conjuntura causal, ou

como começo, se consideradas as consequências que pode desencadear. Para o autor, a interpretação de fatos tem a capacidade de conferir sentido a diversos campos problemáticos da realidade, ajudando a moldar esses campos (que podem estar relacionados a diversos aspectos da vida social, como família, saúde e segurança, por exemplo). Conforme Quéré (2005), o processo cognitivo relacionado à apreensão do acontecimento incide de maneira significativa sobre as pessoas, ao contribuir para o seu entendimento acerca do mundo e influenciar crenças, valores e comportamentos.

Na prática discursiva do Jornalismo, o acontecimento é o ponto de partida. Nesse sentido, conforme Charron e Bonville (2016), é papel do jornalista desenvolver um discurso realista acerca de um referente extraído da realidade. Devem orientar o trabalho jornalístico, segundo os pesquisadores, os imperativos da veracidade e da verossimilhança, a fim de se dar uma “convicção do real” a todos os atores sociais envolvidos na produção e no consumo de notícias (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 188).

O público crê na fidelidade do relato noticioso mediante a existência de um acordo tácito estabelecido com os veículos jornalísticos, que Miquel Rodrigo Alsina (2009, p. 48) define como um “contrato pragmático fiduciário”. Trata-se de um pacto de confiança, legitimador da credibilidade do Jornalismo. De modo mais abrangente, Charaudeau (2007, p. 68) postula que qualquer troca linguística se baseia na existência de um “contrato de comunicação”, segundo o qual os sujeitos envolvidos precisam compartilhar um arcabouço mínimo de referências necessárias para que o ato comunicativo tenha condições de se concretizar.

A partir de proposições de Anthony Giddens (1991), Luis Felipe Miguel (1999) reflete acerca da crença no Jornalismo mantida pelo público. Para isso, vale-se de conceito formulado pelo pensador britânico – o de “sistema perito”³, que consiste em um “sistema de excelência técnica cuja efetividade repousa na confiança depositada por seus consumidores” (MIGUEL, 1999, p. 197), ou seja, um conjunto especializado de saberes e práticas no qual a sociedade tende a acreditar. Miguel (1999, p. 199) entende o Jornalismo como um sistema perito, na medida em que o público desenvolve uma “atitude de confiança” em relação às notícias. Conforme o autor, tal atitude divide-se em três aspectos: confiança quanto a) à veracidade do relato jornalístico, b) à correção na escolha e na hierarquização das

³ Giddens (1991) problematiza a influência dos sistemas peritos no âmbito de um período histórico chamado, pelo autor, de “Modernização Reflexiva”, conceito que será retomado no capítulo seguinte, em uma reflexão sobre o papel dos riscos na ocorrência e na cobertura jornalística de desastres socioambientais.

informações contidas no relato e c) à justeza na seleção e na organização das notícias frente ao contexto geral de assuntos do mundo.

Nas rotinas jornalísticas, a opção por transformar determinados acontecimentos em notícias – e silenciar sobre outros – não é aleatória e depende de avaliações subjetivas dos profissionais envolvidos. Nelson Traquina (2002) estabelece uma classificação dos juízos acionados pelos jornalistas a) na eleição dos acontecimentos que serão noticiados (denominados pelo autor como valores-notícia de seleção) e b) no processo de elaboração do discurso noticioso (valores-notícia de construção). O primeiro grupo fragmenta-se em duas categorias: os critérios substantivos (fatores como a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado e o conflito) e os contextuais (circunstâncias como a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso). Já o segundo conjunto congrega elementos como a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância.

Os valores-notícia, segundo Mauro Wolf (2003), integram o conceito de noticiabilidade, compreendido pelo autor como o conjunto de critérios, práticas e recursos utilizados pelos veículos de comunicação para selecionar os acontecimentos que ganharão o estatuto de notícia. De acordo com Wolf (2003), os valores-notícia seguem cinco tipos de critérios: a) substantivos (relacionados ao interesse e à importância da notícia); e relativos b) às especificidades do produto informativo; c) ao meio de comunicação; d) ao público e e) à concorrência. Rodrigues (2016, p. 51), por sua vez, entende que há três “registros de notabilidade dos fatos”: o excesso, a falha e a inversão. O pesquisador ressalta ainda a existência de acontecimentos gerados e/ou estimulados pelo próprio discurso jornalístico, aos quais nomina como “meta-acontecimentos” (RODRIGUES, 2016, p. 54).

Conforme Harvey Molotch e Marilyn Lester (2016), há três agentes principais envolvidos no processo de condução do acontecimento ao patamar de notícia: os *news promoters*, responsáveis por identificar uma situação e oferecer-lhe condições de chegar ao conhecimento público; os *news assemblers* (repórteres, editores etc.), aos quais cabe interpretar o conteúdo disponibilizado pelos *promoters*, transformá-lo em relato e divulgá-lo por meio dos veículos de comunicação; e os *news consumers* (consumidores de notícias).

A partir dessa conceituação, os autores estabelecem uma tipologia dos acontecimentos públicos, dividindo-os entre os realizados intencionalmente e os que não se enquadram nessa característica. No primeiro grupo, encontram-se os acontecimentos de rotina, compreendidos por Molotch e Lester (2016) como aqueles gerados de forma intencional por suas fontes

(como uma coletiva de imprensa, por exemplo), e os escândalos, em que as fontes (ou os informantes) divergem das estratégias dos executores do acontecimento, aos quais não interessa a sua publicização. Já entre os acontecimentos não realizados intencionalmente, estão a descoberta (*serendipity*), relativa aos fatos tornados conhecidos de maneira acidental, e o acidente. Nesse último tipo, que também ocorre a despeito de qualquer intenção, os *news promoters* não são os mesmos atores que desencadearam o acontecimento – nesse caso, tais promotores são também os *news assemblers*.

Tomando por base uma concepção segundo a qual a construção da notícia se inicia com o acontecimento, Alsina (2009, p. 179) assinala que o trabalho jornalístico é composto por “rotinas informativas”, as quais servem para sistematizar minimamente a produção noticiosa. O trabalho informativo, na visão do autor, engloba as tarefas de selecionar os acontecimentos, hierarquizá-los (tanto no que se refere ao ato de categorizá-los entre os mais e menos relevantes, como no sentido de organizar a narrativa acerca de cada ocorrência) e tematizá-los, ou seja, inseri-los em um contexto temático e lançá-los à apreciação pública.

A organização jornalística também exerce influência sobre as rotinas de produção da notícia. De acordo com Alsina (2009), elementos como o ambiente de trabalho, as lógicas produtivas e os mecanismos de poder do veículo de comunicação podem interferir na atuação do jornalista. Traquina (2016) denomina tais fatores como “constrangimentos organizacionais”. Para ele, “as decisões tomadas pelo jornalista no processo de produção de notícias (*newsmaking*) só podem ser entendidas inserindo o jornalista no seu contexto mais imediato – o da organização para a qual ele ou ela trabalham” (TRAQUINA, 2016, p. 235). O pesquisador sustenta que a política editorial da organização é apreendida pelos profissionais e por eles transposta para o conteúdo produzido.

Os jornalistas utilizam, na avaliação de Traquina (2016), construções narrativas pré-determinadas para estruturar os relatos sobre acontecimentos. Um exemplo disso é o clássico modelo da pirâmide invertida, que visa responder às tradicionais perguntas sobre o que aconteceu, quem estava envolvido, além de quando, onde, como e por que tal fato ocorreu. O autor aponta ainda que, na tentativa de lidar com a imprevisibilidade, as empresas jornalísticas buscam impor uma ordem no espaço, por meio da cobertura de lugares e temáticas nos quais a ocorrência de acontecimentos é maior (e essa ocorrência pode se acentuar justamente devido à presença jornalística), e no tempo, estabelecendo um planejamento voltado aos eventos previamente agendados. A propósito, Traquina (2016) ressalta que o fator “tempo” carrega uma relevância profunda no trabalho jornalístico, marcado por uma valorização da atualidade

e por certas práticas consolidadas, como os horários de fechamento (*deadline*) e de veiculação dos noticiários.

Acontecimento de inegável interesse público, o desastre socioambiental, quando eclode, costuma receber ampla cobertura midiática. O capítulo seguinte procurará enfatizar aspectos latentes e manifestos desse tipo de fenômeno social, bem como problematizar as condições em que se dá a sua narrativa jornalística.

3 A COBERTURA DE DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS

O acentuado desenvolvimento da industrialização na Europa, a partir do século XVIII, ensejou a conflagração de uma era marcada por diversas mudanças sociais: a Modernidade (GIDDENS, 1991). Além de desencadear intensas transformações em âmbito global, o período moderno foi sempre marcado por frequentes questionamentos e atualizações. Essa condição de mutabilidade permanente, na conceituação proposta pelo autor, é a reflexividade, que “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 45).

Com base no conceito de Modernização Reflexiva, formulado por Giddens (1991), Ulrich Beck (2010) compreende o risco como peça-chave da Modernidade, uma vez que a sociedade industrial cria e legitima ameaças crescentemente danosas à humanidade. Nesse contexto, Beck (2010) afirma que se vive, atualmente, na Sociedade de Risco. Para o sociólogo alemão, os riscos derivam de atitudes e omissões individuais e/ou institucionais e somente podem ser enfrentados após uma adequada percepção social acerca de sua existência.

O risco é um dos elementos que devem ser levados em consideração quando se discute a cobertura jornalística de meio ambiente. Ricardo Garcia (2006) elenca quatro fatores usualmente presentes em notícias ambientais: parcela significativa dos temas relaciona-se a *processos longos*, como a exploração de minérios e as mudanças climáticas, por exemplo; a *incerteza científica*; a *complexidade técnica*, razão pela qual as nomenclaturas especializadas necessitam ser explicadas ao público; e a *noção de risco*. A esse conjunto de características, Roberto Villar Belmonte, Ângela Camana e Eloisa Belling Loose (2016) acrescentam outras duas: a maioria das pautas sobre meio ambiente diverge dos *interesses econômicos* de empresas poluidoras (as quais, frequentemente, anunciam em veículos jornalísticos e promovem iniciativas pretensamente a favor da sustentabilidade ambiental); e um problema ecológico costuma fomentar a ocorrência de *conflitos sociais*.

Na avaliação de Belmonte, Camana e Loose (2016), os seis fatores acima citados criam barreiras à inserção dos temas ambientais no debate público. No que se refere ao risco ambiental, os pesquisadores acrescentam que ele se destaca pela sua complexidade e não pode ser facilmente observado ou mensurado. Apontam que, devido a essas especificidades, ocorre um silenciamento sistemático de grande parte dos veículos de comunicação sobre riscos ambientais.

O jornalismo moderno parece preocupar-se com *fatós*, isto é, com o acontecimento já dado. Essa obsessão pelo real (que está conectada à busca pela verdade, como se essa fosse apenas uma) é fundante do próprio ofício. Nesse mesmo sentido, a busca do jornalismo por acontecimentos (catástrofes, desastres) impede que se cubram processos mais longos e não menos importantes. (BELMONTE; CAMANA; LOOSE, 2016, p. 9).

Conforme visto no capítulo anterior, a noção de acontecimento vincula-se à ideia de irrupção social, cabendo ao jornalista o papel de observar as mudanças que ocorrem na realidade e relatá-las ao público por meio de um veículo de comunicação (RODRIGUES, 2016; CORNU, 1999). Na medida em que fatores como a novidade e o inesperado exercem a função de valor-notícia (TRAQUINA, 2002), as pautas jornalísticas costumam se restringir ao que é visível e explícito.

De acordo com Alsina (2009), o Jornalismo tende a noticiar assuntos que partem de uma variação perceptível e que, por isso, se distinguem em meio à normalidade. Com base nessa reflexão do pesquisador europeu, Marcia Benetti (2010) considera que esse *modus operandi* afasta os jornalistas de temas que, embora tenham irrefutável gravidade, consolidaram-se historicamente como invariantes – em exemplos citados pela autora, “são os casos da fome, das desigualdades e das injustiças sociais, que contemporaneamente costumam ser percebidas como ‘parte do sistema’” (BENETTI, 2010, p. 146). Diante de rotinas informativas (ALSINA, 2009) que consagram uma abordagem imediatista e superficial, abrandando-se o interesse de veículos e jornalistas por temas ocultos e latentes, os quais demandam um tratamento mais aprofundado do que o habitual. Como destaca Traquina (2012, p. 29), “o Jornalismo está orientado para os acontecimentos e não para as problemáticas”.

Nesse sentido, os riscos ambientais, ainda que sejam de interesse público, cedem lugar a outros assuntos no noticiário. Conforme Maxwell McCombs e Donald Shaw (2000), o Jornalismo detém a capacidade de “agendar” assuntos que serão objeto de reflexão e de discussão junto ao público. “O agendamento é bastante mais do que a clássica asserção de que as notícias nos dizem *sobre o que é que devemos pensar*. As notícias dizem-nos também *como devemos pensar sobre o que pensamos*” (MCCOMBS; SHAW, 2000, p. 131, grifo dos autores). Os pesquisadores defendem que os enquadramentos dados à abordagem jornalística desempenham papel crucial nesse processo de influência junto aos receptores da informação, podendo atuar nos níveis intelectual e comportamental. Ao encontro do pensamento de Beck (2010), exposto no início deste capítulo, uma cobertura jornalística mais constante e adequada

sobre riscos ambientais poderia contribuir para a construção do debate público acerca dessa temática e para o seu posterior enfrentamento. Entretanto, as tragédias resultantes desses riscos, por exemplo, tendem a ser abordadas jornalisticamente apenas após a sua ocorrência – e não de modo antecipatório, sob o ponto de vista de sua prevenção. Para Belmonte, Camana e Loose (2016, p. 10), “ao silenciar os riscos, o Jornalismo não só se prepara para cobrir catástrofes, mas ele próprio é cúmplice do desastre”.

De acordo com Claude Gilbert (1998), três diferentes vias paradigmáticas propõem uma conceituação de desastre (compreendido aqui pela ótica de sua ocorrência como fenômeno social). A primeira considera-o como algo acarretado por um agente externo perigoso. Esse agente provoca danos a uma ou mais comunidades, que reagem a tais impactos. A partir da década de 1970, conforme o autor, esse paradigma sofreu contestações, principalmente sob o argumento de que o foco do conceito não deveria se voltar a externalidades ameaçadoras, mas sim às consequências que o desastre pode trazer às pessoas, individual e coletivamente. Com essa nova abordagem, desenvolveu-se a segunda proposição acerca do tema, segundo a qual problemas estruturais da sociedade – e não eventuais fatores externos – são as principais causas de desastres. Uma das teorias que embasam esse enfoque é a da Sociedade de Risco (BECK, 2010), mencionada anteriormente. Assim, o risco e o perigo não são entendidos como fatores inesperados, mas vistos na condição de elementos integrantes da estrutura social contemporânea, posto que derivados da intervenção humana e produzidos em meio ao contexto da Modernidade. Já o terceiro viés, segundo Gilbert (1998), analisa o desastre como fruto de um conjunto de incertezas fomentadas pelas instituições. Nesse caso, a incerteza pode surgir tanto da falta de comunicação como também do excesso de informações.

Carlos Lozano Ascencio, Maria Luisa Sánchez Calero e Enrique Morales Cabral (2017, p. 25, tradução nossa) salientam que, diante de desastres socioambientais, a narrativa jornalística costuma concentrar-se nos atributos manifestos do fato, descrevendo “os aspectos mais superficiais, chamativos e inclusive estéticos do que aconteceu no centro do transtorno”. Ao proceder desse modo, o jornalista, conforme os pesquisadores, procura estabilizar primeiro o seu próprio impacto psicológico perante a tragédia – para depois produzir um relato sobre o ocorrido e, assim, tentar contribuir para o restabelecimento do equilíbrio emocional do público.

Ao frisar que o processo de significação do desastre é tributário da subjetividade humana, Ascencio, Calero e Cabral (2017, p. 23, tradução nossa) sustentam que uma

catástrofe somente existe a partir do momento em que é “percebida, interpretada e comunicada”. Destacam também que a cobertura de um acontecimento catastrófico atua, junto aos consumidores de informação, mais no campo das experiências do que no do conhecimento. Esse fenômeno, para os autores, acompanha o avanço das mediações tecnológicas – as quais, pela via jornalística, diminuem possíveis distâncias espaciais e temporais existentes entre fatos e público. Na avaliação de Ascencio, Calero e Cabral (2017), as sociedades atuais lidam com um volume cada vez maior de informações e estão mais suscetíveis à ocorrência de desastres, razão pela qual a percepção e a frequência de catástrofes são maiores na atualidade do que em épocas passadas.

Em análise sobre o papel desempenhado pelos testemunhos na cobertura de catástrofes, Márcia Franz Amaral e Carlos Lozano Ascencio (2016) defendem que, ao tratar de uma tragédia, o Jornalismo acaba extrapolando o seu dever de narração, ajudando – intencionalmente ou não – a construir sentidos sociais acerca de um macroambiente instável e desestruturado. De acordo com os pesquisadores, o discurso jornalístico visa ao ideal de retratar as dimensões de um desastre de maneira veraz e abrangente, contudo também “ambiciona o inenarrável, até porque nunca conseguirá refletir o acontecimento em si, nem o acontecimento como um todo e sequer dará conta das narrativas daqueles que morreram. Cabe a ele participar da organização pública do caos e configurar o acontecimento” (AMARAL; ASCENCIO, 2016, p. 246).

Os autores observam que, no desenrolar inicial de uma catástrofe, os jornalistas tendem a ancorar suas reportagens nos relatos das fontes testemunhais – e, em momentos posteriores, passam a acionar mais intensamente os personagens que atuaram nas consequências do desastre e aqueles que devem responder por ele e/ou explicá-lo.

[...] os protagonistas dos ambientes violados, em primeira instância, são os sobreviventes e os que presenciaram o fato, ou seja, o que denominamos de testemunhas. Posteriormente, os protagonistas são os voluntários ou profissionais de salvamento, os especialistas e, num terceiro momento, os responsáveis pela tragédia e os representantes do poder público. (AMARAL; ASCENCIO, 2016, p. 246).

A cobertura jornalística sobre desastres realizada pelos meios de comunicação hegemônicos brasileiros marginaliza, de acordo com Norma Valencio e Arthur Valencio (2017), as dimensões sociais inerentes a esse tipo de acontecimento. Para os autores, a abordagem jornalística costuma focar “na imprevisibilidade das forças da natureza ou em dramas individuais interpretados de um modo estereotipado. É como se o processo social

implicado inexistisse” (VALENCIO; VALENCIO, 2017, p. 168). Os pesquisadores destacam que esse viés socialmente acrítico pode conduzir à espetacularização e a um tratamento alienante dessa problemática. Valencio e Valencio (2007) assinalam que, normalmente, um desastre representa o ápice de um complexo processo social de longo prazo ou, em outros termos, um colapso pontual surgido no seio de uma crise crônica. Ressaltam que, no Brasil, a cobertura do Jornalismo acerca de catástrofes notabiliza-se por limitar sua narrativa às explicações técnicas provenientes das ciências naturais (ignorando outros importantes campos do saber, como o da Sociologia, por exemplo), o que contribui para ratificar uma ordem social conservadora e prolongar as violências institucionais dirigidas às populações afetadas pelos desastres – as quais são, em grande parte, vítimas permanentes de injustiças sociais.

Na discussão sobre a cobertura de desastres socioambientais, faz-se necessário atentar para uma distinção indicada por Ilza Girardi, Eloísa Belling Loose e Ângela Camana (2015). De acordo com as autoras, há diferenças substanciais entre o Jornalismo de/sobre meio ambiente e o Jornalismo Ambiental. Enquanto o primeiro se pretende imparcial e mantém uma abordagem marcada pela superficialidade, o segundo requer uma série de pressupostos, que serão abordados a seguir.

A primeira diretriz do Jornalismo Ambiental, no entendimento das pesquisadoras, está relacionada à visão sistêmica. Essa matriz filosófica, proposta pelo físico austríaco Fritjof Capra (1982), contesta o modo cartesiano de se compreender o mundo. Para o autor, os problemas da humanidade não devem ser interpretados por um viés que encara os fenômenos da vida como elementos fragmentados e independentes. Nesse sentido, Capra (1982) defende o pensamento sistêmico, baseado na ideia de que todos os seres vivos fazem parte de um sistema, de uma rede de relações. Ao se imbuir dessa visão, o Jornalismo Ambiental busca relacionar-se com os acontecimentos de uma maneira plural e interdisciplinar. Em uma mesma pauta, podem estar presentes, por exemplo, aspectos sociais, políticos, econômicos, entre outros. O pensamento sistêmico remete ao segundo requisito, que é o reconhecimento de que os fatos ambientais são complexos. Conforme Edgar Morin (2003), o paradigma da complexidade considera que a menor parte de alguma coisa contém o todo e que o todo não é a mera soma das partes, e sim o resultado da relação entre elas. Os vínculos interpessoais e o pensamento individual estão intimamente ligados ao ambiente em que se vive, o qual interfere no comportamento de cada ser humano – conformando, assim, o fenômeno da auto-eco-organização, inerente à relação entre as pessoas e o meio ambiente (MORIN, 2003).

A terceira premissa que, conforme Girardi, Loose e Camana (2015), deve reger o Jornalismo Ambiental é a diversidade de saberes, defendida por Enrique Leff (2009). De acordo com o autor, o conhecimento sobre o meio ambiente se constrói por meio da convivência dialógica entre distintas identidades sociais e culturais. Cada sujeito apreende e interpreta a realidade a sua maneira, razão pela qual o autor sublinha a importância da alteridade nas relações humanas. Reconhecer o outro e respeitar os significados por ele produzidos constituem, segundo Leff (2009), práticas fundamentais para a formação do saber ambiental. Com base nas contribuições do pesquisador, Girardi, Loose e Camana (2015) observam que, na produção de uma pauta ambiental, a pluralidade de fontes é imprescindível. Ainda que as falas oficiais tenham relevância (e, frequentemente, sejam necessárias), não deveriam surgir como a única visão sobre um determinado assunto.

A defesa da vida e da biodiversidade, elencada pelas autoras como o quarto atributo do dever-ser do Jornalismo Ambiental, representa um posicionamento manifestamente ecológico. Para o jornalista André Trigueiro (2003), da Rede Globo, o Jornalismo Ambiental “quebra o dogma da imparcialidade”, o que lhe exige “tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger a relação do homem com a natureza” (TRIGUEIRO, 2003, ps. 88 e 89).

Por fim, o último pressuposto teórico está vinculado ao papel cidadão e educativo do Jornalismo Ambiental. Para Girardi, Loose e Camana (2015), ao jornalista cabe não somente o dever de informar, mas também o de atuar como promotor de cidadania. Ao oferecer subsídios qualificados à sociedade acerca de temas de interesse público, o Jornalismo tem a capacidade de fomentar discussões públicas e mudanças de atitude. Wilson da Costa Bueno (2007) defende o viés mobilizador da prática jornalística, orientada pela veiculação de informações pertinentes no sentido de estimular a reflexão e as práticas sociais. De acordo com o pensador, “a pauta ambiental precisa, fundamentalmente, desempenhar uma função pedagógica, sistematizando conceitos, disseminando informações, conhecimentos e vivências [...], dando condições para que o cidadão comum participe do debate” (BUENO, 2007, p. 42).

Ao se analisarem as distinções entre o Jornalismo de/sobre meio ambiente e o Jornalismo Ambiental, percebe-se que os requisitos acima citados podem servir como guia para todas as práticas jornalísticas. Em termos ideais, todo Jornalismo deveria ser ambiental, inclusive o de *hard news*. Nesse sentido, o próximo capítulo discutirá especificidades da televisão, trazendo subsídios para se buscar compreender de que maneira um telejornal diário

(com seus limites e possibilidades) constrói a sua narrativa acerca de um desastre socioambiental.

4 A NARRATIVA DO TELEJORNALISMO

Ao refletir sobre as características de duas modalidades distintas de televisão, as quais denomina de geralista e fragmentada, o sociólogo francês Dominique Wolton (1996) identifica uma série de diferenças entre ambas. De acordo com o autor, a divergência mais básica reside no fato de que o primeiro tipo é concebido para consumo do público em geral, enquanto o segundo se volta a uma parcela específica de telespectadores.

No caso da geralista, o pesquisador defende que a televisão, ao atingir um conjunto vasto de indivíduos, desempenha um importante papel de integração social. Nesse sentido, o veículo teria a capacidade de atuar inclusive no âmbito de todo um país, colaborando decisivamente para construir e/ou ratificar uma identidade coletiva e nacional. Se se aplicar tal pensamento ao contexto brasileiro, verifica-se que a televisão é a única mídia a conectar simultaneamente, em torno do mesmo produto, diversos segmentos de público espalhados pelo país – o que ocorre, por exemplo, com telenovelas e telejornais, cuja audiência congrega pessoas que estão separadas em termos sociais, etários, econômicos, geográficos etc.

Devem-se compreender os efeitos da televisão geralista mediante a sua repercussão em um macroambiente descrito por Wolton (1996) como de uma sociedade individualista de massa, em que a prática e a valorização da liberdade individual coexistem com movimentos democráticos e de nivelamentos sociais. Diante desse cenário, o autor formula o conceito de laço social, segundo o qual a TV unifica e, de certa maneira, aproxima os telespectadores, ao mesmo tempo em que permite à sociedade enxergar a si mesma.

É uma espécie de *common knowlegde*, um duplo laço e uma antecipação cruzada. “Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele”. Trata-se portanto, de uma espécie de laço especular e silencioso. [...] Ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente. (WOLTON, 1996, p. 124).

A televisão engendra, conforme o pesquisador, um mecanismo de abertura à realidade, um portal de acesso ao mundo, ao alcance de cada indivíduo e do público como um todo. Além disso, a TV consegue suscitar no espectador a impressão de integrar uma ampla coletividade desde o seu ambiente de recepção e conforma vínculos imaginários entre pessoas e grupos sociais, bem como institui comunidades virtuais e simbólicas, reafirmando-as cotidianamente.

A influência social da TV é objeto de reflexão de Flávio Porcello (2012) em discussão acerca do sensacionalismo e da espetacularização praticados pelo telejornalismo frente à temática da morte. O autor salienta que os conteúdos veiculados pela televisão interagem de modo profundo com a subjetividade de cada espectador.

Mais do que fornecer assuntos para as conversas do dia a dia entre pessoas que sequer se conhecem, os temas exibidos na TV criam conceitos e preconceitos, formam estereótipos, formulam julgamentos e dão até sentenças condenatórias. A TV não entra apenas em nossas casas, ela entra em nossas vidas. Uma matéria exibida na TV é muito mais do que apenas uma matéria exibida na TV. (PORCELLO, 2012, p. 215).

A reportagem telejornalística reúne as condições de retratar, com realismo, a força visual dos fatos. Na construção do acontecimento, o olhar do jornalista é tão importante quanto o da audiência. Em análise acerca da cobertura televisiva sobre os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, Patrick Charaudeau (2009) destaca que a informação noticiada pela televisão produz significados não somente por meio do conteúdo veiculado, mas também em função das possibilidades de interpretação do espectador. Em sua reflexão sobre os efeitos de sentido suscitados pelo relato audiovisual, o pesquisador conceitua como imagem-sintoma aquela que tenha o poder de evocar outras. Trata-se de

uma imagem que remete para outras imagens, quer por analogia formal (a imagem de uma torre que se desmorona remete para outras imagens de torres que se desmoronam), quer por discurso verbal interposto (uma imagem de catástrofe aérea remete para todos os relatos que ouvimos sobre as catástrofes aéreas). (CHARAUDEAU, 2009, p. 73).

A conformação de uma imagem-sintoma exige, de acordo com o autor, a mobilização de uma vasta e intensa gama de lembranças e sentimentos, bem como a maior simplicidade possível – no sentido de que a imagem reúna características facilmente identificáveis – e uma recorrência tanto atual como histórica. O *déjà vu* suscitado pelas imagens-sintoma desperta a impressão de que a cena enfocada já foi vista e sentida. Para Charaudeau (2009, p. 75), essa narrativa operada pela visualidade requer uma complementação verbal, a sua “colocação em argumento”.

De acordo com Luiz Gonzaga Motta (2013), a prática narrativa diz respeito ao ato de se contar uma história estruturando-a por meio de acontecimentos que se encadeiam e que se transformam ao longo do tempo. Conforme definição do autor, “narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. [...] [É]

relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados” (MOTTA, 2013, p. 71). Partindo de uma perspectiva que situa a narrativa no âmbito do ato comunicativo (em vez de considerá-la exclusivamente sob o ponto de vista da emissão), o pesquisador analisa-a como um discurso cujo sentido é desenvolvido em conjunto entre emissor-narrador e receptor-narratário.

Motta (2013) defende que a construção do discurso jornalístico – assim como, de modo geral, a das demais narrativas midiáticas – se dá a partir de estratégias que organizam a intenção do enunciador, operacionalizadas por meio de recursos linguísticos e extralinguísticos. Nesse sentido, o autor salienta que, na produção de notícias, os jornalistas empregam uma série de mecanismos com o objetivo de suscitar efeitos de real e reações emocionais – entre outros preceitos típicos das práticas jornalísticas, estariam o distanciamento objetivo do narrador, o imperativo da atualidade e recursos de retórica (como entonações e figuras de linguagem, por exemplo).

A narrativa do telejornalismo segue, de acordo com Iluska Coutinho (2012), a estrutura dramática clássica. Para construir suas reflexões sobre o tema, a pesquisadora baseia-se na concepção aristotélica de drama – o qual significa, conforme o conceito formulado pelo filósofo grego, a imitação de ações por meio de uma representação. Diferentemente de noção utilizada no senso comum, o drama, nesse caso, não se refere a algo necessariamente grave, trágico ou grandiloquente. Trata-se, sim, de uma narrativa, uma história, cujo teor pode abarcar variadas possibilidades temáticas.

A autora aponta as convergências existentes entre o telejornalismo e a teledramaturgia brasileiros. De um lado, as telenovelas buscam retratar elementos informativos e do cotidiano, a fim de garantir mais verossimilhança às suas histórias e, assim, levar os espectadores a se identificarem com o conteúdo apresentado e nele se projetarem. De outro, os telejornais, visando se tornarem mais palatáveis à audiência, valem-se de um processo de dramatização, com o uso de estruturas ficcionais. Nesse contexto, as matérias telejornalísticas são construídas, segundo Coutinho (2012), a partir de preceitos da dramaturgia e apresentadas como um drama cotidiano.

O modelo narrativo mais recorrente no telejornalismo, conforme a pesquisadora, seria composto em função do arco dramático linear e tradicional de início-meio-fim, representado pelo seguinte esquema: uma apresentação, habitualmente feita na “cabeça”⁴ da matéria, no sentido de se criar uma expectativa sobre o que será exibido; a exposição de um conflito, o

⁴ Texto introdutório lido pelo(s) apresentador(es) de um telejornal antes da exibição de matérias gravadas ou de entradas ao vivo.

qual funciona como ponto de partida da história; o desenvolvimento, que mostra os desdobramentos imediatos do dilema inicial; uma tentativa de solução, com as ações e reações dos personagens ao conflito, a fim de se buscar resolvê-lo; e um desfecho, que pode ou não conter uma lição de moral, a qual tende a representar a visão do telejornal acerca da pauta. Ainda no que se refere ao encerramento da narrativa, Coutinho (2012) destaca que a existência de uma nota-pé⁵ confere à emissora a palavra final, autenticada pela credibilidade do(a) apresentador(a).

Coutinho (2012) afirma que o telejornalismo privilegia temas que se desenvolvam em torno de um conflito, a partir do qual as reportagens se organizam. Para Motta (2010), o conflito constitui o sustentáculo principal de uma notícia porque esta se desencadeia, normalmente, em virtude de acontecimentos irruptivos.

A situação inicial de uma narrativa jornalística é, quase sempre, um fato de conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza e transtorna. É, portanto, uma situação dramática desde o início, um conflito ou situação-problema que desestabiliza, rompe o equilíbrio, traz ambiguidades. Pode ser a falta ou o excesso de alguma coisa, pode ser uma inversão ou transgressão, pode ser um conflito manifesto ou implícito: um crime, um golpe, uma infração, um choque, um rompimento, uma anormalidade climática, a eclosão de um fenômeno físico ou social de impacto. (MOTTA, 2010, p. 149).

Nesse sentido, conforme Coutinho (2012), assuntos que representem uma quebra da rotina teriam mais chance de serem noticiados (a autora assinala que, em diversas matérias de TV sem um dilema evidente – como costuma ocorrer nas áreas de cultura e comportamento, por exemplo –, os jornalistas envolvidos na produção do conteúdo constroem um pseudoconflito para ancorar a narrativa). Outro fator que, de acordo com a pesquisadora, atua como valor-notícia é a capacidade da pauta de acarretar desdobramentos – o que permite a sua apresentação em capítulos, com antecedentes e consequências.

As contribuições de Coutinho (2012) convergem com o pensamento de Charaudeau (2007, p. 254), segundo o qual o discurso midiático sobre os acontecimentos do mundo segue um “roteiro dramatizante”. Ao analisar cobertura desenvolvida acerca dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, o autor identifica a presença de três momentos-chave no relato jornalístico: a publicização de um desequilíbrio social, com suas vítimas e vilões; a interpelação dos responsáveis por esse conflito; e o anúncio da chegada de um herói salvador.

⁵ Chama-se nota-pé ao texto lido pelo(s) apresentador(es) de um telejornal após a exibição de uma matéria, trazendo acréscimos às informações fornecidas pelo repórter.

A ordem de aparecimento dessas etapas narrativas pode, conforme o pesquisador, variar de acordo com o tipo de abordagem adotada.

Cada personagem da notícia/história desempenha, segundo Coutinho (2012), um papel na narrativa, levando-a a se desenvolver. Alinhado à concepção tradicional de drama, o telejornalismo manteria forte conexão com a luta clássica entre o bem e o mal, razão pela qual os arquétipos de mocinho, vilão e vítima representariam, aponta a autora, os personagens mais frequentes nas matérias telejornalísticas. Outros tipos recorrentes seriam os de herói, *expert/especialista*, parceiro/aliado, mediador, concorrentes e musa/troféu em disputa. Existem também variações, como o vilão implícito ou regenerado, o fiscal/defensor, o beneficiado e o misterioso/radical. Coutinho (2012) aponta que o mesmo personagem pode desempenhar mais de um papel em contextos diferentes. Salienta ainda que o próprio repórter (e, por extensão, a emissora) também atua como um personagem.

De acordo com Motta (2010), os personagens desempenham funções na narrativa, que estão relacionadas às ações que fazem a história progredir. O autor destaca que as figuras humanas retratadas no noticiário, ainda que necessariamente vinculadas a pessoas reais, são construções do discurso jornalístico, as quais se completam na mente do narratário. A pesquisadora portuguesa Ana Teresa Peixinho (2014) adota perspectiva semelhante a respeito da forma pela qual os personagens compõem as notícias. Conforme a autora, uma das principais distinções entre o Jornalismo e a ficção é o fato de que esta não tem o dever de se limitar à realidade, ao universo extratextual⁶. Ela destaca que “os atores sociais que povoam as notícias e as reportagens [...] decorrem de construções que mimetizam pessoas reais, com existência ontológica”, ressaltando que “na narrativa jornalística, o real é referência incontornável” (PEIXINHO, 2014, p. 331).

Inês Matias Marques (2016, p. 48) entende que o Jornalismo, ao conduzir pessoas reais à condição de sujeitos de uma história, desenvolve um movimento de transposição discursiva: “quando se constrói uma personagem, é certo que a pessoa empírica não deixa de existir no mundo ontológico. Contudo, ela passa a ser uma representação narrativa, dentro do mundo diegético criado pelo texto jornalístico”. Salientando que o filtro subjetivo do narrador desempenha papel central nesse processo, a autora define o personagem jornalístico como “qualquer figura – individual ou coletiva – constante de uma narrativa jornalística, a serviço de objetivos informativos e comunicacionais, construída de acordo com uma seleção de características de uma pessoa com existência empírica” (MARQUES, 2016, p. 54).

⁶ Emprega-se, aqui, a concepção de “texto” como relato, narrativa (extensiva aos diversos formatos textuais, não somente o escrito).

Em estudo acerca de personagens elaborado à luz da teoria literária, Beth Brait (1985) afirma que, em toda forma criada pelo homem para reproduzir o mundo, a realidade se coaduna com a linguagem. Nesse sentido, a professora aponta que “a personagem não encontra espaço na dicotomia *ser reproduzido/ser inventado*. Ela percorre as dobras e o viés dessa relação e aí situa a sua existência” (BRAIT, 1985, p. 12, grifo da autora). Ao refletir sobre o trabalho de construção inerente à linguagem fotográfica, a pesquisadora pondera que mesmo a foto três por quatro, habitualmente considerada como uma reprodução fiel da figura retratada, repousa sobre uma pretensa objetividade tão aparente quanto passível de contestação: “a semelhança com o real reside no registro de uma imagem, flagrada num dado momento, sob um determinado ângulo e sob determinadas condições de luz. Esse produto diz muito pouco, ou quase nada, da complexidade do ser humano retratado” (BRAIT, 1985, p. 13). Ainda sobre essa modalidade específica de fotografia, a autora argumenta que há um esforço, por parte dos fotografados, de transpor para o retrato a imagem que fazem de si mesmos, valendo-se de elementos como sorriso, cabelos penteados, queixo erguido, entre outros – e observa que a reação negativa de muitas pessoas ao verem suas fotos confirma o quão difícil e pensado é esse processo de composição. Por meio do exemplo da foto três por quatro, Brait (1985) sustenta que as tentativas de se reproduzir objetivamente a realidade são, em essência, construções permeadas por inúmeros fatores subjetivos.

Na conformação do personagem jornalístico, operam condicionantes próprias à narrativa dos veículos de comunicação. Marques (2016) sustenta que, a fim de inserir pessoas reais em suas reportagens, os jornalistas realizam uma seleção de atributos desses indivíduos. Essa escolha de características pessoais segue, de acordo com a pesquisadora, critérios de fundo profissional, estilístico e discursivo, tais como a orientação editorial e a intenção de se facilitar o entendimento da audiência, bem como o tempo e o espaço disponíveis. Na medida em que se opta por priorizar determinados aspectos de figuras reais naturalmente complexas, são constituídas, na avaliação de Marques (2016), entidades que atuam como representantes de determinada situação específica da realidade – e assim, conforme a autora, corre-se o risco de se gerar uma construção simplista e generalizadora.

Também considerando a influência capital do contexto de produção jornalística sobre o delineamento dos personagens retratados no noticiário, Peixinho (2014) entende que a seleção de características mencionada acima atende à necessidade dos jornalistas de que as figuras presentes nas matérias sejam identificadas rápida e eficientemente. Trata-se de uma tendência à simplificação que, para a pesquisadora, acarreta duas consequências principais:

leva os personagens a valer principalmente em função do papel que desempenham e redundam em um processo de tipificação, criando “atores sociais tendencialmente estereotipados” (PEIXINHO, 2014, p. 333).

Frente à premissa de que o personagem jornalístico pode atuar como estereótipo, é válido lembrar reflexão de Joan Ferrés (1998) acerca das representações coletivas na televisão. De acordo com o autor, à medida que evidenciam aspectos da realidade a fim de que a especificidade recortada simbolize o todo, os estereótipos minimizam ambiguidades e, desse modo, favorecem a compreensão. Podem ser definidos como “representações sociais, institucionalizadas, reiteradas e reducionistas” (FERRÉS, 1998, p. 135). Para o pesquisador, esse mecanismo de construção arquetípica reúne um lado verdadeiro e outro falso, posto que se funda na realidade e, ao mesmo tempo, a simplifica em demasia. Ferrés (1998) afirma que os estereótipos são estruturados de acordo com diversos elementos extraídos do contexto referencial, como “sexo, classe social, ideologia, idade, atividade profissional, raça, religião” (FERRÉS, 1998, p. 144).

Pensar as notícias como narrativa, sublinham Bird e Dardenne (2016), permite extrapolar a sua dimensão informativa e, assim, focar também a influência mútua exercida entre o discurso jornalístico e o vasto sistema simbólico de convenções sociais e culturais. Conforme os autores, os jornalistas tendem a enquadrar fatos novos em definições antigas, colocando “pessoas e acontecimentos em categorias existentes de herói, vilão, bom e mau e, assim, empossar as suas ‘estórias’ com a autoridade da verdade mitológica” (BIRD; DARDENNE, 2016, p. 374). Cárilda Emerim (2012) entende que o compromisso com a verdade, norteador da prática jornalística, está diretamente relacionado a três fatores interligados: a credibilidade do relato do jornalista, normalmente ancorado em informações provenientes da realidade referencial (e extraídas por meio de entrevistas, por exemplo); os sujeitos envolvidos na história a ser contada; e a premissa de que as fontes existam e sejam confiáveis. Esse trio de elementos gira em torno dos protagonistas, figuras que “testemunham ou participam de eventos considerados de interesse público” (EMERIM, 2012, p. 56). Conforme Coutinho (2012), os personagens podem aparecer nas matérias de TV de modo direto (com imagens e/ou declarações) ou indireto (citados por outrem). A autora identifica três formas pelas quais eles são apresentados: entrevistas; imagens dos atores e/ou da ação que praticam; e textos do repórter e/ou de fontes.

A televisão detém, no Brasil, importância fundamental na constituição socioeconômico-cultural do país. Ao encontro do pensamento de Wolton (1996), a TV

fomenta laços sociais entre a população brasileira e contribui fortemente para a (res)significação da identidade nacional. Conforme pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação Social (Secom) da Presidência da República (2016)⁷, 77% dos brasileiros afirmam ver televisão em todos os dias da semana – com tempo médio de acesso superior a três horas diárias –, e 89% utilizam a TV como fonte de informação sobre o que acontece no país. Um total de 54% respondeu que confia sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas pela televisão.

A Rede Globo está entre as duas emissoras mais assistidas por 73% da população – e é a mais vista por 56%. Há larga vantagem em relação ao SBT, segundo colocado, que registrou 36% e 11%, respectivamente. No âmbito da programação da Globo, o *JN* é a segunda atração mais assistida, perdendo apenas para a tradicional telenovela das 21h⁸. Em 1983, segundo Sérgio Mattos (2010), o *JN* consolidou-se como o programa de maior audiência da TV brasileira – mantendo-se, até a atualidade, entre os mais vistos do país.

De acordo com o autor, o *JN* foi o primeiro programa com transmissão regular via satélite em rede nacional. A sua estreia ocorreu em 1º de setembro de 1969, quatro anos após a fundação da emissora que o produz e exibe. O *JN* surgiu durante a ditadura militar iniciada em 1964 no Brasil. Ao longo do regime, conforme aponta Valério Cruz Brittos (1999), o Governo Federal controlou os meios de comunicação por meio de instrumentos como a censura institucionalizada, a distribuição de concessões a empresas de confiança e o repasse de verbas publicitárias. O pesquisador aponta que, em meio a esse contexto histórico, a Globo criou o *JN* para exibi-lo em todo o país, como uma contribuição ao projeto de integração nacional pretendido pelos militares.

Desde 1999, o cargo de editor-chefe do telejornal é de William Bonner, que o apresenta junto com Renata Vasconcellos⁹. Em livro que descreve as rotinas de preparação do programa, Bonner (2009, p. 17) afirma que o objetivo do *JN* é “mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e

⁷ A Pesquisa Brasileira de Mídia é desenvolvida anualmente pela Secom. Tem o objetivo de “conhecer os hábitos de consumo de mídia da população brasileira (segundo estratos de localização geográfica e de corte socioeconômico) a fim de subsidiar a elaboração da política de comunicação e divulgação social do Executivo Federal” (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2016, p. 6). Para a edição mais recente, relativa a 2016, foram realizadas 15.050 entrevistas, de 23 de março a 11 de abril daquele ano, com pessoas de 16 anos ou mais, de todas as classes econômicas, residentes nas 27 unidades federativas.

⁸ Conforme medição de audiência do Kantar Ibope Media, referente à semana de 18 a 24 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-1812-a-2412/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

⁹ Postos assim ocupados até o fechamento desta dissertação (janeiro de 2018).

correção”. Tal aspiração se justifica, para o jornalista, devido à amplitude da audiência do programa, composta por pessoas com interesses e características variados.

O apresentador e editor-chefe salienta que a escolha das pautas que se tornam notícia no telejornal segue critérios “primários” e “secundários”. No primeiro grupo, estão a abrangência do assunto, a gravidade das implicações, o caráter histórico, o peso do contexto e a relação entre a pauta em si e o restante das matérias previstas para a mesma edição. Já o segundo conjunto de fatores é composto pela complexidade do tema e pelo tempo disponível na edição do dia (BONNER, 2009, ps. 93-111).

Uma vez que esta dissertação se propõe a desenvolver uma análise acerca da narrativa do *JN* sobre o caso Samarco, o capítulo seguinte contém um breve histórico dessa tragédia. Será apresentada, a seguir, uma retrospectiva dos principais acontecimentos relacionados ao maior desastre socioambiental do Brasil.

5 BREVE HISTÓRICO DO CASO SAMARCO

A Barragem de Fundão rompeu-se na tarde de 5 de novembro de 2015, lançando à natureza bilhões de litros de rejeitos de mineração. Localizada no município de Mariana, em Minas Gerais, a estrutura pertence à empresa Samarco, fundada em 1977. O principal produto da companhia são pelotas de minério de ferro, vendidas mundialmente para a indústria siderúrgica¹⁰. A pelota é utilizada na fabricação do aço, material empregado para se construir aviões e aparelhos eletrônicos, por exemplo.

À época da eclosão do desastre, a Samarco controlava duas unidades operacionais integradas: a de Germano/Alegria, em Mariana, e a de Ponta Ubu, localizada na cidade portuária de Anchieta, no Espírito Santo¹¹. Na primeira, realizavam-se os processos de extração e beneficiamento do minério, levado posteriormente em minerodutos até o município capixaba, onde ocorriam a pelotização (transformação em pelotas) e o escoamento da produção, por meio de navios.

A Samarco é uma *joint-venture*¹² firmada entre a brasileira Vale S. A. (Vale) e a anglo-australiana BHP Billiton Brasil Ltda. (BHP Billiton)¹³ e controlada por ambas em partes iguais. De capital aberto, a Vale tem sede brasileira e atuação multinacional, estando presente em cerca de 30 países¹⁴. Além da área de mineração, mantém negócios nos setores de logística, energia e siderurgia. Suas ações estão divididas entre a Valepar (com 33,1% do capital), investidores estrangeiros (46,4%) e nacionais (13,5%), o BNDESPar (5,2%), a própria Vale (1,7%) e o Governo Federal – proprietário de 12 *Golden Shares*¹⁵, ações de classe especial que conferem a seu detentor o direito de voto sobre diversas decisões institucionais da empresa.

As ações da Valepar¹⁶ pertencem às empresas Litel (formada por fundos de pensão brasileiros), Bradespar, Mitsui e BNDESPar (vinculada ao banco público BNDES). Nota-se

¹⁰ Disponível em: <<http://www.samarco.com/produto/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

¹¹ Disponível em: <http://www.samarco.com/wp-content/uploads/2016/08/2015-DFs_portugues_final_07062016.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2018.

¹² De acordo com Geraldo Duarte (2011, p. 652), *joint-venture* é uma “associação de empresas que se tornam parceiras na constituição de uma nova organização, cuja propriedade lhes pertence, com a finalidade de realizar determinado empreendimento de risco, sendo por este individualmente responsáveis; empreendimento conjunto”.

¹³ A partir daqui, as empresas serão referidas com as denominações “Vale” e “BHP Billiton”.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.vale.com/brasil/PT/investors/company/shareholding-structure/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.vale.com/brasil/PT/investors/company/corporate-governance/golden-share/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

¹⁶ Conforme noticiado na imprensa, a Valepar será extinta no período de até três anos, a contar de 2017. A partir disso, seus acionistas passarão a participar diretamente da composição acionária da Vale, não havendo mais a

que a Vale, outrora 100% estatal, ainda é parcialmente controlada pelo Governo Federal, por meio do BNDES e das *Golden Shares*. Com sede na Austrália, a BHP Billiton foi criada em 2001, a partir da fusão da australiana Broken Hill Proprietary (BHP) e da anglo-holandesa Billiton¹⁷. Atua nas áreas de mineração e energia, em 13 países de todos os continentes¹⁸.

De acordo com o Comitê Brasileiro de Barragens (2012, p. 11), a exploração de minerais no Brasil iniciou-se no século XVIII, no estado que traz expresso, em seu próprio nome, um vínculo histórico com a mineração. O primeiro local de extração foi a Mina de Passagem – localizada em Mariana –, da qual se retirava ouro. Em um primeiro momento, eram liberadas concessões de exploração individuais a cada garimpeiro, sem uma organização empresarial. A primeira companhia mineradora do país chamou-se Sociedade Mineralógica da Passagem e foi fundada em 1819, pelo Barão de Eschwege.

Inicialmente, os rejeitos decorrentes do processo de mineração eram descartados na natureza – em cursos d'água ou em terrenos contíguos às minas. No entanto, a geração de detritos era inexpressiva, não ocasionando danos significativos ao meio ambiente. À medida que as companhias do setor passaram a empregar equipamentos a vapor e ampliar a sua capacidade de processamento dos minérios, a produção de resíduos começou a aumentar, porém o método de descarte de tais substâncias permaneceu o mesmo ao longo do tempo. Por isso, a partir do início do século XX, surgiram conflitos relativos ao uso da terra e da água entre mineradores e produtores rurais. Nesse contexto, fomentou-se o desenvolvimento gradual de técnicas de engenharia para remover os rejeitos da área de produção e destiná-los a locais (em tese) seguros e ambientalmente adequados (COMITÊ BRASILEIRO DE BARRAGENS, 2012, p. 12).

Na atividade minerária, o processo de beneficiamento consiste em separar o minério bruto em duas partes: a que detém valor econômico e o rejeito. Conforme o Comitê Brasileiro de Barragens (2012, p. 116), a Samarco gerava dois tipos distintos de resíduos na Unidade de Germano/Alegria: um mais fino, chamado de lama, e outro mais sedimentado, conhecido como rejeito arenoso. A instalação da Barragem de Fundão, construída em 2008, foi motivada por duas razões: a vida útil da Barragem de Germano (a única que, até então, recebia resíduos no local) estava próxima do fim, e havia sido implantada uma nova unidade de beneficiamento, que aumentou a produção de detritos. A estrutura de Fundão passou a guardar lama e resíduo arenoso. Quando ocorreu o incidente, essas substâncias vazaram sobre outra

intermediação da Valepar. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/acionistas-da-vale-propoem-diluir-controle-da-mineradora-20953106>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.bhpbilliton.com/our-approach>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.bhpbilliton.com/our-businesses>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

barragem, a de Santarém, que armazenava água e estava situada geograficamente abaixo das de Germano e Fundão.

O rompimento liberou 50 bilhões de litros de lama, rejeitos arenosos e água. De acordo com o Ministério Público Federal (2016), a enxurrada causou uma série de danos, tais como: 19 pessoas mortas; mais de 300 famílias desabrigadas; destruição de comunidades, como Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo (subdistritos de Mariana); altos níveis de assoreamento e contaminação dos rios Gualaxo do Norte, do Carmo e Doce (o índice de turbidez da água superou 100.000 NTU; a Resolução nº 357/2005, do Conama¹⁹, estabelece que o limite é de 100 NTU – mil vezes menos – para águas doces de classe 2, caso do rio Doce antes do desastre); devastação de 1,5 mil hectares de vegetação; morte de animais de diversas espécies – somente no rio Doce, foram identificados 28 mil peixes sem vida nos primeiros 50 dias da tragédia –; desabastecimento de água em municípios como Governador Valadares (MG) e Colatina (ES); poluição do Oceano Atlântico a partir da foz do rio Doce, junto à praia de Regência (ES), local de desova de tartarugas marinhas (também afetada pelo desastre); prejuízos socioeconômicos em diversos segmentos, como a pesca, o comércio, os serviços, a pecuária, a agricultura e o turismo; estragos à infraestrutura pública e privada e ao patrimônio histórico-cultural, arqueológico e paisagístico; arruinamento da relação cultural, espiritual e de subsistência mantida pelos povos indígenas em relação aos recursos naturais; entre outros danos, morais e materiais. A figura a seguir mostra o impacto gerado pela lama em Bento Rodrigues.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res05/res35705.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

Figura 1 – Destruição em Bento Rodrigues



Fonte: *site* da Revista Piauí²⁰. Crédito: Cristiano Mascaro

A ministra do Meio Ambiente à época do rompimento da barragem, Izabella Teixeira, afirmou que a recuperação da bacia hidrográfica do rio Doce levaria, no mínimo, uma década²¹. Teixeira foi sucedida na titularidade do ministério por Sarney Filho, que ocupava o cargo no período de fechamento desta dissertação (janeiro de 2018). Embora vinculados a governos politicamente opostos, Teixeira e Sarney convergem quanto ao ineditismo da magnitude desse desastre²². A figura a seguir ilustra o trajeto da onda de lama – que, conforme o Ministério Público Federal (2016, p. 23), partiu de Mariana às 15h30 de 5 de

²⁰ Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-terra-devastada/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

²¹ Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/index.php/comunicacao/agencia-informma?view=blog&id=1284>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

²² Em entrevista à Agência Brasil, Teixeira declarou: “é a maior catástrofe ambiental do país, isso é inegável. Eu vi o acidente. É impressionante o impacto na flora e nas atividades econômicas”. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/rompimento-da-barragem-e-maior-catastrofe-ambiental-do-brasil-diz-ministra>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

Ainda na condição de deputado federal, Sarney Filho coordenou a comissão externa da Câmara dos Deputados criada para tratar do rompimento da barragem da Samarco. O relatório final da comissão, do qual o ministro é um dos signatários, destacou: “em síntese, o rompimento da barragem de Fundão é considerado o maior desastre ambiental do Brasil”. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1457004&filename=REL+2/2016+C+EXBARRA>. Acesso em: 5 jan. 2018.

novembro e chegou ao mar capixaba 16 dias depois, às 15h de 21 de novembro de 2015, percorrendo 663 km ao longo de dois estados brasileiros.

Figura 2 – Trajetória da onda de lama



Fonte: *site* do jornal Folha de S. Paulo²³

A mineradora Samarco, suas controladoras (Vale e BHP Billiton) e os governos Federal, de Minas Gerais e do Espírito Santo firmaram, em março de 2016, um Termo de Transação de Ajustamento de Conduta (TTAC)²⁴. Visando garantir a recuperação integral dos danos causados pelo desastre, o acordo prevê que a Samarco invista de R\$ 18 a 26 bilhões na região afetada até 2030. No ato de assinatura, a então Presidente da República, Dilma Rousseff, destacou que, apesar da previsão, não há limites financeiros para a reparação total dos estragos. O acordo também determinou a criação de uma fundação privada para gerir a aplicação dos recursos e estipulou multas à mineradora para o caso de não cumprimento das obrigações.

O Ministério Público Federal (2016) ingressou, em maio de 2016, com uma ação civil pública contra a União, os governos mineiro e capixaba e as mineradoras envolvidas na tragédia. O documento exigiu a recuperação total dos danos e, de forma preliminar, estimou em R\$ 155 bilhões o investimento necessário para essa finalidade (montante consideravelmente maior do que o previsto no TTAC). O valor baseia-se no que já foi gasto

²³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/07/1797100-samarco-estuda-reativar-barragem-que-ruiu-na-tragedia-em-mariana-mg.shtml>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

²⁴ Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/index.php/comunicacao/agencia-informma?view=blog&id=1465>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

na reparação dos danos causados por um vazamento da empresa British Petroleum, ocorrido em 2010, quando o conteúdo de 4,9 milhões de barris de óleo atingiu o Golfo do México, matando 11 pessoas e impactando 180 mil km² de águas marinhas. Para o Ministério Público Federal (2016), esse desastre teve proporções semelhantes às da tragédia de Mariana. Por meio da ação, que segue tramitando judicialmente, foi solicitada também a impugnação do acordo firmado em março daquele ano, sob diversas alegações – como a de que, por exemplo, as comunidades atingidas não tiveram participação efetiva nas negociações. Na avaliação do órgão, o termo ajustado protege mais o patrimônio das mineradoras do que as populações afetadas e o meio ambiente. Como exposto anteriormente, o Governo Federal é acionista da Vale, razão pela qual recebe parte de seus lucros (além dos impostos legalmente previstos). Nesse sentido, interessa à União que o acordo seja favorável à empresa.

A Fundação Renova, constituída por força do TTAC, está gerenciando as ações de reparação dos danos provocados pelo desastre²⁵. Com a entrada em funcionamento da nova entidade, a Samarco se desincumbiu de executar diretamente as medidas reparatórias e de dar todas as explicações públicas necessárias sobre a tragédia, transferindo à fundação tais responsabilidades. Assim, oportunizou-se à mineradora direcionar um foco maior à retomada de seus negócios²⁶ e buscar a recuperação paulatina de sua imagem institucional. Pesquisa realizada no início de 2016 e divulgada em junho do mesmo ano²⁷ comprovou os efeitos imediatos do desastre para a imagem da Samarco. Conforme o levantamento, a mineradora era, na opinião dos brasileiros, a empresa que mais provocava danos ambientais no país. Contudo, a Vale foi considerada a segunda companhia mais ambientalmente responsável.

Os problemas gerados pelo caso Samarco inserem-se em um contexto de conflitos sociais e ambientais relacionados à mineração na América Latina. Conforme Andréa Zhouri, Paola Bolados e Edna Castro (2016, p. 12), países como Brasil, Argentina, Chile e Bolívia passaram por processos de colonização marcados, em larga medida, pelo extrativismo. Trata-se de uma cultura de apropriação de bens naturais que, na visão das pesquisadoras, perdura até a atualidade, por meio do capitalismo e do neoliberalismo. Destacam que fatores como más

²⁵ Disponível em: <<http://www.fundacaorenova.org/a-fundacao/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

²⁶ Em dezembro de 2017, a Samarco obteve a primeira de uma série de licenças necessárias para a sua reabertura. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/samarco-obtem-primeira-licenca-no-processo-de-retomada-das-atividades.ghtml>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

²⁷ Os resultados do estudo constam de relatório publicado pelo instituto Market Analysis, intitulado “Ranking de Sustentabilidade Empresarial – Melhores e piores empresas em responsabilidade socioambiental aos olhos dos brasileiros”. Foram feitas mais de 900 entrevistas em onze capitais, em janeiro e fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/samarco-a-empresa-que-mais-causa-danos-ambientais-no-brasil>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

práticas corporativas e deficiências na legislação e na fiscalização ambientais contribuem para a manutenção e o fortalecimento desse cenário.

Os incentivos a investimentos minerários estrangeiros partem, de acordo com as autoras, tanto de governos neoliberais como daqueles ditos progressistas. Elas pontuam que diversos grupos sociais têm se mobilizado em reação à intensa exploração dos territórios. Um exemplo disso aconteceu recentemente no Uruguai, onde o governo do ex-presidente José Mujica (2010-2015) incentivou um megaempreendimento de mineração chamado Projeto Aratirí. Segundo relato do jornalista Víctor L. Bacchetta (2015), a empresa Zamin Ferrous pretendia instalar uma mina a céu aberto para extração de ferro no interior do país, bem como um mineroduto e um porto de águas profundas a fim de transportar a produção. Esse plano, quando colocado em prática, causaria danos ao meio ambiente, a pequenos agricultores e aos habitantes da região costeira.

Diante da prometida instalação do projeto, construiu-se uma ação popular de cidadãos uruguaios contrários à ideia. Conforme Bacchetta (2015), que participou da mobilização, o grupo buscou informações sobre o empreendimento e desenvolveu formas de conscientizar a população a respeito dos perigos da proposta. Com isso, conseguiu-se retardar o início da implantação da iniciativa – fato que, associado à queda do preço internacional do ferro, levou os empresários envolvidos e os governantes do país a desistir do Projeto Aratirí.

Segundo análise realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o caso Samarco é a maior tragédia envolvendo barragens de rejeitos na História²⁸. Um dos critérios utilizados para fins de comparação foi o tamanho do vazamento. A instituição de ensino calculou que a quantidade de resíduos vazada supera em duas vezes e meia o volume registrado no segundo pior desastre do gênero, ocorrido em 2014, na mina canadense de Mount Polley. Reportagem do *The Wall Street Journal*²⁹ apurou que, aproximadamente a cada 30 anos, a produção de rejeitos das maiores minas do mundo multiplica-se por dez. Conforme o veículo, a principal causa do fenômeno é a busca das mineradoras por uma conjugação entre maiores lucros e menores custos. Nesse sentido, as empresas cavam minas cada vez mais amplas e profundas, o que aumenta a geração de resíduos e leva à consequente demanda pela construção de barragens de grandes dimensões.

²⁸ A afirmação é do Professor Doutor Marcos Aurélio Vasconcelos de Freitas, coordenador executivo do Instituto Virtual Internacional de Mudanças Globais (Ivig), ligado ao Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (Coppe/UFRJ). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/acidente-em-mariana-o-maior-da-historia-com-barragens-de-rejeitos-18067899>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

²⁹ Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/barragens-de-rejeitos-colossais-elevam-risco-de-acidentes-como-o-de-mariana-1459802807>>. Acesso em: 5 jan. de 2018.

O jornal apresentou uma pesquisa realizada por especialistas estadunidenses, segundo a qual ocorreram 226 rompimentos de barragens no planeta entre 1915 e 2010. No fim da década passada, os autores da investigação estimaram que, entre 2011 e 2020, haveria 11 novas falhas graves – e, até a publicação da reportagem, cinco já tinham se confirmado. Para os pesquisadores responsáveis pelo estudo, as mineradoras têm priorizado os interesses econômicos, em detrimento da estabilidade de suas estruturas.

O caso Samarco pode ser considerado uma tragédia anunciada. Um laudo técnico, elaborado a pedido do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) em 2013, alertou para os riscos decorrentes do contato entre a Barragem de Fundão e uma pilha de estéreis (rochas sem minério), esta sob responsabilidade exclusiva da Vale. Conforme o documento, a situação de proximidade entre as estruturas era inadequada para ambas, devido à possibilidade de o maciço da pilha se desestabilizar e de se potencializarem processos erosivos³⁰. Com base nesse laudo, o MPMG recomendou uma série de medidas preventivas, como o monitoramento periódico e a realização de estudos e projetos corretivos.

Conduzidas por diferentes órgãos públicos – Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS)³¹ e Polícias Federal³² e Civil de Minas Gerais³³ –, três investigações concluíram que um amplo conjunto de fatores contribuiu para o desastre acontecer. Entre as causas, destacam-se a ocorrência de processo de liquefação (redução repentina na resistência do sedimento sólido), a utilização da barragem acima da sua capacidade, falhas no monitoramento dos níveis de água e de umidade, deficiências de drenagem, o alteamento (elevação) excessivo da estrutura, o surgimento de grandes trincas, problemas no licenciamento ambiental, o uso de materiais de baixa qualidade na construção da barragem, a realização de alterações no eixo sem os devidos cálculos e projetos, a manutenção precária e a correção insuficiente de irregularidades. O MTPS aplicou 23 autos de infração contra a Samarco, e as Polícia Civil e Federal indiciaram, respectivamente, sete e oito pessoas – entre elas, em ambos os inquéritos, estão presentes o ex-diretor-presidente Ricardo Vescovi de Aragão e o ex-diretor-geral de operações da empresa Kléber Luiz de Mendonça Terra.

³⁰ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/11/06/laudo-de-2013-fez-alerta-sobre-riscos-de-ruptura-de-barragem-em-mariana-mg.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

³¹ Disponível em: <<http://www.mtps.gov.br/noticias/3299-superintendencia-do-trabalho-em-minas-gerais-divulga-relatorio-da-acao-fiscal-sobre-o-rompimento-da-barragem-em-mariana>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

³² Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/06/pf-conclui-inquerito-da-tragedia-de-mariana-e-indicia-8-pessoas.html>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

³³ Disponível em: <<http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/policia-civil-conclui-primeiro-inquerito-referente-ao-rompimento-da-barragem-de-fundao>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

Em uma tese de doutorado que analisou a atuação de corporações multinacionais da indústria química, Cíntia Rodrigues de Oliveira Medeiros (2013) desenvolveu o conceito de necrocorporações. A autora define-as como empresas que subjagam a vida ao poder da morte, por meio de práticas que visam à acumulação, colocando o lucro acima de tudo. A noção baseia-se no conceito de necrocapitalismo, estabelecido por Subhabrata Bobby Banerjee (2008), segundo o qual determinadas práticas capitalistas desencadeiam a morte.

Medeiros (2013) sustenta que os crimes praticados pelas necrocorporações são aqueles “cometidos por corporações ou em seu benefício que colocam o lucro e seus objetivos acima da vida, resultando, assim, em danos à vida e na morte” (MEDEIROS, 2013, p. 127). Considerando que a Samarco e suas controladoras tinham conhecimento do laudo do MPMG e sabiam do risco de desmoronamento da barragem³⁴ e que, mesmo assim, não tomaram o conjunto de providências necessárias, torna-se evidente a constatação de que tais empresas se constituem em necrocorporações e que cometeram crimes corporativos contra a vida. A tragédia iniciada em Mariana não nasceu do acaso, visto que podia ter sido evitada. Não foi mero acidente.

³⁴ Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/questoes-da-politica/vale-e-bhp-sabiam-do-risco-de-desmoronamento-da-barragem-da-samarco/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir do enfoque pretendido pela presente dissertação, compreende-se que a metodologia de pesquisa mais apropriada seja a Análise de Conteúdo (AC). Por meio de um processo de categorização e interpretação cujas etapas serão detalhadas a seguir, objetiva-se identificar aspectos latentes e manifestos de reportagens do *JN*, o que conduzirá à elaboração de inferências acerca da abordagem do telejornal sobre o caso Samarco. A AC, conforme proposta por Laurence Bardin (2011), visa enriquecer as possibilidades de leitura acerca de um objeto, a fim de interpretá-lo de modo rigoroso e polissêmico. De acordo com a autora, o método permite a sistematização de critérios para o tratamento analítico de mensagens e, a partir disso, a produção de conclusões acerca de tais conteúdos. Bardin (2011) define a AC como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

A estruturação da AC segue, na definição da autora, três polos cronológicos, que se dividem em: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011, p. 125). Voltada à organização dos materiais disponíveis, a fase da pré-análise tem a função de conduzir o pesquisador no sentido de depurar suas intenções iniciais e, a partir delas, construir um plano de análise. O primeiro polo cronológico estabelecido por Bardin (2011) começa a se desenvolver por meio de uma leitura “flutuante”, na qual o analista se dedica a apreender o objeto de pesquisa e dele extrair ideias e impressões.

O *JN* foi escolhido como objeto desta pesquisa por se constituir em uma referência no telejornalismo brasileiro. Com alcance superior ao de outros programas do gênero, é o telejornal mais antigo em exibição no país. Por força desta dissertação, foram monitoradas diariamente todas as edições do *JN* veiculadas de novembro de 2015 a julho de 2017, período compreendido entre a eclosão do caso Samarco e a conclusão do projeto de qualificação do mestrado. Tal monitoramento, quando não realizado ao vivo, ocorreu por meio de pesquisa no *site*³⁵ do *JN* (feita sempre na mesma noite de cada edição ou, no máximo, no dia seguinte).

³⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

Todos os conteúdos referentes ao caso Samarco exibidos no telejornal foram vistos e catalogados por data e título. Incluíram-se, aqui, reportagens, entradas ao vivo, notas lidas pelos apresentadores – cobertas por imagens ou não – e previsão do tempo³⁶. O material contabilizado, que totalizou 167 registros, abrange tanto os conteúdos cujo objeto central era a tragédia em questão como aqueles que, de maneira secundária, a mencionaram.

Com a intenção de ratificar os números obtidos na pesquisa diária, foi executada, ao término do referido período (fim de julho de 2017), uma busca na área de vídeos do *site*³⁷ do *JN* com as palavras-chave “lama”, “rejeitos”, “mineração”, “barragem”, “Samarco”, e “Mariana”, o que veio a confirmar os dados já levantados. Nessa busca virtual, foram encontradas diversas matérias anteriores ao início do desastre relativas às temáticas da mineração e de barragens (especialmente de água). Contudo, não se encontrou nenhum conteúdo acerca da prevenção de rompimentos de barragens ou mesmos sobre riscos sociais e ambientais. Ao encontro das constatações de Belmonte, Camana e Loose (2016) citadas na fundamentação teórica, os desastres de fundo socioambiental tendem a ser noticiados e problematizados pelo Jornalismo somente após a ocorrência de tragédias. Possíveis causas e riscos de desastres, ainda que representem temas de interesse público, são preteridos por assuntos menos complexos e aparentemente mais urgentes. Negligencia-se atenção a pautas que, embora silenciosas, têm força de notícia.

A tabela a seguir expõe o quantitativo de aparições do caso Samarco no *JN* no período de 5 de novembro de 2015 a 29 de julho de 2017.

³⁶ As únicas partes do programa não contabilizadas aqui foram a escalada (momento inicial de um telejornal em que o(s) apresentador(es) dizem as manchetes referentes às matérias que, ao longo da edição, serão veiculadas) e as chamadas de bloco (também conhecidas como “a seguir”, são a parte do programa em que, ao fim de um bloco, o(s) apresentador(es) anunciam conteúdos que ainda serão apresentados naquela edição), devido ao fato de o *site* da Rede Globo não disponibilizar esses momentos do *JN* para visualização.

³⁷ A página disponibiliza o acesso a todos os conteúdos – à exceção das escaladas e das chamadas de bloco – veiculados no programa, que podem ser pesquisados por meio de um buscador. As reportagens são arquivadas no *site* acompanhadas de um título e de um texto curto, normalmente de um parágrafo. O manejo repetido do sistema de buscas demonstrou que o conteúdo do título e do texto é levado em consideração pelo sistema quando se digitam palavras-chave.

Tabela 1 – Quantitativo de conteúdos do *Jornal Nacional* sobre o caso Samarco

ANO MÊS	2015	2016	2017
Janeiro	--	16	0
Fevereiro	--	11	2
Março	--	8	4
Abril	--	3	0
Mai	--	5	0
Junho	--	5	0
Julho	--	3	0
Agosto	--	2	--
Setembro	--	2	--
Outubro	--	4	--
Novembro	68	8	--
Dezembro	26	0	--
Total por ano	94	67	6
Total geral	167		

O segundo passo da pré-análise, de acordo com Bardin (2011), é a escolha dos documentos. O amplo material recolhido ofereceu uma gama plural de objetos de pesquisa. Para a composição do *corpus*, definido pela autora como “o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126), optou-se por seguir as considerações de Motta (2010; 2013) e Coutinho (2012) referenciadas na fundamentação teórica desta dissertação. À luz das contribuições de ambos os pesquisadores, tem-se que a narrativa jornalística se desenvolve a partir de um conflito. Por isso, o primeiro critério empregado para a definição do *corpus* foi a constatação da existência de pronunciado estopim conflitivo, desencadeador do período a se analisar. Além disso, mediante a prática recorrente do telejornalismo de construir as notícias como um drama cotidiano – conforme apontado por Coutinho (2012) –, escolheu-se uma amostragem que espelhasse o modelo tradicional de uma narrativa, com a estrutura linear de início-meio-fim claramente demarcada e a capacidade de apresentar desdobramentos internos.

Diante de tais pré-requisitos, decidiu-se, em uma primeira filtragem, direcionar o foco da pesquisa às edições do *JN* correspondentes ao período durante o qual a onda de lama da Samarco saiu de Mariana, percorreu dois estados brasileiros e desembocou no mar. Nesse decurso de 5 a 21 de novembro de 2015, há um importante conflito inicial, o rompimento da barragem, que constitui também o início da “história” a ser contada pelo telejornal. Tal fato representou não apenas o ponto de partida desse arco dramático de 16 dias, mas também o do caso Samarco como um todo. Cada avanço da lama, ao longo de rios e cidades, originou um novo capítulo dessa narrativa marcada por um constante processo de modificação. A trajetória da onda desenrolou-se diante dos telespectadores com seus antecedentes e consequências, redundando em um epílogo trágico (ainda que previsto): a chegada dos rejeitos ao oceano. Cabe salientar que esse desfecho, embora encerre o recorte aqui empreendido, não significou o fim do caso Samarco, um complexo desastre ainda em fase inicial de reparação.

Após a delimitação preliminar de um recorte temporal, procedeu-se à definição do *corpus* propriamente dito. Considerando a narrativa como um relato cujos acontecimentos se sucedem e transformam com o decorrer do tempo (MOTTA, 2013), priorizou-se a escolha de edições do *JN* que representassem, nitidamente, o início, o meio e o fim da história contada – o que levou à decisão de se montar o *corpus* com o conteúdo de três diferentes dias. Será analisado, portanto, o material sobre o caso Samarco veiculado nesse trio de edições. Enfocar apenas uma matéria específica de cada dia poderia comprometer a análise, visto que é importante considerar a maneira pela qual cada conteúdo interage com os demais de sua edição e, junto a eles, compõe um panorama diário de notícias.

A lógica indicaria que a primeira edição a integrar o *corpus* fosse a de 5 de novembro, data da eclosão da tragédia. Entretanto, conforme demonstrado em análise anterior (PORCELLO; CARVALHO; FREITAS; BRITES, 2016), a cobertura realizada nesse dia não se aprofundou nos detalhes do acontecimento. Embora tenha exibido imagens aéreas contundentes da lama e da destruição por ela ocasionada, o telejornal tratou a notícia de modo extremamente cuidadoso, divulgando informações preliminares e imprecisas (em relação ao número de vítimas e à extensão dos danos materiais, por exemplo). Uma das prováveis explicações para tal postura é o fato de que a barragem da Samarco se rompeu no turno da tarde, em uma cidade do interior de Minas Gerais – o que pode ter trazido dificuldades à emissora no que se refere à apuração e à logística de produção, posto que o programa foi ao ar

à noite (ainda que o caso tenha merecido a matéria de abertura da edição, a passagem³⁸ do repórter foi gravada na capital do estado, Belo Horizonte, e todas as imagens do desastre provieram de gravação feita via helicóptero). Nesse contexto de cautela e imprecisão, não se constatou um delineamento claro de personagens e papéis. Por isso, avaliou-se que essa edição não contém elementos suficientemente concretos para integrar a análise aqui proposta.

Para fins de comparação, é interessante constatar que o tempo dedicado ao caso pelo telejornal foi de 2 minutos e 52 segundos no dia 5 e de 15 minutos e 29 segundos em 6 de novembro de 2015, ou seja, uma ampliação bastante significativa. No segundo dia do desastre, o programa abordou temas como os trabalhos de buscas às vítimas, o apoio às famílias cujos domicílios a lama destruiu e as investigações sobre as causas da tragédia. Ao se assistir a tais conteúdos, verificou-se nessa edição (diferentemente da do dia 5) uma consistente variedade de personagens e papéis, razão pela qual o programa do dia 6 foi considerado o mais apropriado para constituir a parte do *corpus* relativa ao início do desastre.

A decisão a respeito da segunda edição que integraria o *corpus* baseou-se no tempo cronológico. Entre o começo e o fim do referido arco dramático, a metade temporal situa-se em 13 de novembro de 2015 – dia em que foi veiculada matéria sobre o colapso no abastecimento de água de municípios mineiros e capixabas, causado pela tragédia. No que tange à terceira edição, optou-se por aquela que relatou o desenlace da narrativa, o dia em que a lama chegou ao mar: 21 de novembro de 2015 (além desse acontecimento, o auxílio de médicos voluntários aos sobreviventes do desastre também foi objeto de matéria nessa data). Em suma, o *corpus* foi formado por conteúdos sobre o caso Samarco exibidos nos programas dos **dias 6, 13 e 21**.

Avançando na pré-análise, Bardin (2011) ensina que devem ser traçados os objetivos da pesquisa. Busca-se aqui, de modo geral, investigar que sentidos emergem por meio da construção narrativa de personagens e papéis na cobertura do *JN* sobre o caso Samarco. E, especificamente, pretende-se identificar que personagens a cobertura aciona e constrói, evidenciar os papéis desempenhados pelos personagens e compreender que recursos dramaturgicó são empregados pela cobertura ao ancorar sua narrativa em personagens e papéis.

O segundo polo cronológico estabelecido pela autora, a exploração do material, inicia-se com o trabalho de codificação, que diz respeito à transformação dos dados brutos em

³⁸ Na linguagem técnica do telejornalismo, denomina-se passagem (também chamada de *stand-up*) o trecho de uma matéria em que o repórter aparece diante da câmera. Consiste em momento apropriado para a aparição do jornalista no local onde a notícia acontece e para a apresentação de informações importantes e/ou exclusivas, cuja credibilidade se reforça ao associar-se à imagem do repórter.

elementos analisáveis aglutinados em unidades representativas do conteúdo disponível. No âmbito desse processo, faz-se necessária, conforme a pesquisadora, a definição de unidades de registro e de contexto. As primeiras resultam de recortes operacionais executados no material de análise. Trata-se de uma “unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando à categorização e à contagem frequencial” (BARDIN, 2011, p. 134). De acordo com a autora, pode girar em torno de palavras, temas, objetos/referentes, acontecimentos, documentos e personagens. Este último tipo de unidade converge com os objetivos da presente pesquisa, motivo pelo qual será aplicado no desenvolvimento da análise.

O ator ou actante pode ser escolhido como unidade de registro. Neste caso, o codificador indica os “personagens” (ser humano ou equivalente, tal como um animal etc.) e, no caso de uma análise categorial, as classes em função do quadro escolhido. Tal quadro é geralmente estabelecido em função das características ou atributos do personagem (traços de caráter, papel, estatuto social, familiar, idade etc.). As obras de ficção [...] podem ser analisadas segundo seus personagens, do mesmo modo que os artigos de imprensa, manuais escolares etc. Quem e em qual ocasião? Com que papel? Em que situação? etc. (BARDIN, 2011, p. 136).

A unidade de contexto, por sua vez, representa o arcabouço formal e conteudístico no qual a unidade de registro está inserida. Nas palavras da pesquisadora, deve atuar como uma “unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (BARDIN, 2011, p. 137). Uma vez que o *corpus* delimitado contém, majoritariamente, reportagens, estas serão aqui utilizadas como unidades de contexto. Sendo assim, o *corpus* contará com **cinco reportagens**³⁹, as quais computam um tempo total de 15 minutos e 54 segundos, conforme exposto na tabela a seguir.

³⁹ Os vídeos das reportagens estão disponíveis em CD, anexado junto à p. 116.

Tabela 2 – Corpus de análise

Reportagem	Data de exibição	Duração
1	06/11/2015	3min e 38s
2	06/11/2015	5min e 50s
3	13/11/2015	2min e 29s
4	21/11/2015	1min e 21s
5	21/11/2015	2min e 36s
		Tempo total: 15min e 54s

Ainda dentro da etapa de exploração do material, Bardin (2011) defende a importância da criação de categorias de análise, estipuladas com base em diretrizes preestabelecidas. A categorização, para a autora, consiste em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2011, p. 147). Conforme a pesquisadora, as categorias devem reunir uma série de características, como a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade, a fidelidade ao material de referência e a produtividade (esta no sentido de gerar resultados cientificamente satisfatórios).

Na AC que será elaborada na presente dissertação, empregar-se-á, para fins de definição das categorias, os papéis elencados por Coutinho (2012), conforme consta do referencial teórico desta pesquisa. De acordo com a autora, os personagens acionados pela narrativa do telejornalismo podem desempenhar uma série de papéis, entre os quais: mocinho, vilão, vítima, herói, expert/especialista, mediador, aliado/parceiro, “musa”/troféu em disputa, beneficiado, competidor, fiscal/defensor, neomocinho/vilão regenerado (arrependido), vilão implícito e personagem misterioso. Tais **papéis** serão, doravante, utilizados como **categorias de análise**.

Também se buscará identificar que personagens aparecem no *corpus* e a forma pela qual surgem na cobertura analisada. Relembrando Coutinho (2012), os personagens adentram a narrativa de três maneiras: protagonizando sonoras⁴⁰; por meio de imagens dos próprios agentes e/ou da(s) ação(ões) que executam (normalmente, tais imagens são acompanhadas por *offs*⁴¹); e mediante citação do repórter e/ou de fontes entrevistadas. Essas **formas de**

⁴⁰ O trecho de uma matéria no qual aparece a fala editada de uma fonte recebe o nome de sonora.

⁴¹ Texto falado pelo repórter quando este não aparece na tela, o *off* é utilizado como fundo verbal e sonoro para as imagens.

aparecimento também funcionarão, aqui, como **categorias**, a fim de se averiguar de que modo os personagens e papéis contribuem para a construção da narrativa apresentada pelo telejornal. Cabe recordar que o mesmo actante pode aparecer de diferentes maneiras e desempenhar mais de um papel e que o repórter e/ou a emissora também se comportam como personagens.

Portanto, os personagens da narrativa do telejornal serão examinados por meio de duas categorias principais: os papéis que desempenham e as suas formas de aparecimento. No próximo capítulo, será desenvolvida a análise das reportagens, a partir dos procedimentos metodológicos acima apresentados.

7 ANÁLISE DAS REPORTAGENS

O primeiro material aqui analisado será a reportagem de abertura da primeira edição do *corpus*, a de 6 de novembro de 2015. Trata-se de matéria que narra os fortes impactos iniciais da onda de lama, especialmente na localidade de Bento Rodrigues, com foco principal nos sobreviventes e na destruição causada pelo desastre. Na mesma edição, outra reportagem – que também integra o *corpus* da dissertação – abordou as explicações da mineradora Samarco e as investigações dos órgãos responsáveis sobre as causas da tragédia. Ainda nesse dia, outros dois conteúdos (uma entrada ao vivo desde Mariana e o quadro diário de previsão do tempo) também trataram do tema, mas não serão considerados na análise, visto que somente reportagens constituem as unidades de contexto da pesquisa.

Realizada pelo repórter Ricardo Soares, com imagens de Gustavo Pimentel, a primeira matéria a se analisar foi apresentada em 3 minutos e 38 segundos, incluindo a cabeça lida pela apresentadora Renata Vasconcellos. Abaixo, a transcrição do conteúdo visual e sonoro da reportagem.

Tabela 3 – Ficha de transcrição da 1ª reportagem

Formato	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
Cabeça	Renata Vasconcellos (apresentadora) na bancada.	As equipes de resgate estão há mais de 24 horas procurando vítimas da avalanche de resíduos de mineração que arrasou seis comunidades da cidade histórica de Mariana, na região central de Minas. As condições de resgate são muito difíceis, e algumas áreas continuam isoladas. A Defesa Civil confirmou a morte de uma pessoa. Oficialmente, são 13 desaparecidos.
<i>Off</i>	Imagens de residências de Bento Rodrigues que se mantiveram inteiras.	Um lado não tinha notícia do outro.
Sonora	Holandina Ferreira Ribeiro, dona de casa, sobrevivente e	A enchente fez a volta com todo mundo e levou lá pro canto; uma mulher em cima

	<p>moradora de Bento Rodrigues. Nitidamente abalada, está em pé, em uma estrada de terra, e gesticula bastante.</p>	<p>do colchão foi resgatada; um menino de três anos, a mãe tá com o maxilar quebrado no João XXIII e conseguiu achar essa criança viva, gente, no meio do barro. A gente achou que não ia ter jeito, achou que o mundo tava acabando mesmo. Eu morei 19 anos pra ver hoje isso aqui tudo acabado. Só tristeza mesmo. Hoje de manhã, graças a Deus, começou a chegar o socorro. Ô, meu filho, a gente foi por misericórdia.</p>
<i>Off</i>	<p>Moradores em pé, na zona alta de Bento Rodrigues.</p>	<p>Eram mais de cem pessoas refugiadas na parte alta do vilarejo.</p>
<i>Off</i>	<p>Um veículo cruza uma estrada tomada de barro.</p>	<p>Foi preciso reabrir uma estrada.</p>
<i>Off</i>	<p>Duas mulheres se abraçam e choram; uma mulher carrega outra nos braços e coloca-a em uma ambulância.</p>	<p>Quem saía chorava de alívio e aliviava o choro de vizinhos e parentes.</p>
<i>Off</i>	<p>Imagens da lama e da destruição em Bento Rodrigues.</p>	<p>A gente só conseguiu ver os estragos de pertinho depois que toda a área foi vistoriada pela Defesa Civil.</p>
Passagem	<p>Ricardo Soares (repórter) caminha em meio à lama.</p>	<p>Os prédios maiores, como igreja, escola, posto de saúde, tudo foi demolido pela avalanche de lama e água. Essa tragédia praticamente riscou o distrito de Bento Rodrigues do mapa. Das 180 casas, apenas 22 ficaram de pé.</p>
Infomapa ⁴² e <i>off</i>	<p>Um mapa mostra a trajetória da lama da barragem até Bento Rodrigues.</p>	<p>A represa ficava na parte alta da montanha, pouco abaixo da área de mineração. Eram 4 e 20 da tarde de ontem quando a terra cedeu, e a lama de resíduos desceu</p>

⁴² Nomeia-se infomapa ao infográfico que apresenta uma contextualização geográfica e/ou histórica.

		com velocidade até atingir o distrito. Percorreu 10 km em 40 minutos.
<i>Off</i>	Imagens aéreas da lama em Bento Rodrigues, gravadas por meio de helicóptero.	As imagens feitas depois da tragédia mostram como ficou o vilarejo, com pouco mais de 600 moradores. Tinha carro em cima de parede de casa e vários outros misturados à lama. O vilarejo fica numa área montanhosa. No momento do acidente, pelo menos 50 trabalhadores estavam na barragem, segundo o sindicato dos trabalhadores na mineração. Horas depois, a correnteza de lama ainda descia a montanha. Quem via o perigo chegar perto fugia em pânico.
Sonora	Imagens feitas por cinegrafista amador, de dentro de um veículo em movimento, registram o avanço da onda em alta velocidade. Ao fundo, ouvem-se buzinas e gritos apressados de um grupo de homens.	<p>- Bora, bora!</p> <p>- Vai, Tiago!</p> <p>- Vai, Tiago! Vai, Tiago!</p> <p>- Vai, Tiago, acelera!</p> <p>- Tem um caminhão.</p> <p>- Volta, volta, volta!</p> <p>- Ô, meu camarada, volta ou vira o caminhão e racha o fora. Vira o caminhão e racha o fora!</p> <p>- Volta, Zé! Volta, volta, volta, volta!</p> <p>- Vamo embora!</p>
<i>Off</i>	Em um ginásio, pessoas organizam doações de roupas e alimentos, e colchões estão espalhados pelo chão.	Um ginásio de esportes em Mariana foi transformado em abrigo. Muita gente chegou ainda durante a noite.
<i>Off</i>	Em uma rua de Mariana, à noite, uma caminhonete avança carregando colchões em sua traseira.	Moradores ajudaram com colchões, roupas e mantimentos.




Infomapa e <i>off</i>	Um mapa apresenta o caminho percorrido pela lama desde Bento Rodrigues até Barra Longa.	Horas depois de atingir o distrito de Bento Rodrigues, a enxurrada de lama percorreu 70 km no meio do vale, até atingir a cidade de Barra Longa.
<i>Off</i>	Imagens aéreas da lama em Barra Longa, gravadas por meio de helicóptero.	As imagens do Globocop mostram parte da cidade tomada pela inundação. Carros, casas, animais ficaram ilhados. Em outro vilarejo, a igreja também foi atingida pela lama. E a correnteza amarela continuou avançando em direção à região leste de Minas.
<i>Off</i>	O pai de Alícia a carrega nos ombros, em uma estrada de terra. Leidiane corre até eles, pega a menina no colo e a abraça.	Uma das cenas mais comoventes foi o reencontro de Leidiane e Alícia, a mãe e a menina de dois aninhos resgatada nos ombros pelo pai. Foi o abraço mais apertado e esperado que alguém podia provar.
Sonora	Leidiane Maria, mãe de Alícia e auxiliar de serviços gerais, segura a filha no colo e a beija.	Nossa Senhora! É só Deus mesmo, foi um milagre ter se salvado o tanto de gente que se salvou. Graças a Deus, tá aqui comigo. Obrigado, meu Deus!

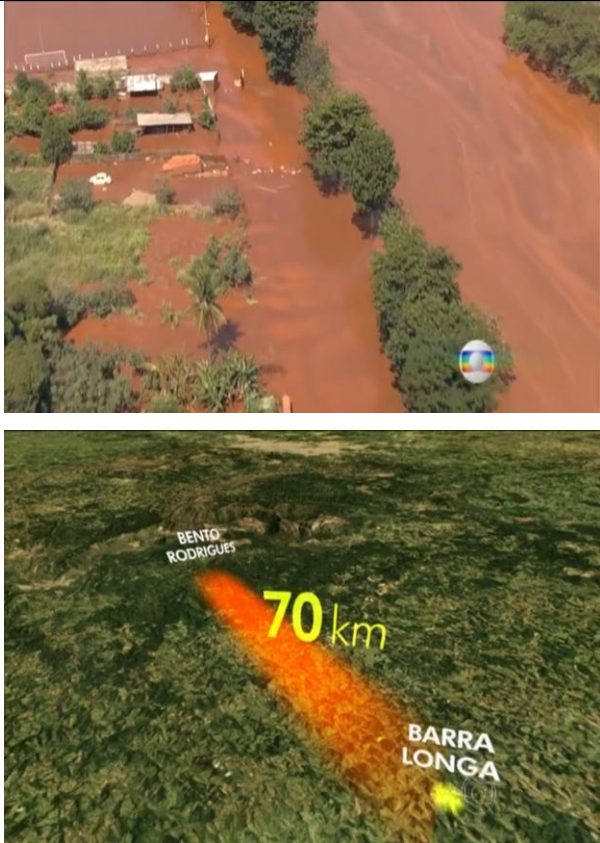
A seguir, serão aplicadas as categorias de análise. Mediante listagem dos personagens, visa-se identificar a forma pela qual cada um dos atores apareceu e o seu papel na narrativa, conforme as tipificações de Coutinho (2012).





Tabela 4 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 1ª reportagem


Personagem	Contexto de aparecimento	Papel
- Holandina Ferreira Ribeiro	- Aparece por meio de imagens de <i>off</i> ⁴³ e como entrevistada, em uma sonora.	- Vítima

⁴³ A partir daqui, os registros visuais que acompanham a locução do repórter serão nominados como “imagens de *off*”.

	<ul style="list-style-type: none"> - Emocionalmente impactada pela tragédia, relata os momentos de pânico vividos durante e após a chegada da onda de rejeitos. 	
<p>- Moradores de Bento Rodrigues</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparecem por meio de imagens de <i>off</i> e como entrevistados, em duas sonoras (Holandina e Leidiane). - Citados pela apresentadora, pelo repórter e pelas fontes. - Refugiados nas partes altas da localidade e abrigados em um ginásio, aparecem como sobreviventes da tragédia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vítimas
<p>- Bento Rodrigues</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparece por meio de imagens de <i>off</i> e citado pelo repórter e pelas fontes. - Uma série de imagens, inclusive tomadas aéreas, explicita o cenário de destruição na localidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vítima
<p>- A lama</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aparece por meio de imagens de <i>off</i> e citada pela apresentadora, pelo repórter e pelas fontes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vilã

	<p>- O repórter descreve a trajetória da onda, bem como a destruição causada por ela. Dois infomapas apresentam, graficamente, o caminho percorrido pela lama.</p>	
<p>- Trabalhadores da Samarco</p>	<p>- Citados no texto do repórter, que menciona a presença de pelo menos 50 funcionários na barragem no momento em que a estrutura se rompeu.</p>	<p>- Vítimas</p>
<p>- Sobreviventes cujas falas se ouvem em gravação de cinegrafista amador</p>	<p>- Ao fugirem da onda de lama, aparecem por meio de suas próprias falas e citados no texto do repórter. Não é mostrado o rosto desses sobreviventes.</p>	<p>- Vítimas</p>
<p>- Moradores de outras regiões de Mariana</p>	<p>- Aparecem por meio de imagens de <i>off</i> e de citação do repórter, que menciona a sua ajuda às famílias de Bento Rodrigues.</p>	<p>- Aliados</p>

		
<p>- Outros locais afetados, como Barra Longa</p>  	<p>- Cobrindo <i>off</i> do repórter, imagens aéreas mostram o impacto da enxurrada de lama em outros locais, como a cidade de Barra Longa.</p>	<p>- Vítimas</p>
<p>- Esposo de Leidiane e pai de Alcía</p> 	<p>- Aparece por meio de imagens de <i>off</i> e de citação do repórter.</p> <p>- Embora também seja morador de Bento Rodrigues (e, por isso, vítima da tragédia), é mencionado no texto do repórter como aquele que</p>	<p>- Herói</p>

	<p>“resgatou” a filha, trazendo-a nos ombros para a mãe. Assume, assim, ares de heroísmo.</p>	
- Alícia	<p>- Aparece por meio de imagens de <i>off</i> e de citação do repórter.</p> <p>- É a criança resgatada pelo pai que, ao encontrar a mãe, possibilita a construção narrativa de um “final feliz” para a matéria.</p>	- Vítima
- Leidiane Maria	 <p>- Aparece por meio de imagens de <i>off</i> e como entrevistada, em uma sonora.</p> <p>- Aliviada e contente por ter a filha nos braços outra vez, após ter perdido contato com ela em meio à chegada da lama, surge como vítima, mas sob outro ponto de vista: o da redenção.</p>	- Vítima

Efetuada a aplicação das categorias, realiza-se o tratamento dos resultados, conforme a metodologia sistematizada por Bardin (2011). As considerações acima podem conduzir a uma série de inferências e interpretações acerca dos sentidos produzidos pela narrativa do telejornal. Em termos de papéis, a reportagem procura dar amplo destaque às **vítimas** do desastre: contém duas entrevistas, ambas com moradoras de Bento Rodrigues que viram a tragédia de perto, e mostra ainda outros sobreviventes, mediante imagens e citações do repórter. Ainda sobre o papel das vítimas, cabe destacar as imagens gravadas por um trabalhador de dentro de um caminhão em fuga. Trata-se de um raro registro em vídeo do avanço inicial da lama, aparentemente produzido por meio de um telefone celular. A gravação apresenta baixa qualidade técnica, o que é compreensível diante do contexto. Contudo,

oferece valiosa amostra do ambiente de desespero que dominou as testemunhas do desastre e dimensiona concretamente o som e a imagem da onda em movimento, injetando veracidade à narrativa do telejornal e tornando-a ainda mais impactante. Nem sempre o Jornalismo está presente no local e no momento exatos em que uma notícia acontece e, em situações como essa, vale-se de registros feitos, por exemplo, em dispositivos móveis de testemunhas oculares. Nesse caso, os trabalhadores que fogem da onda de lama integram o seu conjunto de vítimas – cujos pontos de vista acabaram ocupando a narrativa do *JN* não somente pela via do relato verbal, mas também por meio de registros audiovisuais amadores.

A reportagem apresenta a estrutura clássica formada por início, meio e fim: a “história” começa a partir da chegada dos rejeitos a Bento Rodrigues, prossegue mostrando a destruição causada pela lama e o seu impacto na vida dos moradores (bem como a realocação destes e a ajuda que receberam) e se encerra com um fato positivo – um reencontro de mãe e filha. Essa cena, escolhida para a finalização da matéria, evidencia uma estratégia de se amenizar a tristeza e a desolação abundantes na maior parte da narrativa. Ao passo que, no início da reportagem, se assiste ao depoimento de uma sobrevivente assustada, pode-se ver um desfecho (na medida do possível) redentor. O tom de aliviada alegria do momento final, com beijo e abraço, oferece um contraste ao horror expresso na primeira sonora e no decorrer da matéria. Os pais da menina, ainda que contentes por tê-la viva, encontram-se também visivelmente abalados pelo desastre, razão pela qual sua felicidade se expressa de modo contido.

A abordagem do repórter no trecho final denota a intenção de abrandar a carga trágica que permeara o relato até então: nesse sentido, Soares usa a expressão “dois aninhos”, no diminutivo, para citar a idade de Alícia, refere o reencontro dela com a mãe como “uma das cenas mais comoventes” e define o abraço das duas como “apertado e esperado”. O marido de Leidiane é um sobrevivente e, portanto, vítima do desastre. Contudo, sua figura é apresentada como a de um **herói** que resgatou a filha e que a leva aos braços da mãe, o que contribui para o clima de esperança construído no fim da reportagem. Levando em conta que o pai e a menina não surgem sujos de lama diante da câmera, depreende-se que o referido resgate não ocorreu imediatamente antes de tal gravação – sendo assim, é possível que o reencontro de mãe e filha tenha sido propositalmente reconstituído, em uma espécie de “encenação” solicitada pela equipe da emissora.

É válido pensar que a matéria em questão – assim como, de modo geral, toda a cobertura jornalística do caso Samarco – utilizou imagens com imenso potencial visual e de

significação, o que remete aos conceitos de imagens-sintoma e colocação em argumento (CHARAUDEAU, 2009). Tais conteúdos evocam uma série de signos comuns à maior parte do público, como a imprevisibilidade da morte e a força da destruição (similares àquelas provocadas por outras ondas, como as de *tsunamis* e de lavas de vulcões, por exemplo). Naquela e em outras edições, o *JN* exibiu cenas cinematográficas, que explicitaram a gravidade dos acontecimentos e que, com o passar do tempo, se tornariam símbolos da tragédia. A imagem de um automóvel sobre as paredes de uma casa e as tomadas aéreas da destruição em Bento Rodrigues, por exemplo, são cenas de impacto imediato, fácil entendimento e apelo emocional, as quais remetem a outros momentos de devastação que moram no inconsciente coletivo – como os cenários pós-guerra, tomados por ruínas e tristeza. Além disso, ao tratar de situações já ocorridas (o rompimento da barragem e a destruição do povoado), a matéria confere atualidade aos fatos mostrados. Assim, o enunciado atualiza a notícia, a tragédia e a dor, aproximando-as da audiência.

Ainda no que se refere às características tradicionais de uma narrativa, constata-se a menção a antecedentes e desdobramentos. No texto lido pela apresentadora, há referência aos fatos ocorridos até aquele momento (“as equipes de resgate estão há mais de 24 horas procurando vítimas”) e se confirma o que Coutinho (2012) postula a respeito da função da cabeça da matéria, cujo teor usualmente anuncia o conflito e busca criar expectativa(s). Ao dizer que “as condições de resgate são muito difíceis”, que “algumas áreas continuam isoladas” e que “oficialmente, são 13 desaparecidos”, Vasconcellos explicita a existência de dilemas não solucionados e, desse modo, “convida” o telespectador a assistir à reportagem para se apropriar melhor do assunto, saber o que causou tais problemas e descobrir até que ponto eles foram resolvidos ou mesmo agravados. Quanto aos desdobramentos, o repórter afirma, no fim da matéria, que “a correnteza amarela continuou avançando em direção à região leste de Minas”, indicando que novos capítulos estariam por vir.

A única **vilã** presente na reportagem é a lama. Interessante observar que, ao menos até aqui, o papel de responsável pela tragédia não foi atribuído à mineradora Samarco, tampouco às multinacionais que a controlam. Sob a ótica da matéria, a causadora de toda a dor e destruição é a onda de lama, que surge como um personagem fundamental da narrativa. Uma explicação possível para essa abordagem reside no fato de que, naquele momento inicial, ainda se estavam apurando os motivos do desastre.

Os moradores de outras partes de Mariana surgem como **aliados**, na medida em que entregam colchões, roupas e outras doações às famílias de Bento Rodrigues. E, por fim, o

repórter desempenha, nessa matéria, tão somente o seu papel primordial de narrador. Conta a notícia, valendo-se de estratégias discursivas de construção da mensagem, como as citadas acima a respeito das vítimas e do herói. Em sua passagem, enquanto caminha em meio ao cenário de desolação deixado pela onda de lama, conduz o telespectador por entre os destroços, autenticando a narração por meio de sua presença no local dos acontecimentos.

Na sequência dessa reportagem, o telejornal apresentou a segunda matéria da edição, de autoria do jornalista Ismar Madeira⁴⁴, sobre aspectos técnicos relativos às possíveis causas do desastre. O seu conteúdo consta da seguinte tabela.

Tabela 5 – Ficha de transcrição da 2ª reportagem

Formato	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
Cabeça	William Bonner (apresentador) na bancada.	Ainda não é possível determinar o que foi que provocou o rompimento das barragens. Os reservatórios tinham passado por inspeção, mas a Fundação Estadual do Meio Ambiente recomendou reformas num deles.
<i>Off</i>	Imagens aéreas das barragens da Samarco. Enquanto o repórter menciona a capacidade da barragem e o seu volume no instante do rompimento, surgem na tela os seguintes <i>letterings</i> ⁴⁵ : “capacidade 60 milhões de metros cúbicos” e “momento do rompimento 55 milhões de metros cúbicos”	As operações nas barragens que se romperam estão suspensas por tempo indeterminado. A mineradora Samarco declarou que a Barragem de Fundão tinha capacidade pra armazenar 60 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro e estava com 55 milhões. Na hora do acidente, segundo a empresa, funcionários trabalhavam na obra de ampliação da capacidade, chamada de alteamento.
<i>Off</i>	Em uma sala lotada de jornalistas, representantes da Sa-	O presidente da Samarco e o gerente de projetos da empresa disseram que, por

⁴⁴ Aqui se menciona apenas Madeira porque o nome do repórter cinematográfico (ou, possivelmente, dos repórteres cinematográficos, dada a variedade de imagens apresentadas) não aparece na matéria. Nas três reportagens seguintes do *corpus*, tais profissionais também não são creditados.

⁴⁵ Textos inseridos na tela, normalmente utilizados para a exposição de dados numéricos e/ou a complementação de informações (como a identificação de locais e pessoas, por exemplo).

	marco concedem uma entrevista coletiva.	volta de duas da tarde, pouco antes do rompimento da barragem, foram sentidos tremores no local.
Sonora	Ricardo Vescovi, presidente da Samarco.	Assim que nós sentimos algum tremor diferente, imediatamente nós fomos avisados, fomos pra barragem, observamos a barragem, fizemos a primeira inspeção visual na barragem e, naquele momento, a barragem estava íntegra.
Sonora	Germano Lopes, gerente de projetos da Samarco.	Constatamos que a barragem não estava apresentando nenhuma anomalia, certo? Não, não foi relatado pra nós, até o momento, que houve algum ruído. Só que, depois de um certo tempo, houve o relato de que a barragem tinha iniciado um processo de ruptura.
<i>Off</i>	Imagens aéreas das barragens da Samarco.	De acordo com a empresa, o dique de contenção era composto do próprio rejeito de minério de ferro compactado. Quando ele se rompeu, a onda de rejeitos atingiu a Barragem de Santarém, logo abaixo, com capacidade pra sete mil metros cúbicos de água. Ela não resistiu e também se rompeu.
<i>Off</i>	Um fluxo intenso e caudaloso de lama jorra através da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, que é também conhecida como Usina de Candonga e está localizada no rio Doce.	Estas imagens mostram que uma hidrelétrica da Vale, uma das donas da Samarco junto com a BHP, teve que abrir as comportas pra dar passagem à onda de lama. A Samarco declarou que os rejeitos não são tóxicos.
Sonora	Ricardo Vescovi, presidente da Samarco.	O material que extravasou da barragem é rejeito de minério de ferro, um material classificado como inerte quimicamente. Então não há alguma outra consequência,

		que não a consequência física do próprio transbordamento. Obviamente, afeta a vida de pessoas, afeta o meio ambiente, pelo volume que extravasou, mas não é tóxico.
Passagem	Ismar Madeira (repórter), parado em um local de Mariana tomado por lama e não especificado na matéria.	Quando as barragens se romperam, ontem, não estava chovendo, de acordo com a mineradora Samarco. Mas hoje o tempo fechou, e caiu uma chuva fraca, o que preocupa a prefeitura de Mariana, porque isso pode dificultar ainda mais o acesso a seis comunidades que foram atingidas pela lama de rejeitos.
<i>Off</i>	O governador caminha em direção a um helicóptero.	O governador de Minas, Fernando Pimentel, sobrevoou a região com o ministro da Integração Nacional, Gilberto Occhi.
Sonora	Fernando Pimentel, governador de Minas Gerais, diante de vários gravadores e microfones de jornalistas.	Assim que passar a primeira situação agora, nós vamos providenciar o início de recuperação das estradas que foram atingidas, das pontes. Tem alguns distritos que estão sem contato por terra, porque as pontes foram rompidas com o rompimento da barragem.
<i>Off</i>	Imagens de arquivo mostram outros desastres envolvendo mineração ocorridos no estado de Minas Gerais.	Os acidentes com barragens de mineradoras se repetem há anos em Minas. Em 1986, sete pessoas morreram com o rompimento da mina de Fernandinho, em Itabirito, cidade próxima a Mariana. Em 2001, a barragem da mineradora Rio Verde se rompeu. Cinco pessoas morreram. O acidente foi em um distrito de Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte. Cinco anos depois, outro acidente inundou duas cidades da Zona da Mata mineira:



		Miraí e Muriaé. A barragem da mineradora Rio Pomba Cataguases arrebentou e destruiu plantações e pastagens, além de afetar o abastecimento de água em dezenas de cidades mineiras e do Rio de Janeiro. E, em setembro do ano passado, de novo em Itabirito, outro acidente: desta vez, com a barragem da Herculano Mineração. Três pessoas morreram, e uma imensa cratera foi aberta pela enxurrada de lama.
<i>Off</i>	Imagens aéreas da lama em Bento Rodrigues.	No caso do rompimento agora em Mariana, a Samarco afirma que a Barragem de Fundão tinha passado por fiscalizações recentes.
Sonora	Germano Lopes, gerente de projetos da Samarco.	A barragem foi vistoriada pelos órgãos em julho de 2015. Em setembro de 2015, nós emitimos, em obediência à legislação vigente, os laudos de estabilidade dessa barragem, que atestavam a estabilidade da estrutura.
<i>Off</i>	Imagens aéreas da lama em Bento Rodrigues.	A Feam, Fundação Estadual de Meio Ambiente, declarou que recebeu essa auditoria, feita por um auditor independente. E recomendou a necessidade de se fazer reparos na estrutura da Barragem de Fundão. As obras deveriam ter começado em setembro, e a Samarco teria até dezembro do ano que vem pra concluir as obras.
<i>Off</i>	O professor George Sandi França aponta para uma tela com dados sismológicos.	Sismógrafos da UnB detectaram ontem pelo menos onze pequenos tremores de terra na região de Mariana, Itabira e Itabirito.
Sonora	George Sandi França, professor	São eventos com magnitude que variou de

	de Observatório Sismológico da UnB.	1,7 a 2,7. Dentre esses eventos, três foram muito próximos à barragem que se rompeu. Normalmente, as barragens, por mais que sejam de rejeitos, são construídas pra suportar até magnitudes maiores e tal, até pra não ter liquefação, os efeitos geológicos que possam afetar essa barragem. Então é muito prematuro você afirmar que essa relação dessa atividade sísmica de magnitude pequena possa ter gerado o rompimento. Mas existe uma correlação aí que, depois do tremor, a barragem se rompeu.
<i>Off</i>	Imagens aéreas da lama em Bento Rodrigues.	A Samarco diz que ainda não é possível apontar as causas do acidente.
<i>Off</i>	O promotor Antônio Carlos de Oliveira está em frente a diversos microfones de jornalistas.	O Ministério Público declarou que, mesmo sem saber as causas do acidente, a mineradora vai ser responsabilizada.
Sonora	Antônio Carlos de Oliveira, promotor de meio ambiente.	O que a gente tem que saber, pra até aferir a dimensão da responsabilidade, é se foi uma causa dolosa, se foi uma causa culposa ou se foi um acidente da natureza. Isso tudo tem que ser aferido. Mas, de toda forma, não há dúvida que a empresa Samarco tem responsabilidade objetiva.

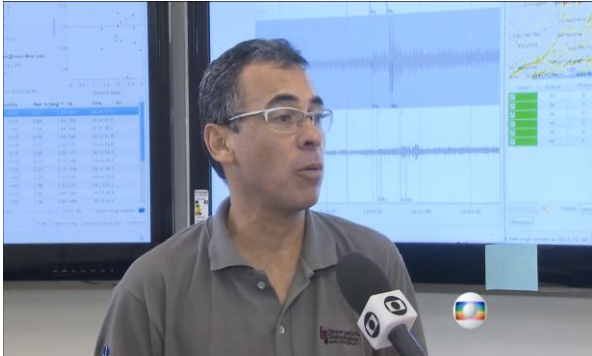

A planilha a seguir apresenta a aplicação das categorias aos personagens, indicando a sua forma de aparecimento e o papel que lhes corresponde na narrativa do telejornal.

Tabela 6 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 2ª reportagem

Personagem	Contexto de aparecimento	Papel
- Samarco (início da reportagem)	- A mineradora aparece na matéria por meio de todas as	- Especialista

	<p>formas elencadas por Coutinho (2012): em sonoras e imagens de seus representantes, bem como em suas falas e nas do repórter.</p> <ul style="list-style-type: none"> - No trecho inicial da reportagem, a empresa é apresentada, a partir de uma entrevista coletiva, como especialista, detentora privilegiada de informações técnicas – entre outras, o volume de rejeitos presente na barragem quando esta se rompeu (<i>frame</i> à esquerda). 	
<p>- Ricardo Vescovi</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - O presidente da Samarco aparece por meio de imagens de <i>off</i>, em duas sonoras e em citação do repórter. - Visivelmente abatido e cansado, o dirigente é utilizado pela reportagem para trazer informações da companhia sobre o monitoramento da barragem e o grau de toxicidade da lama. 	<p>- Especialista</p>
<p>- Germano Lopes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aparece por meio de imagens de <i>off</i>, em duas sonoras e em citação do repórter. - Assim como o presidente, o gerente de projetos da Samarco se manifesta com um tom ponderado e detalha 	<p>- Especialista</p>

	<p>dados de fundo técnico, como as vistorias realizadas anteriormente na barragem, por exemplo.</p>	
<p>- Ismar Madeira</p> 	<p>- Em termos de imagem, o repórter aparece em passagem gravada em Mariana, diante de cenário lamacento e não especificado.</p> <p>- Conduz a narrativa, buscando e mediando diferentes versões sobre a pauta: as da Samarco, do Ministério Público, do governador mineiro, do especialista em sismologia etc.</p>	<p>- Mediador</p>
<p>- Fernando Pimentel</p> 	<p>- O governador de Minas Gerais protagoniza uma sonora e aparece tanto em citação do repórter como por meio de imagens de suas ações.</p> <p>- Sua presença na matéria gira em torno de ações emergenciais praticadas na condição de autoridade pública (sobrevoo sobre a região atingida e anúncio de recuperação de pontes e estradas).</p>	<p>- Autoridade</p>

<p>- Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feam)</p>	<p>- Citada pelo repórter.</p> <p>- Exerce papel fiscalizatório na narrativa, à medida que, como consta da reportagem, havia indicado a necessidade de obras corretivas na barragem.</p>	<p>- Fiscal</p>
<p>- George Sandi França</p> 	<p>- Aparece em citação do repórter, por meio de imagens de <i>off</i> e como entrevistado, em uma sonora.</p> <p>- O <i>expert</i> em sismologia discorre sobre eventual relação entre o desastre e a ocorrência de tremores de terra na região.</p>	<p>- Especialista</p>
<p>- Antônio Carlos de Oliveira</p> 	<p>- O promotor de meio ambiente é citado pelo repórter e aparece em uma sonora e por meio de imagens de <i>off</i>.</p> <p>- Aponta a responsabilidade da Samarco sobre o ocorrido.</p>	<p>- Fiscal</p>
<p>- Samarco (fim da reportagem)</p>	<p>- Citada pelo repórter e na sonora final.</p> <p>- Conforme expresso na fala do promotor, a mineradora tem responsabilidade sobre a tragédia.</p>	<p>- Vilã</p>

Antes de se iniciar a análise acerca de papéis e personagens, cabe destacar que, embora a reportagem esteja dividida em segmentos encadeados, cada uma dessas partes ancora-se em uma proposta específica. Primeiramente, o repórter procura, com o auxílio de

informações da Samarco, descrever para a audiência o contexto em que se deu o rompimento, bem como os desdobramentos iniciais do desastre. Na sequência, é apresentado um breve histórico de incidentes envolvendo barragens de mineração e, por fim, busca-se apontar possíveis causas e responsáveis.

A partir de uma construção narrativa fragmentada em diferentes tópicos, a matéria impinge, em momentos distintos, dois papéis à personagem Samarco – o que remete a considerações de Coutinho (2012), segundo as quais o mesmo personagem pode exercer mais de um papel. Desde o primeiro *off* até o fim da segunda fala do presidente da mineradora, são elencadas informações especializadas, provenientes da empresa, acerca de fatores como a capacidade da barragem, o monitoramento de tremores, a composição do dique de contenção e a toxicidade dos rejeitos. Trata-se da versão oficial da Samarco, verbalizada por seus dirigentes e pelo repórter. Até aqui prevalece na reportagem o enfoque informativo, para o qual contribui o papel de **especialista** conferido à companhia, portadora de dados técnicos exclusivos. Tal função também é desempenhada, no âmbito da abordagem do telejornal, por aqueles que personificam a empresa – seus dois gestores –, posto que as sonoras de ambos são utilizadas tão somente para esclarecimentos sobre mineração e práticas profissionais. Pode-se observar que tanto o presidente como o gerente da mineradora expressam-se de maneira calma e didática, o que denota uma provável estratégia da Samarco de transmitir as informações com clareza, de parecer que não há desespero por parte da empresa e de mostrar que “está tudo sob controle”. Por outro lado, a lentidão da fala e o semblante tenso desses personagens indica que estavam, em certa medida, catatônicos e atordoados com a proporção e a gravidade dos fatos.

Já na parte final da matéria, outro viés predomina – especialmente no trecho que vai do *off* iniciado por “No caso do rompimento agora em Mariana” até o fim do *off* que termina em “a Samarco teria até dezembro do ano que vem pra concluir as obras”, assim como na sonora do representante do Ministério Público. Dessa vez busca-se vilanizar a mineradora. Tal construção narrativa principia na citação do repórter a fiscalizações realizadas na barragem, ratificadas pela sonora do gerente de projetos, continua em *off* que menciona a existência de recomendações no sentido de que obras corretivas deveriam ter sido feitas na estrutura e se encerra com a fala do promotor. A apresentação da empresa como **vilã** sustenta-se na credibilidade de duas instituições que, nesse contexto, exercem o papel de **fiscais**: a Feam e o Ministério Público. Enquanto a primeira apontara a necessidade de reparos que não foram executados, o segundo responsabiliza claramente a Samarco. A escolha do telejornal de

finalizar a reportagem com a manifestação do promotor, personagem cujo tom incisivo reforça o teor de sua declaração, confere a esta o *status* de palavra final: “não há dúvida que a empresa Samarco tem responsabilidade objetiva”. Se se levar em conta que a cabeça da matéria faz referência à necessidade de reformas apontada pela Feam, a última sonora fecha um ciclo de culpa em torno da Samarco – o que neutraliza e, inclusive, desautoriza o papel de especialista que lhe é inicialmente atribuído.

A propósito da culpabilização da mineradora, é interessante constatar que, nesse aspecto, há uma diferença substancial dessa matéria em relação à primeira da edição, anteriormente examinada. Enquanto naquela a responsabilidade recaía sobre a lama, aqui se vilaniza outro tipo de personagem, juridicamente imputável. Entretanto, nas duas reportagens, não há nenhuma menção às controladoras da Samarco: Vale e BHP Billiton – a exceção é o momento em que Madeira cita uma usina hidrelétrica (“Estas imagens mostram que uma hidrelétrica da Vale, uma das donas da Samarco junto com a BHP, teve que abrir as comportas pra dar passagem à onda de lama”), uma referência ocasional em que não se nota esforço de responsabilização, tal como o dirigido à Samarco. Já o nome desta é dito nove vezes no material até aqui analisado. Dessa forma, intensifica-se a ideia de crise da Samarco e preservam-se as imagens da Vale e da BHP Billiton – em uma abordagem que, somada a outros movimentos, se refletiu no resultado da pesquisa de opinião pública citada na p. 44 deste trabalho, segundo a qual a Samarco é a pior empresa do país em termos ambientais e a Vale, uma das melhores.

Ao citar as decorrências iniciais do desastre, o repórter menciona as três esferas governamentais: refere a preocupação da prefeitura de Mariana acerca do risco de chuvas e o sobrevoo realizado pelo governador de Minas Gerais e pelo ministro da Integração Nacional. Como demonstra a matéria, o envolvimento transversal do poder público no caso fez-se necessário desde o início, dada a complexidade dos danos e o entrecruzamento de responsabilidades. É em um contexto de auxílio governamental que a sonora do chefe do Executivo mineiro se insere. Além da ação de sobrevoo a região afetada a fim de conhecer melhor a dimensão da tragédia, Fernando Pimentel anuncia em sua fala outra providência oficial: o conserto emergencial de pontes e acessos danificados pela onda de lama. Tal recorte narrativo aciona o governador por meio de sua posição de **autoridade** – papel que, embora não originalmente elencado por Coutinho (2012), se considera aqui como adequado ao personagem em questão, posto que a reportagem o enfoca a partir de medidas próprias do cargo que ocupa.

No trecho da matéria em que se faz um resgate histórico de catástrofes relacionadas a barragens, adota-se uma abordagem que vai ao encontro de ideias presentes no referencial teórico da presente pesquisa. Há menção a quatro desastres, porém todos são tratados sob a ótica de suas consequências, tais como mortes, inundações, destruições, desabastecimento de água. Não há qualquer referência a fatores causais. Acostumado a não abordar sistematicamente aspectos como riscos e prevenção de desastres, o Jornalismo tende a atentar para as tragédias socioambientais apenas quando estas ocorrem (BELMONTE, CAMANA E LOOSE, 2016) – ou seja, no tocante ao espaço dedicado a essa temática no noticiário, predomina o “depois” em detrimento do “antes”. No caso analisado, o *JN* adota tal perspectiva mesmo quando alude a acontecimentos já consolidados e distantes no tempo, descrevendo apenas o que provocaram e ignorando o que os possa ter originado. Trata-se tais ocorrências como obras do acaso. Ao longo do histórico supracitado, o termo “acidente(s)” aparece quatro vezes (e em mesmo número, em outros momentos da reportagem). Contudo, como comprovado por investigações policiais e exposto anteriormente nesta dissertação, o caso Samarco não teve natureza acidental, resultando de uma série de ações e omissões humanas – e soaria imprudente supor que essa seja uma exceção em um setor econômico historicamente controverso como o da mineração.

Ao passo que a matéria de abertura da edição enfoca prioritariamente as vítimas do desastre, a segunda apresenta maior variedade de pontos de vista. Nesse sentido, ao se comparar o trabalho dos autores de cada reportagem, verifica-se que coube a Madeira dedicar-se mais à tarefa de buscar diferentes versões. Em sua matéria, utiliza quatro vezes a palavra “declarou”. O uso repetido desse termo indica a prática de um Jornalismo “declaratório”, o qual se notabiliza por ser pouco ou nada investigativo e burocraticamente preso ao que dizem as fontes. Por outro lado, precisa-se considerar a provável falta de tempo hábil do jornalista (e da equipe envolvida) para aprofundar a apuração e mesmo realizar uma revisão textual mais cuidadosa, a fim de eliminar os casos de repetição do referido verbo. Afinal, em menos de 24 horas, teve de ser produzida uma extensa reportagem acerca de tema complexo, totalizando o tempo de 5 minutos e 50 segundos, duração maior do que a habitual em matérias do *JN*. Além disso, houve o desafio de se concertar as falas de diversos atores, como representantes da Samarco, autoridades públicas e até um professor de sismologia, **especialista** que discorreu sobre a possível influência de abalos sísmicos sobre o rompimento da barragem (hipótese que, no decurso das investigações, foi descartada). Percebe-se o esforço jornalístico de compor um panorama de fontes e visões, o que leva o personagem Ismar Madeira a exercer o papel de

mediador e o contrapõe à atuação mais restrita do repórter da primeira matéria, Ricardo Soares, narrador de um lado da história.

Soares é o autor da terceira matéria a se analisar. Veiculada oito dias após o início do desastre, foi o único conteúdo sobre o caso Samarco exibido naquela edição do *JN*. Destaca os danos causados pela lama ao abastecimento de água da população e também aborda outros temas, como as indenizações às vítimas, a existência de trinca em dique da Samarco, o trabalho de buscas por desaparecidos e a mortandade de peixes. Abaixo, o conteúdo da reportagem.

Tabela 7 – Ficha de transcrição da 3ª reportagem

Formato	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
Cabeça	Renata Vasconcellos (apresentadora), na bancada.	Vamos falar agora do desastre ambiental em Mariana. São oficialmente, neste momento, dez mortos. A situação no leste de Minas é crítica por causa da falta de água.
Infomapa e <i>off</i>	Uma moradora de Belo Oriente carrega na rua um carrinho de mão cheio de pequenos galões de água. Ao mesmo tempo, um infomapa de Minas Gerais mostra, no canto direito da tela, a localização do município. Na sequência, a protagonista da primeira sonora tenta, diante de uma pia com louças sujas, abrir uma torneira, da qual não sai água.	Moradores deste distrito de Belo Oriente, no leste mineiro, estão padecendo no calorão, e sem uma gota de água nas torneiras.
Sonora	Moradora de Belo Oriente cujo nome não foi creditado na reportagem.	A gente não tá dando conta de buscar água pra lavar a vasilha.
<i>Off</i>	Um homem sentado na rua, cercado de pessoas, enche recipientes	O dono de um sítio teve a ideia de canalizar a água de uma mina pra ajudar a

	com água.	população.
Sonora	Moradora de Belo Oriente cujo nome não foi creditado na reportagem.	Tá soltando o pessoal do morro, e a gente, que tá aqui perto, fica até de madrugada pegando.
Infomapa e <i>off</i>	Imagens de um trem e, ao seu lado, um caminhão-pipa, ambos parados. Funcionários uniformizados trabalham na transposição de água dos vagões do veículo maior para o menor. No momento em que o repórter menciona o nome de Governador Valadares, exibe-se, do lado esquerdo da tela, um infomapa com a localização da cidade em Minas Gerais.	Um trem da Vale, uma das empresas donas da Samarco, chegou hoje a Governador Valadares com 300 mil litros de água potável, que vão atender hospitais, asilos, escolas e presídios.
<i>Off</i>	Um caminhão surge andando por uma avenida de Governador Valadares. Logo após, militares distribuem água à população. O <i>off</i> se encerra com imagens de uma grande fila.	Chegaram também caminhões com água mineral. A Polícia Militar e o Exército ajudaram na distribuição. A fila pra conseguir um galão dobrou o quarteirão.
Sonora	Moradora de Governador Valadares cujo nome não foi creditado na reportagem.	Não vai ser, assim, suficiente, né? Mas ajuda demais.
<i>Off</i>	Imagens da rodoviária da cidade, parcialmente sobrepostas por um <i>lettering</i> que informa: “Rodoviária de Governador Valadares embarques ↑47% desembarques ↓35%”	Na rodoviária, diminuiu o número de pessoas chegando e aumentou bastante o de pessoas saindo.
Infomapa e	Imagens tomadas ao nível do chão	Alpercata, cidade a 25 km de Governador

<i>off</i>	mostram um curso d'água invadido pela lama. Em paralelo, infomapa do estado, ao centro da tela, apresenta as localizações de Alpercata e de Governador Valadares.	dor Valadares, também decretou estado de calamidade pública por causa do desabastecimento de água.
<i>Off</i>	Imagens aéreas da destruição em Bento Rodrigues.	A Justiça de Minas Gerais bloqueou 300 milhões de reais da mineradora Samarco. O dinheiro é para indenizar os moradores de Mariana atingidos pelo desabamento das barragens. E a Justiça Federal determinou que todo o dinheiro de multas também deve ir pras vítimas.
<i>Off</i>	Imagens aéreas de um dique da Samarco. A fala do repórter é acompanhada por um <i>zoom-in</i> ⁴⁶ realizado em direção à estrutura.	O coordenador dos bombeiros em Mariana, major Rubem Cruz, disse que há uma trinca com cerca de três metros no dique da barragem Germano, a maior da região, e que ainda tem rejeitos de minério. A Samarco negou a existência da trinca e declarou que está fazendo obras de prevenção e para aumentar a estabilidade dessa barragem.
<i>Off</i>	Imagens terrestres da destruição em Bento Rodrigues.	Em Bento Rodrigues, os bombeiros ganharam o reforço de mais 65 homens e a área de buscas foi ampliada em mais 35 km.
Passagem	Ricardo Soares (repórter) caminha à beira do rio Doce, na cidade mineira de Ipaba. Ao fim de sua passagem, a câmera focaliza peixes mortos, sujos de lama.	No meio do lixo e do entulho empurrados rio abaixo pela correnteza, a gente vê outro sinal preocupante: cardumes inteiros de peixes não tiveram como escapar. Moradores ribeirinhos dizem





⁴⁶ Chama-se *zoom-in* ao movimento de aproximação aparente da câmera em direção ao que é gravado. Já o *zoom-out* se dá quando se parece afastar a imagem. Normalmente, em ambos os casos, o efeito é gerado pela manipulação técnica da câmera, sem a necessidade de deslocar o equipamento.



		que, depois dessa maré de lama, ficou difícil encontrar qualquer sinal de vida aqui no rio Doce.
<i>Off</i>	No mesmo local em que foi gravada a passagem, Antônia observa a paisagem, acompanhada por um homem jovem que segura uma criança no colo.	Um cenário que enche dona Antônia de angústia.
Sonora	No início da sonora, aparecem o repórter e a entrevistada enquanto esta fala ao microfone. Ainda durante a declaração de Antônia, como fechamento da reportagem, mostra-se a imagem de um peixe morto na lama.	O rio acabou. Nem peixe mais tá tendo no rio. Acabou o peixe. Só Jesus pra ter misericórdia mesmo.
Nota-pé	Renata Vasconcellos (apresentadora), na bancada.	A prefeitura de Governador Valadares informou, há pouco, que o primeiro carregamento de água entregue pela Vale não serve pro consumo, porque tem alto teor de querosene. A Vale contestou a informação e declarou que entregou água em condição adequada pro consumo.




A tabela abaixo apresenta os papéis e formas de aparecimento dos personagens, conforme categorização previamente definida.



Tabela 8 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 3ª reportagem

Personagem	Contexto de aparecimento	Papel
- Moradores da região leste de Minas Gerais	- Afetados pelo desabastecimento de água	- Vítimas

	<p>decorrente do desastre, aparecem por meio de sonoras, imagens de <i>off</i> e citações do repórter e das fontes.</p>	
<p>- Moradoras de Belo Oriente entrevistadas</p>  	<p>- Além de protagonizar sonoras, aparecem em imagens de <i>off</i> e mediante citação do repórter. Não têm seus nomes creditados na matéria.</p> <p>- Falam sobre os efeitos da falta de água.</p>	<p>- Vítimas</p>
<p>- Dono de sítio</p> 	<p>- Aparece por meio de imagens de <i>off</i> e de citação do repórter.</p> <p>- Ajuda a abastecer de água a população.</p>	<p>- Aliado</p>

<p>- Vale (início da reportagem)</p> 	<p>- A iniciativa da Vale de trazer água em um trem de carga é citada pelo repórter e aparece em imagens de <i>off</i>.</p> <p>- É mostrada uma medida reparatória, necessária após falta de água decorrente do rompimento de uma barragem pela qual, em última instância, a Vale também tem responsabilidade. Porém se enfoca a empresa, aqui, como autora de uma ação positiva.</p>	<p>- Aliada</p>
<p>- Militares</p> 	<p>- Aparecem na fala do repórter e por meio de imagens de suas ações.</p> <p>- Auxiliam na distribuição de água aos moradores.</p>	<p>- Aliados</p>
<p>- Moradora de Governador Valadares entrevistada</p>	<p>- Aparece em uma sonora.</p> <p>- Fala sobre a água doada e, assim como as moradoras de Belo Ori-</p>	<p>- Vítima</p>

	<p>ente que figuram nas primeiras sonoras, também não tem seu nome creditado.</p>	
<p>- Justiça</p> 	<p>- Citada pelo repórter e em <i>lettering</i>.</p> <p>- Retratada a partir de ações que lhe competem como instância de poder, relacionadas a indenizações das vítimas.</p>	<p>- Autoridade</p>
<p>- Rubem Cruz</p>	<p>- Citado pelo repórter, o coordenador dos bombeiros de Mariana aponta a ocorrência de trinca em dique de propriedade da Samarco.</p>	<p>- Fiscal</p>
<p>- Samarco</p> 	<p>- A mineradora é citada pelo repórter e aparece por meio de imagens de suas ações, especialmente a destruição de localidades e da natureza.</p> <p>- Enfocada como uma empresa que, além de ter dinheiro bloqueado pela</p>	<p>- Vilã</p>

	<p>Justiça, precisa se defender da acusação de haver novo risco de rompimento em uma de suas barragens.</p>	
<p>- Peixes e biodiversidade</p> 	<p>- Aparecem por meio de citação do repórter e imagens de <i>off</i>.</p> <p>- Os peixes mortos representam, na reportagem, a destruição da biodiversidade da região.</p>	<p>- Vítimas</p>
<p>- Antônia</p> 	<p>- A moradora de Ipaba aparece em imagens de <i>off</i>, em citação do repórter e em uma sonora.</p> <p>- Lamenta a situação do rio e dos peixes. Tal como nas outras sonoras da matéria, não há sua identificação na tela. Apenas se sabe seu primeiro nome, porque o repórter o menciona.</p>	<p>- Vítima</p>
<p>- Vale (fim da reportagem)</p>	<p>- Citada na nota-pé.</p> <p>- Refuta denúncia de que teria fornecido água imprópria para consumo. A forma pela qual o programa apresenta tal resposta lança dúvida sobre a acusação feita à em-</p>	<p>- Personagem misterioso</p>

	presa.	
--	--------	--

Devido à ausência de outros conteúdos acerca do caso Samarco na mesma edição, a matéria em questão concentra aquelas que, na visão do telejornal, eram as principais novidades sobre o tema. À semelhança do que ocorre na primeira reportagem do *corpus*, os protagonistas dessa são as **vítimas**. Mostra-se seu sofrimento ao lidar com a falta de água, decorrente da chegada da lama. Constata-se a utilização, por parte do repórter, de um tom dramático⁴⁷ ao longo da matéria. Já no primeiro *off*, o jornalista se vale desse enfoque ao dizer que os moradores “estão padecendo no calorão, e sem uma gota de água nas torneiras”. Além de expor a gravidade dos fatos, haja vista que a água é um item indispensável à sobrevivência, tal abordagem corrobora a condição de vítima da população.

Em nenhuma das sonoras, a fonte é creditada. Não se sabe os nomes das moradoras que aparecem nas quatro entrevistas da reportagem – com exceção da última, chamada de Antônia pelo repórter durante o *off*. O expediente de não mostrar a identificação das personagens considera cada entrevistada como mais uma vítima dentre uma multidão afetada pelo desastre, construindo assim um sentido de coletividade. Evidencia-se que a falta de água não é um problema específico daquelas moradoras, que representam na matéria milhares de cidadãos desabastecidos. Trata-se de recurso generalizante, relativamente compreensível como estratégia narrativa. Entretanto, ocultar o nome de uma fonte não sigilosa significa negar a sua individualidade, o que configura, nesse caso, (mais) um desrespeito a tais pessoas.

Ao longo da reportagem, há um grupo de actantes que, vistos pelo *JN* como **aliados**, viabilizam alguma forma de abastecimento de água à população. Esse auxílio é prestado por três diferentes personagens: o dono de um sítio, mediante a iniciativa de canalizar a fonte proveniente de uma mina; a força militar, que ajuda a distribuir galões; e a Vale. No caso da multinacional, esta surge como responsável por uma atitude grandiosa e benevolente: mobilizar um trem carregado de água para abastecer as vítimas. Em princípio, o que parece um favor e um gesto humanitário trata-se, com efeito, de uma obrigação, uma tentativa de reparação ante os contundentes estragos causados pela Samarco e por suas controladoras, entre as quais a própria Vale.

Em uma nota-pé, Renata Vasconcellos cita denúncia da prefeitura de Governador Valadares de que a água entregue pela Vale seria inadequada para consumo e, ato contínuo, lê resposta da companhia negando a acusação. De acordo com reflexão de Coutinho (2012)

⁴⁷ No presente contexto, emprega-se tal adjetivo no sentido de pungência, e não de dramaturgia.

constante do referencial teórico da pesquisa, o peso de uma nota-pé ancora-se na credibilidade do(a) apresentador(a) – que, pela confiança que emana, tem a capacidade de conferir caráter de verdade e de “palavra final” ao que diz. Assim, as versões da prefeitura e da empresa acabam compartilhando da mesma confiabilidade, atestada pelo crédito de que Vasconcellos desfruta. O contraponto da multinacional, dado pela apresentadora imediatamente após a menção à denúncia, ajuda a construir um contexto de indefinição – no qual, dramaturgicamente, não se absolve tampouco se condena a Vale (com o atenuante, para esta, de que sua versão ficou por último, como a “palavra final”). Ao fim persiste a dúvida: a água era ou não própria para consumo? Diante dessa interrogação sobre suas intenções, a Vale vincula-se, no trecho final do material analisado, ao papel de **personagem misterioso**, conforme categoria postulada por Coutinho (2012). Portanto, ao encontro de possibilidade levantada pela autora, a empresa desempenha dois papéis diferentes em momentos distintos da matéria, visto que é primeiramente construída como aliada.

Ainda que o repórter atente para as inter-relações corporativas, referindo que a Vale é “uma das empresas donas da Samarco”, há uma separação narrativa entre as duas, como se representassem interesses diferentes. A matéria estabelece uma distinção conceitual emblemática, posto que associa a Samarco à lama e a Vale à água (e a BHP, por sua vez, nem é aludida). Quando são abordadas situações desfavoráveis às companhias, percebem-se diferenças: enquanto a primeira lida com multas e indenizações, os problemas da segunda estão relacionados à atitude “generosa” de doar água a quem precisa – e a reportagem engendra esse efeito de sentido ao, por exemplo, exibir imagens das ações de ambas as empresas. Nesse caso, a força visual positiva do trem da Vale carregado de água se contrapõe ao impacto imagético negativo do *lettering* que, sobrepondo uma tomada aérea da lama em Bento Rodrigues, estampa a frase “Justiça bloqueou R\$ 300 milhões da Samarco”.

Percebe-se aqui, tal como na segunda matéria analisada, a vilanização exclusiva da Samarco, em uma estruturação narrativa que se dá tanto por meio de texto como de imagens. Nos *offs* em que o repórter descreve uma série de dificuldades enfrentadas pela empresa, são exibidas cenas da devastação ocasionada pela lama. Desse modo, ao se pensar nas formas de aparecimento (uma das categorizações adotadas na pesquisa para a análise de personagens), acredita-se que a Samarco aparece na reportagem também por meio de imagens de suas ações, pois as referidas cenas de destruição simbolizam a ação da Samarco de, via onda de lama, ter devastado comunidades e o meio ambiente. E outra vez, a construção da **vilã** apoia-se em uma

instituição credível que, ao agir como **fiscal**, opõe-se à empresa: o Corpo de Bombeiros, cujo coordenador aponta a ocorrência de uma trinca em um dique da Samarco.

Embora tangencie diferentes aspectos do desastre, o repórter ocupa a maior parte da matéria com histórias das vítimas, das quais se vale para abrir e fechar sua narrativa. No início, o foco são os transtornos provocados pela falta de água; no encerramento, o impacto da lama na natureza. Ao utilizar a mortandade de peixes como símbolo e ilustração do extermínio de toda uma biota, Soares volta a empregar um enfoque pungente, afirmando que “depois dessa maré de lama, ficou difícil encontrar qualquer sinal de vida aqui no rio Doce” e que a situação “enche dona Antônia de angústia”. O papel de **vítima** conferido àqueles animais é extensivo à população, ora representada pela referida mulher, que lamenta o cenário de danos aos recursos naturais. Por focar principalmente uma categoria de personagens, o repórter repete abordagem praticada na primeira matéria do *corpus*, também de sua autoria. Limita-se a se comportar como narrador, conduzindo a história com o auxílio de recursos de dramaticidade, tais como as construções discursivas anteriormente mencionadas, e levando à audiência as agruras sofridas pelas vítimas da tragédia.

As duas últimas reportagens do *corpus* foram veiculadas na data em que a lama chegou ao mar, 16 dias após o rompimento da barragem da Samarco. A matéria de abertura do telejornal é do repórter Mário Bonella e está transcrita na tabela a seguir. Trata do avanço da lama, com destaque para o seu deságue no oceano e os impactos imediatos à população e ao meio ambiente.

Tabela 9 – Ficha de transcrição da 4ª reportagem

Formato	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
Cabeça	Chico Pinheiro (apresentador), na bancada.	E essa lama da barragem da Samarco, que se rompeu em Minas Gerais, já percorreu mais de 600 km pelo leito do rio Doce. Agora a água barrenta está chegando à praia, no Espírito Santo.
Infomapa e <i>off</i>	Imagem aérea da foz do rio Doce, na praia de Regência (ES), apresenta a lama adentrando o mar. Paralelamente,	Hoje à tarde, a lama mudou a cor da água do rio Doce, na praia de Regência, onde o rio deságua no mar. Uma barreira de 9 km está montada pra tentar conter os rejeitos




	<p>um infomapa à esquerda exibe a localização de Regência no estado capixaba e um <i>lettering</i> na parte baixa da tela informa: “imagens cedidas por Secundo Rezende”.</p> <p>Na sequência, imagem captada ao nível do rio mostra boias instaladas para refrear o avanço da lama.</p>	de minério.
Infomapa e <i>off</i>	<p>Imagens do rio Doce, sobre as quais aparece infomapa do Espírito Santo com as localizações das três cidades citadas no <i>off</i>.</p> <p>Ato contínuo, moradores parados junto a uma mureta observam a lama no rio.</p>	A lama está em três municípios do Espírito Santo: Linhares, Baixo Guandu e Colatina, que, há quatro dias, parou de usar água do rio Doce. E o sofrimento dos moradores só aumenta.
<i>Off</i>	Uma grande fila de moradores sob a chuva, em uma rua de Colatina.	Ontem a fila era enorme, e cada pessoa só podia levar dois litros de água mineral.
Sonora	Moradora de Colatina cujo nome não foi creditado na reportagem. Em um dos braços, carrega duas garrafas de água mineral.	Lá em casa são oito pessoas pra dois litros d’água. É difícil, né?
<i>Off</i>	Dezenas de moradores aglomeram-se ao lado de um caminhão e recebem fardos de água mineral, retirados por pessoas que estão sobre o veículo.	Para evitar confusão, como aconteceu quinta-feira, agora é o Exército que distribui a água.
	Em outra imagem, militares	




	entregam água a moradores.	
Passagem	Mário Bonella (repórter) caminha pelo cais de Colatina, com o lamacento rio Doce ao fundo. Ao fim da passagem, o jornalista aponta para um pequeno barco de pesca, atracado junto à margem do rio.	Aqui é o cais da cidade de Colatina, onde os pescadores costumam sair pra pescar. Durante todo o ano, eles já vinham enfrentando muita dificuldade por causa da seca. O rio estava muito raso. Nessa semana, por duas vezes, choveu forte aqui na cidade e elevou o nível do rio Doce, mas a lama veio junto. O barquinho está aqui parado.
<i>Off</i>	À beira do rio Doce, peixes jazem em meio à lama. Enquanto isso, em um <i>lettering</i> , surgem os dizeres “imagens cedidas por Jovander Pinto”.	Na cidade de Baixo Guandu, a primeira que foi atingida pela lama no Espírito Santo, começaram a aparecer dezenas de peixes mortos.
Sonora	Em um curto vídeo de cinegrafista amador, peixes mortos estão jogados em um chão barrento. Ao seu lado, encontram-se dois homens, dos quais aparecem apenas as pernas. Um deles profere o comentário ao lado.	Morrendo tudo aí, ó.

Na planilha abaixo, são aplicadas as categorias de análise aos principais personagens identificados na matéria.

Tabela 10 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 4ª reportagem

Personagem	Contexto de aparecimento	Papel
- A lama	- Além de aparecer em imagens de <i>off</i> , é citada pelo apresentador e pelo repórter. - A chegada da lama ao mar	- Vilã

 	<p>configura o esperado desfecho de uma trajetória.</p>	
<p>- População de municípios do Espírito Santo</p>  	<p>- Aparecem em imagens de <i>off</i>, em duas sonoras e na narração do repórter.</p> <p>- Sofrem efeitos causados pelo avanço da onda de rejeitos, como a falta de água.</p>	<p>- Vítima</p>
<p>- Moradora de Colatina entrevistada</p>	<p>- Surge como entrevistada,</p>	<p>- Vítima</p>

	<p>em uma sonora.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assim como visto nas sonoras da reportagem anteriormente analisada, a fonte aqui não tem o seu nome creditado. 	
<p>- Militares</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparecem por meio de citação do repórter e imagens de <i>off</i>. - Auxiliam na distribuição de água à população. 	<p>- Aliados</p>
<p>- Pescadores</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Citados na sonora, durante a qual o repórter aponta um barco de pesca que, parado, indica as consequências do desastre sofridas pelos pescadores. 	<p>- Vítimas</p>
<p>- Peixes e biodiversidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aparecem mediante citação do repórter e imagens de <i>off</i>. - Utilizados para demonstrar os danos ambientais, à semelhança de enfoque adotado na 3ª matéria do <i>corpus</i>. 	<p>- Vítimas</p>



Com 1 minuto e 21 segundos, essa é a menor reportagem das cinco que integram o material de análise. Ao encontro do que postulam Motta (2010; 2013) e Coutinho (2012) – acerca de narrativa e de dramaturgia do telejornalismo, respectivamente – a matéria oferece à audiência, logo de início, uma situação conflituosa que desencadeia as ações e reações vistas ao longo da história. Tal conflito se dá em virtude do avanço da onda de rejeitos, que deixou pelo caminho um rastro de vultosos e incontáveis problemas. Ao mesmo tempo, a introdução da narrativa, ao abordar a chegada da lama ao mar, apresenta o desenlace do arco dramático enfocado no presente *corpus*.

No âmbito dessa construção, a lama é retratada como **vilã**, à medida que causa uma série de danos e de conseqüente sofrimento. Enquanto avançou ao longo de dois estados, a onda gerou os desdobramentos narrativos que compõem o referido arco, alguns dos quais exibidos nessa matéria. Inicialmente, o repórter contextualiza as “vilanias” da lama, narrando as ações por ela desempenhadas: “já percorreu mais de 600 km”, “mudou a cor da água do rio Doce”, “está em três municípios do Espírito Santo”. Em decorrência do conflito provocado pela vilã, surgem as **vítimas** – nesse caso, a população de cidades capixabas, a moradora entrevistada e os pescadores – e os **aliados** (os militares, que seguem ajudando no abastecimento de água). O padecimento das vítimas é ressaltado pelo jornalista por meio de expressões dramáticas como “o sofrimento dos moradores só aumenta”, “a fila era enorme” e

“o barquinho está aqui parado”. Nessa reportagem, tal como na anterior, nota-se que uma das pessoas atingidas pelo desastre protagoniza sonora e não tem seu nome creditado, em uma prática narrativa moral e jornalisticamente questionável. A adoção desse recurso coletiviza a tragédia, porém desvaloriza dramas e identidades individuais, conforme argumentação presente na análise da 3ª matéria.

No que se refere à passagem, a referência aos pescadores se dá via representação: o repórter aponta para um pequeno barco, parado à beira do rio. A melancólica imagem da embarcação, improdutiva e boiando na água suja, simboliza a mudança de realidade pela qual passam tais trabalhadores. Além disso, a decisão de se gravar a passagem diante de um trecho do rio Doce, integralmente tingido pelo marrom avermelhado dos rejeitos, vale-se da carga visual do desastre, posto que a força imagética da televisão é aqui (e em vários outros momentos da cobertura) utilizada para se retratar um cenário de catástrofe ambiental. A destruição da natureza, uma das principais consequências produzidas pela lama, é abordada na reportagem – que, a exemplo da 3ª matéria analisada, enfoca a mortandade de peixes⁴⁸ como símbolo da condição de **vítimas** a que foram submetidos animais e, de modo geral, a biodiversidade da região. Trabalhando com uma temática e uma estrutura dramática já anteriormente exploradas na cobertura do programa sobre o caso (como visto durante a apreciação da matéria anterior), o repórter tem aqui uma atuação discreta, em um relato cujo tom emula a gravidade dos acontecimentos.

O *JN* emprega, nessa reportagem – assim como na 1ª do *corpus* –, imagens registradas por pessoas que não pertencem à equipe do programa. Verifica-se tal expediente no início e no fim da matéria. As tomadas aéreas que abrem a narrativa (com a lama chegando ao mar) e as imagens de peixes sem vida à beira do rio (durante o último *off*) foram, conforme os créditos exibidos na tela, cedidas por cinegrafistas amadores. No encerramento, insere-se uma imagem de peixes mortos, também de procedência amadora, porém com qualidade técnica significativamente menor do que as anteriores. Tem-se aqui, novamente, a perceptível necessidade do uso de colaborações externas ao telejornal, logisticamente incapaz de cobrir todos os aspectos de uma tragédia ampla e complexa como o caso Samarco.

A quinta reportagem do *corpus*, por fim, apresenta um compilado de novidades relacionadas ao desastre, tais como a realização de manifestações, o trabalho de médicos

⁴⁸ Conforme consta de histórico sobre o caso Samarco desenvolvido no âmbito desta dissertação, foram contabilizados, segundo o Ministério Público Federal (2016), 28 mil peixes mortos no rio Doce, nos primeiros 50 dias do desastre.

voluntários e a solidariedade de artistas estrangeiros. Desenvolvida pelo repórter Fernando Moreira, foi veiculada na mesma edição da 4ª matéria analisada e está transcrita a seguir.

Tabela 11 – Ficha de transcrição da 5ª reportagem

Formato	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
Cabeça	Ana Paula Araújo (apresentadora), na bancada.	O governo de Minas Gerais determinou a criação de um grupo pra avaliar os efeitos do rompimento da barragem, que aconteceu há 16 dias. Hoje manifestantes cobraram mais segurança no trabalho de mineração e punição pela tragédia.
<i>Off</i>	Imagens de uma passeata que percorre ruas de Mariana. Manifestantes empunham cartazes com frases como “Pela dignidade do trabalho!”, “#SomosTodosSamarco”, “Se o minério é a nossa riqueza, de que nos servirá se não puder ser explorado?”, “A Feamma apoia a retomada das atividades da Samarco” e “Fechar não é a solução! Precisamos de trabalho”.	Comerciantes e moradores de Mariana fizeram uma passeata de manhã, pedindo a continuidade da mineração no município, desde que haja mais segurança.
Sonora	Flávio Almeida, comerciante. Ao fundo do entrevistado, aparecem manifestantes da referida passeata.	Não é pró-empresa X ou Y. É porque o nosso município e também toda a região aqui vão ser afetados pela suspensão e paralisação das atividades minerárias.
<i>Off</i>	Outra manifestação é mostrada. Os participantes	No fim da tarde, manifestantes protestaram em frente ao Memorial Minas Gerais Vale,

	<p>dessa, realizada na capital mineira, estão postados diante de um prédio. Em suas mãos, cartazes com dizeres como “Responsabilidade penal ambiental das pessoas jurídicas”.</p>	<p>em Belo Horizonte. Eles cobravam punição para os responsáveis pela tragédia de Mariana.</p>
<i>Off</i>	<p>Imagens de barragens da Samarco e de uma central de videomonitoramento.</p>	<p>Ainda há risco de novos rompimentos na região. A mineradora Samarco, que pertence à companhia Vale e à BHP, diz que está monitorando as barragens de Germano e de Santarém e que sirenes vão ser disparadas em caso de emergência, o que não aconteceu quando a Barragem...</p>
<i>Off</i>	<p>Neste trecho do <i>off</i>, aparecem tomadas da lama avançando em meio à natureza e da destruição ocasionada pela onda.</p>	<p>... de Fundão se rompeu, no começo do mês. Toneladas de rejeitos de mineração encobriram comunidades inteiras.</p>
Passagem	<p>Fernando Moreira (repórter) caminha em Bento Rodrigues e arranca do chão um pedaço de lama seca. Ato contínuo, aponta para o horizonte atrás de si, ao longo do qual o lodo se estende. Na sequência, um grupo de quatro pessoas (um homem e três mulheres, todos jovens) surge à esquerda da tela, caminhando em direção ao repórter.</p>	<p>Os sinais da tragédia ainda são muito fortes nos distritos. A gente vê aqui os rastros da lama, o resto de minério misturado com terra e, aqui atrás, toda a imensidão do vale. As pessoas que querem ainda chegar aos distritos precisam seguir a pé, porque a estrada continua interditada.</p>
<i>Off</i>	<p>Os indivíduos que aparece-</p>	<p>Esses médicos voluntários se esforçam pra</p>

	ram ao fim da passagem observam a lama na localidade. São médicos voluntários, conforme mencionado pelo repórter no <i>off</i> .	chegar até 28 famílias que não quiseram deixar suas casas.
Sonora	Daiana Elias, médica. Ao fundo da jovem profissional, o cenário enlameado de Bento Rodrigues.	Agora, a longo prazo, a gente vai avaliar essa questão dos minerais, dos metais pesados, que podem ter impacto pra saúde da forma mais diversa.
<i>Off</i>	Em Barra Longa, caminhões lançam água sobre as vias embarradas da cidade.	Outros voluntários começaram a limpar as ruas de Barra Longa, um dos 35 municípios atingidos pelos rejeitos da barragem. A tragédia completou 16 dias...
<i>Off</i>	Em um depósito repleto de roupas e alimentos, voluntários organizam tais doações.	... e comoveu milhares de pessoas.
<i>Off</i>	Sob o crédito “imagens de cinegrafista amador”, surge o registro em vídeo de um <i>show</i> da banda <i>Pearl Jam</i> . Tais imagens compõem, com a sonora seguinte, um plano sequencial, sem cortes aparentes.	A banda norte-americana <i>Pearl Jam</i> anunciou que vai doar o cachê do <i>show</i> de ontem, em Belo Horizonte, para as vítimas. Em português, o vocalista Eddie Vedder falou sobre o desastre ambiental em Mariana.
Sonora	Eddie Vedder, vocalista da banda <i>Pearl Jam</i> . Fala captada durante apresentação do grupo musical.	Sejam punidos, duramente punidos e cada vez mais punidos, para que nunca esqueçam o triste desastre causado por eles.
Nota-pé	Ana Paula Araújo (apresentadora), na bancada.	A mineradora Samarco disse que respeita o direito à manifestação, dentro dos limites da lei e de forma pacífica.

A partir das categorizações embasadas em Coutinho (2012), procede-se, na tabela abaixo, à correlação entre personagens, papéis e formas de aparecimento.

Tabela 12 – Papéis e contextos de aparecimento dos personagens na 5ª reportagem

Personagem	Contexto de aparecimento	Papel
<p>- Manifestantes em Mariana</p> 	<p>- Aparecem mediante citação da apresentadora e do repórter, bem como por meio uma sonora e de imagens de <i>off</i>.</p> <p>- Em uma passeata, defendem o reinício das operações da Samarco.</p>	<p>- Aliados (da mineração)</p>
<p>- Flávio Almeida</p> 	<p>- O comerciante aparece em uma sonora, na qual verbaliza o ponto de vista dos que querem a retomada das atividades de mineração em Mariana.</p>	<p>- Aliado (da mineração)</p>
<p>- Manifestantes em Belo Horizonte</p>	<p>- Citados pela apresentadora e pelo repórter, aparecem também em imagens de <i>off</i>.</p>	<p>- Aliados (das vítimas)</p>

 	<p>- Protestam em Belo Horizonte contra as empresas responsáveis pelo desastre.</p>	
<p>- Samarco</p>  	<p>- É citada pelo repórter e aparece por meio de imagens de suas ações.</p> <p>- A narrativa apresenta iniciativas da empresa e, ao mesmo tempo, as desqualifica.</p>	<p>- Vilã</p>
<p>- Bento Rodrigues</p>	<p>- Surge em imagens de <i>off</i>.</p> <p>- A destruição da localidade é mostrada em contraponto às alegações da</p>	<p>- Vítima</p>

	<p>Samarco.</p>	
<p>- Médicos voluntários</p> 	<p>- Aparecem na reportagem em imagens de <i>off</i>, na fala do repórter e em uma sonora. Além disso, adentram a narrativa durante a passagem.</p> <p>- Prestam ajuda gratuita às vítimas de Bento Rodrigues.</p>	<p>- Aliados (das vítimas)</p>
<p>- Daiana Elias</p> 	<p>- Aparece em imagens de <i>off</i>, mediante citação do repórter e como entrevistada em uma sonora.</p> <p>- A médica voluntária atenta para os impactos da lama à saúde pública.</p>	<p>- Aliada (das vítimas)</p>
<p>- Eddie Vedder e banda <i>Pearl Jam</i></p>  <p>punidos para que nunca esqueçam o triste desastre causado por eles.</p>	<p>- Além da citação do repórter, aparecem por meio de imagens de seu <i>show</i>. Uma fala do vocalista torna-se, aqui, a sonora que encerra a matéria.</p> <p>- Solidarizam-se com as vítimas, às quais doam recursos financeiros.</p>	<p>- Aliados (das vítimas)</p>

A abertura da reportagem destaca a ocorrência de duas manifestações de rua, realizadas com finalidades distintas (e, até certo ponto, divergentes): uma delas em Mariana, onde parte da população reivindica que a Samarco volte a funcionar, e outra em Belo Horizonte, que pede punição pela tragédia. No que tange ao primeiro protesto, a abordagem do *JN* direciona-se a um aspecto em particular: a segurança dos trabalhadores da empresa. Contudo, o mote principal dessa manifestação é mais amplo – a retomada da mineradora –, como evidenciado pela sonora de um comerciante e pelas faixas e cartazes erguidos pelos manifestantes (com dizeres como “#SomosTodosSamarco” e “Fechar não é a solução! Precisamos de trabalho”). Em dois momentos, pode-se observar esse viés reducionista adotado pela emissora: na cabeça da matéria, a apresentadora diz que “manifestantes cobraram mais segurança no trabalho de mineração”; e, no primeiro *off*, o repórter refere que a passeata demanda “a continuidade da mineração no município, desde que haja mais segurança” – ou seja, enquanto a cabeça sequer menciona o desejo popular pela volta da Samarco, o *off* o faz, porém vincula essa pauta à da segurança. Tal enfoque suscita a impressão de que o *JN* teme dizer, de forma explícita, que há um grupo significativo de pessoas pedindo o retorno da empresa. Entretanto, embora o repórter e a apresentadora não enfatizem verbalmente essa reivindicação, ela é ressaltada na sonora e em imagens de *off*, de modo que o telejornal parece tentar noticiá-la sem se comprometer – mostrando o suficiente para dar ao telespectador condições de percebê-la. A fala dos jornalistas, que supervaloriza o subtema específico da segurança, vai de encontro com outros elementos da narrativa ao não mencionar abertamente a eventual retomada da Samarco (no máximo, a “continuidade da mineração”, como dito pelo repórter). Dessa forma, se estrutura um discurso não ostensivo que, em tese, não gera motivos graves para ferir suscetibilidades da audiência nem facilita eventual acusação de que o programa esteja apoiando as mineradoras.

Ao passo que o tratamento conferido à primeira manifestação denote um esforço do telejornal em não abraçar o lado das empresas, percebe-se que não existe constrangimento em negar voz a outros pontos de vista. Ao contrário do que ocorre com o primeiro protesto, não há sonora na cobertura do segundo. O espaço dado às duas marchas populares é diferente, com vantagem para a que é favorável à reativação da Samarco. Afora o sucinto conteúdo dos cartazes mostrados, não se sabe os argumentos em que se baseiam os manifestantes pró-punição. A propósito, não é feita uma problematização minimamente aprofundada dos dois movimentos, abordados de maneira leviana na reportagem. Mesmo no caso do primeiro, em que se utiliza uma breve sonora, esta não oferece subsídios consistentes para se compreender

as reivindicações de forma satisfatória – o entrevistado afirma que o município e a região serão “afetados” pela paralisação das atividades minerárias, porém não se especifica, por exemplo, quais prejuízos devem ocorrer. Só se conhece o propósito geral de ambos os grupos, compostos por **aliados** da mineração e das vítimas.

A reportagem ratifica uma construção narrativa (constatada também em edições anteriores do programa) segundo a qual a Samarco é considerada a **vilã** da história. Ao citar a possibilidade de novos rompimentos, o repórter traz a versão da empresa sobre o assunto, mas imediatamente a contesta: “A mineradora (...) diz que está monitorando as barragens de Germano e Santarém e que sirenes vão ser disparadas em caso de emergência, o que não aconteceu quando a Barragem de Fundão se rompeu, no começo do mês”. Ainda que o programa abra espaço para a companhia se posicionar, a credibilidade desta é colocada à prova pelo referido contraponto, que remete à tragédia recém-eclodida. Àquela altura dos acontecimentos, transcorridas cerca de duas semanas do desastre, a responsabilização da Samarco estava consolidada para o *JN*. A reportagem corrobora tal enfoque ao trazer, logo após a referência à manifestação da empresa, imagens da onda de lama e da devastação por ela ocasionada em Bento Rodrigues – localidade que surge, aqui, como a **vítima** cujo explícito padecer deslegitima, por contraste, as distantes e assépticas explicações organizacionais.

A parte final da matéria mostra **aliados** das vítimas que, de diferentes formas, prestam ajuda, com destaque para os médicos voluntários e a banda *Pearl Jam*. Os primeiros aparecem durante a passagem do repórter, indo em direção a Bento Rodrigues com o intuito de atender famílias que seguem morando na comunidade. Uma das profissionais concede entrevista, na qual aborda os problemas decorrentes do contato humano com metais pesados. Já os artistas prestam solidariedade aos atingidos, aos quais doam dinheiro e manifestam apoio por meio de seu vocalista, Eddie Vedder. A fala do cantor em um *show* é registrada por um cinegrafista amador, em mais uma demonstração do uso intenso, nessa cobertura, de contribuições oriundas de fora do telejornal. E o repórter, por fim, reproduz o mesmo papel desempenhado por seus colegas na maioria das matérias anteriormente examinadas: comporta-se como um narrador displicente, um coletor de fatos que os conta de modo superficial. O único esforço mais consistente de sua parte é o de autenticação do relato, em virtude de sua própria presença no ambiente barrento e destruído de Bento Rodrigues, de cujo solo retira com a mão um pedaço de lama ressecada.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.*

*Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!*

*A dívida interna
A dívida externa
A dívida eterna.*

*Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?*

(Carlos Drummond de Andrade, Lira Itabirana, 1984)

O caso Samarco é um desastre histórico que circunscreve uma série de acontecimentos, como o rompimento da barragem, a destruição de povoados, o avanço da lama através de dois estados, a chegada dos rejeitos ao mar etc. Ao romper a “superfície lisa da história”, conforme dito por Rodrigues (2016, p. 51), um fato deve se tornar notícia à medida que reúne determinadas características – como a imprevisibilidade, por exemplo.

De acordo com Charaudeau (2007), na constituição de um acontecimento potencialmente noticiável, o que não é previsível está relacionado à surpresa, ao que não se espera. Sendo assim, vale perguntar: até que ponto o caso Samarco era imprevisível? A cobertura de desastres, como visto na fundamentação teórica desta dissertação, costuma ser meramente reativa. Há um silenciamento sistemático do Jornalismo acerca de riscos socioambientais, o que outorga à mídia parcela de culpa e de cumplicidade sobre tragédias como a que eclodiu em Mariana. Na Sociedade de Risco (BECK, 2010), o enfrentamento de situações iminentemente perigosas somente pode ocorrer após a percepção social desse perigo. E cabe a diversos atores sociais, entre os quais os jornalistas, trazer à tona o que está oculto e detém interesse público. Imerso em uma cultura profissional de imediatismo e superficialidade, o Jornalismo brasileiro (incluído aqui o *JN*) falhou ao não noticiar os riscos de rompimento da barragem da Samarco – e, mesmo após essa tragédia, erra ao deixar de se preocupar com possíveis problemas de outras barragens. Conforme mencionado no histórico

do caso, os riscos de Fundão existiam e eram conhecidos de órgãos como o Ministério Público.

Embora previsto, o caso Samarco é inquestionavelmente noticiável. Encará-lo na perspectiva de tragédia (não) anunciada – ou seja, antecipada por laudos técnicos que, antes da irrupção do desastre, nunca foram noticiados – representa o principal desafio desta pesquisa. Ao tratar de um complexo desastre socioambiental estritamente sob a ótica de seus efeitos, que tipo de cobertura o Jornalismo desenvolve? Como este age diante de uma tragédia com inédita magnitude? Como se comportam, nesse caso, a mídia hegemônica, a Rede Globo, o *JN*? Movida por essas e outras perguntas, a presente dissertação está buscando respondê-las a partir de uma análise da narrativa jornalística. Para tanto, a partir de contribuições de pesquisadores como Motta (2010; 2013) e Coutinho (2012), estabelece outras questões: de que maneira o telejornalismo aciona seus personagens? Que papéis lhes atribui? A quem trata como vítima, vilão, herói etc.? E, ao executar tais construções, o que diz e o que deixa de dizer?

As **vítimas** do caso Samarco protagonizaram a maior parte das reportagens analisadas. Em vista da grandiosidade da tragédia, era impossível, para o Jornalismo, escondê-las; mostrá-las permitiu à audiência ver os fatos além da frieza dos números. Esses personagens assumiram, inclusive, diferentes posições ao longo do *corpus*. A mais explorada foi a própria condição de padecimento das vítimas, ressaltada pela alta carga emocional das falas (tanto as das fontes como as dos repórteres) e também pela contundência das imagens veiculadas. Ainda que o meio ambiente também tenha sido apresentado como vítima, preponderou o enfoque nas pessoas atingidas, que representaram a dimensão humana do desastre: pescadores, trabalhadores da Samarco, moradores desabrigados e desabastecidos. No auxílio humanitário à população afetada, coadjuvantes pontuais (como militares e moradores não atingidos pelo desastre, entre outros) serviram como **aliados** estratégicos – cujo acionamento dramático contribuiu para adicionar nuances e elementos à jornada narrativa das vítimas, complexificando a construção de tais personagens.

No decorrer do arco dramático analisado na pesquisa, constataram-se alterações no tom da abordagem praticada pelo telejornal. A primeira reportagem tratou dos impactos iniciais da lama em Bento Rodrigues: diante de um fértil mosaico de emoções por parte dos moradores, o *JN* estruturou uma história que partiu da tristeza desesperada de uma testemunha ocular, na primeira sonora, para se encerrar com um momento de alegre reencontro entre mãe e filha. Tal desenlace suscitou a sensação de que “nem tudo estava perdido”, em uma

construção artificial que, mais do que informar, pareceu querer proporcionar uma experiência palatável ao telespectador (também nesse enfoque voltado ao lado positivo da realidade, a matéria inclusive apresentou uma das vítimas como **herói**, na única ocorrência desse papel verificada no material de análise). Entretanto tal reportagem constituiu exceção à postura assumida pelas demais, permeadas por uma perspectiva pessimista, que se evidenciou no desfecho de cada narrativa – com lúgubres imagens de peixes mortos ou o lamento de uma moradora de que “o rio acabou”, por exemplo. É sintomático que tenha havido explicitamente, por parte do programa, um espasmo inicial de otimismo suplantado por uma crescente desesperança em relação ao desastre. Nos primeiros dias da cobertura, eram desconhecidas as reais dimensões da tragédia, descobertas à medida que a onda avançava. Frente a esse contexto, os jornalistas envolvidos na pauta, assim como a sociedade em geral, se apropriaram melhor dos fatos com o passar do tempo, razão pela qual a referida mudança de tom no discurso jornalístico oferece fortes indícios de que, inicialmente, tais profissionais subestimaram a gravidade do caso – a ponto de que o *JN* se permitiu adotar, no começo da cobertura, uma abordagem levemente esperançosa, a qual não foi mais repetida durante o *corpus*.

Na construção narrativa do telejornal, as vítimas somente existiram como tal em contraposição a uma **vilã** – no tocante a esse papel (desempenhado por duas diferentes personagens), a primeira matéria destoou novamente das outras. Naquela, a onda de rejeitos foi apontada como a única culpada pelos danos mostrados, em uma abordagem patentemente insensata, visto que a lama não tem rosto nem CNPJ. E não é responsável por si mesma. Todavia, a partir da segunda reportagem analisada, a Samarco despontou como vilã. Tal enfoque se deu em diversos momentos: na fala de um promotor público que, inserida no fechamento da segunda matéria, ecoou como a palavra final da narrativa ao impingir a responsabilidade do desastre à empresa; nos *offs* em que a versão da mineradora, dita pelo repórter, foi coberta por (ou seguida de) imagens da devastação gerada pela lama, as quais têm uma capacidade de impacto amplamente maior do que qualquer discurso verbal; e nas ocasiões em que a fala do jornalista contrapôs e desqualificou as explicações da Samarco.

No processo de vilanização da empresa, dois elementos desempenharam função importante. Um deles é o conjunto de imagens da lama e de seus rastros, desde o arrasamento de Bento Rodrigues até a escura mancha que invadiu o oceano. São registros visuais que falam por si mesmos e que se tornaram imagens-sintoma (CHARAUDEAU, 2009), posto que extremamente fortes e simbólicos – ao mesmo tempo em que tais cenas representam

especificamente o caso Samarco, também evocam ideias universais (como as de morte, tristeza e destruição). O telejornal empregou essa incisiva carga imagética na apresentação da empresa como vilã, pois as tomadas da lama vieram acompanhadas de referências verbais à Samarco, o que fortaleceu narrativamente a inevitável conexão entre desastre e mineradora. Também em relação às imagens da tragédia, cabe destacar a variada procedência dos registros visuais que, após filtragem, compuseram as matérias. Ao se valer de colaborações de cinegrafistas amadores, o *JN* incorporou à sua narrativa uma profusão de olhares. Essa inserção demonstra a ampla possibilidade tecnológica de a população registrar fatos de interesse jornalístico e sinaliza o reconhecimento, por parte do programa, da sua própria incapacidade de se fazer presente em todos os locais onde a notícia acontece. O segundo fator que colaborou para a construção da vilã foi a presença de personagens que, habituais detentores de credibilidade junto à opinião pública, atuaram aqui como **fiscais**: ao acionar representantes do Corpo de Bombeiros, do Ministério Público e do órgão ambiental de Minas Gerais, o programa acabou ratificando – a partir da insuspeição desses atores – a condição de culpada atribuída à empresa.

Conforme visto anteriormente no histórico da tragédia, a Samarco é controlada de modo igualitário por duas multinacionais, as quais foram poupadas de qualquer responsabilização ao longo da cobertura analisada. Ainda que Vale e BHP tenham sido tangencialmente citadas, não apareceram como vilãs em nenhuma ocasião, ao contrário da Samarco, apontada como a grande responsável pelo desastre. Em certo momento, inclusive, a Vale foi retratada como autora de uma ação positiva, ao ajudar a abastecer as vítimas – e, posteriormente, quando acusada de ter fornecido água imprópria para consumo da população, ganhou do *JN* o benefício da dúvida, ocupando a posição neutra (e, dado o contexto, vantajosa) de **personagem misterioso**. A decisão do telejornal de distinguir narrativamente a Samarco, a Vale e a BHP (distanciando a primeira das outras, como se tivessem papéis diferentes nessa história) soa irresponsável se se levar em conta a notória relação de controle e de hierarquia existente entre as companhias maiores e a menor. Se, no primeiro momento, a lama recebeu toda a culpa, esta acabou depois recaindo exclusivamente sobre a Samarco, de forma bastante conveniente para a Vale e a BHP. Outras pesquisas poderão investigar as causas dessa abordagem jornalística, que condena a Samarco e preserva suas proprietárias. Nesses estudos, não deverá ser desconsiderado o fato de que o caso envolve grandes corporações, cujos interesses econômicos frequentemente se coadunam com os da mídia

hegemônica – em relações que movimentam, por exemplo, altos investimentos financeiros em publicidade.

Narrar um desastre socioambiental com a grandiosidade desse caso é, evidentemente, uma missão desafiadora para um jornalista. Porém, as dificuldades inerentes a essa cobertura não justificam que os repórteres nela envolvidos relativizem preceitos fundamentais da profissão (e a curta duração das matérias, habitual em telejornais de *hard news*, não exige práticas equivocadas). Na maioria das reportagens aqui enfocadas, não houve o mínimo aprofundamento exigido pela pauta. De modo geral, os repórteres comportaram-se como narradores burocratas que se limitaram a relatar a superfície dos fatos, camuflando tal displicência sob recursos discursivos de dramatização, tais como pungentes expressões populares. Ante a complexidade dos acontecimentos, fazia-se necessário um esforço maior de contextualização – como, por exemplo, na segunda matéria, que apresentou um histórico de incidentes envolvendo barragens sem citar as causas de tais ocorrências, e na quinta, em que a menção a duas manifestações populares se deu de maneira apressada, protocolar e pouco informativa. Nessa última, também não houve equidade na concessão de espaços de fala a atores sociais divergentes, o que vai de encontro com o postulado pelas diretrizes do Jornalismo Ambiental, que defende a abertura à diversidade de saberes (LEFF, 2009) e à pluralidade de fontes (GIRARDI; LOOSE; CAMANA, 2015).

No que tange à atuação dos repórteres, a matéria de Ismar Madeira, segunda do *corpus*, diferenciou-se das outras. Ao dar voz a diferentes pontos de vista, o referido jornalista assumiu a função de **mediador**, articulando versões e enriquecendo, assim, o conteúdo oferecido ao telespectador. Em sua reportagem, apareceu uma figura dramática ausente nas demais: a dos **especialistas** – que são, em princípio, indispensáveis no tratamento de temas técnicos. Esse papel foi desempenhado pela Samarco (representada por seus diretores) e por um professor de sismologia. A matéria também abriu espaço a uma **autoridade**, o governador de Minas Gerais, que abordou medidas emergenciais executadas em reação à tragédia. Ainda que a narrativa de Madeira tenha sido a mais plural em termos de fontes, o restante das reportagens careceu de especialistas para explicar e contextualizar o desastre. Devido às dimensões do *corpus* (limitado ao tempo disponível para a consecução de uma pesquisa de mestrado), não se pode assegurar categoricamente que tais personagens estejam ausentes de outras reportagens do *JN*, externas ao material analisado. Entretanto, o método aqui aplicado ensejou o exame de todas as reportagens de três edições, o que permitiu concluir que, no contexto desse trio de programas, não se tomou o cuidado (com exceção da matéria de

Madeira) de mostrar entrevistados com perfil técnico e especializado. Tampouco houve a presença de ambientalistas ou de representantes de entidades voltadas à temática dos recursos hídricos, tais como, por exemplo, comitês de bacia hidrográfica.

A dissertação analisou o trabalho de quatro repórteres de atuação generalista – Ricardo Soares, Ismar Madeira, Mário Bonella e Fernando Moreira –, que podem ser vistos rotineiramente nos telejornais da Rede Globo cobrindo diferentes pautas e que desenvolveram suas matérias com o apoio de uma série de outros profissionais. O conjunto de jornalistas envolvidos nessa cobertura representa precioso objeto de estudo; se entrevistados, podem fornecer pertinentes subsídios a pesquisas que buscarem averiguar as intenções que os moveram e refletir sobre o seu nível de preparo para lidar com esse tipo de assunto. Na presente análise, focada nos sentidos suscitados pela narrativa do telejornal, constatou-se que os repórteres empregaram um tom dramático e consternado – por vezes, no limiar da resignação (especialmente ao retratar as vítimas). Tal abordagem indica que não houve uma busca pela imparcialidade. Porém não se fez um questionamento efetivo e fundamentado dos fatos, cuja gravidade exigia um viés mais crítico do que o adotado.

Cabe aqui recordar reflexão constante do referencial teórico do trabalho, feita por André Trigueiro (2003), repórter da Rede Globo. O autor postula que o Jornalismo se posicione “em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger a relação do homem com a natureza” (TRIGUEIRO, 2003. ps. 88 e 89). Ao longo do *corpus*, o tratamento superficial do caso e a condescendência com as multinacionais envolvidas explicitaram a ausência de uma abordagem voltada ao interesse público e ao objetivo de evidenciar meandros e interesses por trás das aparências. Nesse caso, os ensinamentos de Trigueiro (2003) não foram transpostos para o campo da prática. Nas matérias analisadas, faltou contestação e sobrou lamento. Denotando solidariedade às vítimas, os repórteres adotaram uma atitude reativa, marcada por tristeza, pessimismo e perplexidade. Se tivessem somado tais sentimentos a uma consciência crítica, poderiam ter abordado e problematizado a mesma pauta – a onda de lama e o drama das vítimas – de maneira mais contextualizada, explicando os possíveis porquês de toda aquela dor. Nesse caso, reuniriam condições de levar à audiência informações qualificadas e, assim, contribuir para a construção de cidadania e a formação de opiniões.

Passados mais de dois anos, o caso Samarco está ainda muito distante de qualquer solução. Embora permaneça atual, corre o risco de ser esquecido por parcela significativa da população, devido aos poderosos interesses econômicos envolvidos e ao irrefreável fluxo de

informações que abarca a sociedade contemporânea. Assim como o Jornalismo, a Academia tem o dever de fomentar o debate sobre essa catástrofe, a fim de que não se repita. É imprescindível que vários outros estudos sejam elaborados acerca desse tema, tanto no campo da Comunicação como nos demais. Faz-se necessário apontar e discutir, por exemplo, a ocorrência de coberturas mal desenvolvidas, como a que aqui se analisou. Por meio do estudo da narrativa e dos personagens, foi possível constatar que o *JN*, em sua abordagem sobre o caso, não atuou com a responsabilidade social e ambiental que se espera das práticas jornalísticas. Diante de um desastre previsível, agiu com negligência ao noticiar de forma extremamente limitada um acontecimento que já deveria ter sido problematizado antes. Afinal, quantos casos Samarco ainda terão de ocorrer para que o Jornalismo, personagem controverso e indispensável, cumpra adequadamente seu papel?

9 REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALVES, Mariana Carareto. **Os desafios para a relação das organizações com a sociedade conectada**: um estudo dos comentários no Facebook da Samarco após o acidente em Mariana (Minas Gerais, Brasil). Dissertação (Mestrado em Comunicação). Bauru: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152185>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

AMARAL, Márcia Franz; ASCENCIO, Carlos Lozano. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 130, dez. 2015-mar. 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5792115.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

ASCENCIO, Carlos Lozano; CALERO, Maria Luisa Sánchez; CORRAL, Enrique Morales. **Periodismo de riesgo y catástrofes**: en los telediarios de las principales cadenas de televisión en España. Editorial Fragua: Madrid, 2017.

BACCHETTA, Víctor L. **Aratirí y otras aventuras**: las soberanías cuestionadas. Montevidéo: Doble Clic Editoras, 2015.

BANERJEE, Subhabrata Bobby. **Necrocapitalism**. Londres: University of London City, 2008. Disponível em: <http://openaccess.city.ac.uk/6088/1/Necrocapitalism_OS2008FINAL2.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

BELMONTE, Roberto Villar; CAMANA, Ângela; LOOSE, Eloisa Beling. O que não é dito pode não ser percebido: a (não) cobertura jornalística dos riscos ambientais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., 2016, Palhoça. **Anais eletrônicos**. Palhoça: SBPJor, 2016. Comunicação coordenada. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2016/paper/viewFile/146/79>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BIRD, Elizabeth S.; DARDENNE, Robert. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016. p. 359-376.

- BLÁZQUEZ, Niceto. **Ética e meios de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BOLADOS, Paola; CASTRO, Edna; ZHOURI, Andréa. Introdução. In: BOLADOS, Paola; CASTRO, Edna; ZHOURI, Andréa (Org.). **Mineração na América do Sul: neoextrativismo e lutas territoriais**. São Paulo: Annablume, 2016. p. 9-19.
- BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BRITTOS, Valério Cruz. A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 31, p. 9-34, 1. sem. 1999.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. Informação, emoção e imaginários a propósito do 11 de Setembro de 2001. In: DAYAN, Daniel (Org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 71-86.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.
- COMITÊ BRASILEIRO DE BARRAGENS. **Barragens de rejeitos no Brasil**. Rio de Janeiro: CBDB, 2012.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- COSTA, Flávio Ernani da. **Ciberjornalismo: a retextualização da notícia instantânea no Estado de Minas**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Belo Horizonte: Cefet-MG, 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4773023. Acesso em: 5 jan. 2018.
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora–MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- DUARTE, Geraldo. **Dicionário de administração e negócios**. Kindle Edition, 2011. Disponível em: <http://www.univas.edu.br/menu/biblioteca/servicosOferecidos/livrosDigitalizados/administracao/DicionariodeAdministracaoeN-GeraldoDuarte.pdf>. Acesso em 5 jan. 2018.
- EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

FERNANDES, Ana Paula Campos. **Vertentes territoriais do Rio Doce**: o rompimento da barragem de Fundão e a cobertura jornalística do Diário do Rio Doce. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Governador Valadares: Univale, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5012641>. Acesso em: 5 jan. 2018.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GARCIA, Ricardo. **Sobre a terra**: um guia para quem lê e escreve sobre ambiente. Lisboa: Público, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GILBERT, Claude. Studying disaster: changes in the main conceptual tools. In: QUARANTELLI, Enrico Louis. **What is a disaster?** Perspectives on the question. Routledge: London e New York, 1998. p. 11-18.

GIRARDI, Ilza; LOOSE, Eloísa Belling; CAMANA, Ângela. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewFile/58452/35501>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

JORNAL NACIONAL. Rede Globo. **Autoridades tentam descobrir causa do rompimento de barragem em MG**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/autoridades-tentam-descobrir-causa-do-rompimento-de-barragem-em-mg/4592067/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

_____. Rede Globo. **Equipes trabalham para encontrar desaparecidos após acidente em MG**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/equipes-trabalham-para-encontrar-desaparecidos-apos-acidente-em-mg/4592109/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

_____. Rede Globo. **Justiça bloqueia R\$ 300 milhões da mineradora Samarco**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/justica-bloqueia-r-300-milhoes-da-mineradora-samarco/4608187/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

_____. Rede Globo. **Médicos voluntários levam ajuda a moradores atingidos por lama em MG**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/medicos-voluntarios-levam-ajuda-a-moradores-atingidos-por-lama-em-mg/4625818/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

_____. Rede Globo. **No ES, mancha de poluição começa a chegar à praia na foz do Rio Doce**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/no-es-mancha-de-poluicao-comeca-a-chegar-a-praia-na-foz-do-rio-doce/4625801/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 3, v. 34, 2009. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/9515/6720>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

MARQUES, Inês da Fonseca Matias. **A construção da personagem nas narrativas do jornalismo digital**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: <<http://dp.uc.pt/recursos/trabalhos-academicos/item/221-construcao-da-personagem-nas-narrativas-do-jornalismo-digital>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2010.

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. A evolução da pesquisa sobre o agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000. p. 125-135.

MEDEIROS, Cíntia Rodrigues de Oliveira. **Inimigos públicos: crimes corporativos e necrocorporações**. Tese de Doutorado. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2013. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10752/TESECINTIA1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

MIANO, Bárbara. **Comunicação organizacional e efeitos pathêmicos do discurso**. Caso Samarco: um mar de lama ou de emoções? Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27092017-114753/pt-br.php>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**, Rev. Sociol., USP, São Paulo, 11 (1), p. 197-208, mai. 1999.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Ação civil pública com pedido de liminar inaudita altera pars**. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/docs/acp-samarco>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 61-81.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 143-167.

PEDROTTI, Janaina Sarah. **Jornalismo em processo**: dinâmicas da cobertura socioambiental na imprensa brasileira. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2016. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19736>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

PEIXINHO, Ana Teresa. Procedimentos retórico-narrativos de construção de personagens jornalísticas: o caso do jornal Expresso durante o verão de 2013. **Revista de Estudos Literários**, Coimbra, n. 4, dez. 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9968719/PROCEDIMENTOS_RETORICO-NARRATIVOS_DE_CONSTRUC_A_O_DE_PERSONAGENS_JORNALISTICAS_O_CASO_DO_JORNAL_EXPRESSO_DURANTE_O_VERA_O_DE_2013](https://www.academia.edu/9968719/PROCEDIMENTOS_RETORICO-NARRATIVOS_DE_CONSTRUC_A_O_DE_PERSONAGENS_JORNALISTICAS_O_CASO_DO_JORNAL_EXPRESSO_DURANTE_O_VERAO_DE_2013)>. Acesso em 5 jan. 2018.

PORCELLO, Flávio. Sensacionalismo, espetacularização e visibilidade: as notícias sobre as mortes de Chico Anysio e Millôr Fernandes nos telejornais. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (Orgs.). **Jornalismo e Acontecimento**: diante da morte. Vol. 3. Florianópolis: Insular, 2012.

PORCELLO, Flávio; CARVALHO, Douglas; FREITAS, Fabiana Rossi da Rocha; BRITES, Francielly. O telejornalismo e a cobertura de desastres ambientais: uma análise do caso Samarco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0683-1.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016. p. 51-59.

SANTOS, Juliana Frandalozo Alves dos. **Do desastre para o risco**: qualidade na cobertura em revistas semanais de informação. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128973>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Pesquisa Brasileira de Mídia – 2016**. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

_____. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 233-246.

_____. **Teorias do Jornalismo – Volume 1: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012.

TRIGUEIRO, André. Meio ambiente na Idade Mídia. In: TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 75-89.

VALENCIO, Norma; VALENCIO, Arthur. Cobertura jornalística sobre desastres no Brasil: dimensões sociopolíticas marginalizadas no debate público. **Anuario electrónico de estudios em Comunicación Social “Disertaciones”**, Bogotá, n. 2, v. 10, jul.-dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.urosario.edu.co/index.php/disertaciones/article/download/4791/3851>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLTON, Dominique. **Elogio ao grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

APÊNDICE

Pesquisar (não) é preciso

Aqui vai um breve depoimento. A primeira pessoa do singular não foi, até agora, utilizada no texto desta dissertação (exceto nos agradecimentos e na transcrição de sonoras). Explico o porquê: ao longo do mestrado, trilhando o meu “arco dramático” de pesquisador, fiquei inevitavelmente comovido e indignado com o caso Samarco. Por isso, adotei esse distanciamento linguístico para evitar ao máximo que meus sentimentos frente a essa catástrofe pudessem prejudicar o resultado final do trabalho. Mesmo ciente de que não há pesquisa imune à subjetividade de seu(s) autor(es), vivenciei um impasse durante dois anos: por um lado, busquei me policiar para que a angústia e a revolta provocadas pelo desastre não comprometessem a racionalidade necessária à produção científica; e, por outro, procurei não permitir que o meu olhar se acostumassem à lama, ao caos, ao absurdo de tudo isso. Tentei dosar razão e emoção para que conseguisse refletir sobre a tragédia sem me tornar insensível a ela.

Por vezes, tive de interromper vídeos e leituras porque, diante de algumas situações, meus olhos ficavam marejados. Nesses momentos, precisava parar e respirar fundo – e, então, o que me impulsionava a seguir em frente era a oportunidade, propiciada pela Academia, de colaborar para o enfrentamento dessa catástrofe. Este trabalho cumpre, obviamente, uma obrigação curricular, mas me moveu o fato de que sempre estive em jogo algo muito maior do que uma dissertação: havia (e segue em curso) um desastre socioambiental que precisa de reparação. O pior já visto em meu país. Melhorar a sociedade em que vivo é um sonho que tenho como cidadão e uma responsabilidade que carrego como aluno de uma relevante universidade pública brasileira. Por meio da presente pesquisa – elaborada em um mestrado que me proporcionou grandes e valiosos aprendizados –, espero contribuir para que essa tragédia não caia no esquecimento.

ANEXO

O CD abaixo contém:

- Esta dissertação em versão PDF.
- Os vídeos das reportagens do *JN* utilizadas na análise.